



O ANFÍBIO

O Anfíbio levá-lo-á de volta ao tempo em que a pesca submarina ainda não fizera o Mundo do Silêncio contar seus segredos em grande escala, como hoje, e apresentará a você a previsão do oceano controlado pela humanidade feita em 1928 por Alexandr Belyaev.

Um monstro marinho apareceu no Rio da Prata. O espanhol Zurita, cuja ambição supera suas superstições, tenta aprisioná-lo e obrigá-lo a pescar pérolas para ele, mas falha.

Enquanto a ação se desloca do fundo do mar para o barco do espanhol e volta novamente, com intervalos no ensolarado Buenos Aires e no campo, o mistério de Iquitiandro, o monstro marinho, é desenvolvido diante do leitor numa narrativa tão emocionante quão informativa.



Alexandr Romanovich Belyaev (Александр Романович Беляев) - 1884-1942 - foi um autor russo e soviético de ficção científica. Seus trabalhos nos anos 1920 a 1930 fizeram dele uma figura altamente respeitada na ficção científica soviética. Os trabalhos publicados por Belyaev incluem *Professor Titular Dowell*, *O Anfíbio*, *Ariel*, e *Star Kets* (KET são iniciais de Konstantin Eduardovich Tsiolkovsky), *A Loja do Ar*, e muitos mais.

Nascido em Smolensk, na idade de 30 anos Alexandr ficou doente com tuberculose. O tratamento não foi bem sucedido: a disseminação da infecção para a sua coluna resultou em paralisia das pernas. Belyaev sofreu dores constantes por seis anos. Em busca de tratamento adequado, ele mudou-se para Yalta, juntamente com sua mãe e a babá idosa. Durante sua convalescência, ele leu os trabalhos de Júlio Verne, H.G. Wells e Konstantin Tsiolkovsky e começou a escrever poesias em sua cama de hospital. Em 1922 ele superou a doença e voltou para Moscou onde começou a sua atividade literária séria como escritor de romances de ficção científica.

Em 1925, seu primeiro romance *Professor Titular Dowell* (*Голова Профессора Доуэля*) foi publicado. Desde 1931 vivia em Leningrado com a esposa e a filha mais velha – a filha mais nova morreu de meningite em 1930, com seis anos.

Em 1934 encontrou-se com H.G. Wells, que visitava a URSS naquele ano.

Nos últimos anos de sua vida, Belyaev vivia no subúrbio de Leningrado, Pushkin (anteriormente Tsarkoye Selo). No início da invasão nazista à URSS, durante a Segunda Guerra Mundial, ele recusou-se a sair da cidade porque estava recuperando-se de uma operação a que tinha sido submetido alguns meses antes.

Belyaev morreu de fome na cidade Soviética de Pushkin, em 1942, quando foi ocupada pelos nazistas. Sua esposa e sua filha, que conseguiram sobreviver, foram levados para a Polônia pelos nazistas.

O local exato do seu túmulo é desconhecido. Uma lápide comemorativa foi colocada no cemitério da cidade de Pushkin, onde supõe-se que seu corpo foi enterrado.

Em 1962 foi lançado o filme Человек-Амфибия (Anphibian Man, no ocidente) baseado no livro do mesmo nome, estrelado por Vladimir Korenev e dirigido por Vladimir Chebotaryov e Gennadi Kazansky.

O filme, líder de distribuição soviética, foi visto por 65,5 milhões de pessoas.

Principais romances:

Professor Titular Dowell (Голова Профессора Доуэля, 1925)

O Senhor do Mundo (Властелин мира, 1926)

A Ilha de Navios Quebrados (Остров Погибших Кораблей, 1926)

O Anfíbio (Человек-Амфибия, 1928)

O último homem de Atlantis (Последний Человек из Атлантиды, 1926)

Batalha no Éter (Борьба в Эфире, 1928)

O Pão Eterno (Вечный Хлеб, 1928)

O Homem que perdeu a Face (Человек, Потерявший Своё Лицо, 1929)

Operador Aéreo (Продавец Воздуха, 1929)

Salto no Vazio (Прыжок в Ничто, 1933)

Estrela KЕts (Звезда КЭЦ, 1936)

O Laboratório W (Лаборатория Дубльвэ, 1938)

Ariel (Ариэль, 1941)

Título Original: **Человек-Амфибия** (translit. Chelovek-amfibiya)

Autor: **Александр Романович Беляев** (translit. Alexandr Romanovich Belyaev)

Ano de Publicação: **1928**

Tradução: **Vera Newerowa e Ary de Andrade**

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

O "DIABO-DO-MAR"

ERA por uma dessas noites de janeiro do abafado verão argentino. O céu coberto de estrelas Ancorada, "Medusa" permanecia imóvel. Completo era o silêncio noturno: o mar calmo, nem se ouvia o ranger dos cordames. O Atlântico parecia dormir um sono profundo.

Seminus, estirados no convés da escuna, pescadores de pérolas. Exaustos do trabalho ao sol escaldante, ressonavam, estremecendo, gemendo, suspirando. De quando em vez lhes estremeciam os braços ou as pernas. Talvez estivessem a sonhar com seus inimigos - os tubarões. Nesses dias de calma e insuportável calor, sentiam-se tão cansados que, ao terminar a pesca de pérolas, não lhes sobrava força para colocar os barcos sobre a escuna. Aliás, isso era dispensável, pois nada prenunciava mudança no tempo. Por isso, durante a noite, os botes permaneciam na água, amarrados à corrente da âncora. As velas estavam ferradas nos mastros, as enxárcias frouxas, a bujarrona solta estremecia levemente ao mínimo perpassar da brisa. Todo o espaço da escuna estava ocupado pelas conchas perolíferas, restos de calcário de coral, cordas usadas pelos pescadores para descenderem ao fundo do mar, sacos onde punham as conchas e barris vazios.

Junto ao mastro da ré, havia um brilho de água doce e uma caneca de folha-de-flandres presa por uma corrente. Em torno, formando escura mancha, uma poça de água derramada.

De tempos em tempos erguia-se um ou outro pescador, cambaleando de sono, e pisando pés e braços dos companheiros, se acercava do barril. Mesmo sem abrir os olhos, bebia toda a caneca de água e atirava-se num canto qualquer. Dava a impressão de não ter bebido água, mas álcool puro. Os pescadores morriam de sede: pela manhã, antes do trabalho, era perigoso comer - debaixo d'água o homem sofre tremenda pressão - por isso os pescadores trabalhavam em jejum o dia inteiro. Só se alimentavam ao escurecer, quando subiam, definitivamente, à superfície.

À noite, o índio Baltasar, permanecia de guarda. Era o braço direito do Capitão Pedro Zurita, dono da escuna "Medusa."

Quando jovem, era Baltasar conhecido pescador de pérolas, podia permanecer sob a água de noventa até cem segundos - o dobro do tempo dos demais pescadores,

- Por quê?

- Porque no nosso tempo sabiam ensinar a gente de fato e começavam quando éramos pequenos - explicava Baltasar aos jovens pescadores de pérolas. - Eu tinha uns dez anos apenas, quando meu pai me mandou aprender o ofício no tênder

"José". O proprietário tinha doze rapazes-aprendizes. Ensinava a gente do seguinte modo: atirava ao mar uma pedra branquinha ou uma concha e mandava: "Mergulhe e traga a pedra de volta!" Depois lançava-a cada vez mais fundo. Se a gente não voltava com a pedra, apanhava com uma driza. E então ele nos, agarrava como a um cachorrinho e nos jogava na água: "Mergulhe outra vez!" E assim foi que aprendemos a pescar. Depois tratou de ir-nos acostumando a permanecer cada vez mais tempo debaixo da água. Era assim: um dos pescadores mais velhos e experimentados lançava-se ao mar, amarrando então lá no fundo uma cesta ou uma rede; nós devíamos mergulhar e desamarrá-la. Se não desamarrávamos, era um deus-nos-acuda quando aparecêssemos à superfície: chicotadas que não acabavam mais. Espancavam-nos muito. Nem todos aguentavam Eu, porém, consegui tornar-me o melhor pescador de toda a região. Ganhava-se bem.

Ao envelhecer, Baltasar abandonara a perigosa profissão de pescador de pérolas. A perna direita fora deformada pelos dentes de um tubarão, e um dos flancos pela corrente da âncora. Em Buenos Aires, Baltasar possuía uma loja e vendia pérolas, corais, conchas e outras raridades aquáticas. Na terra, no entanto, o velho enchia-se de tédio, por isso, frequentemente, embarcava em busca de pérolas. Os proprietários o estimavam bastante, ninguém conhecia como ele a Baía de La Plata, as costas e pontos onde havia conchas perolíferas. Os pescadores o respeitavam. Baltasar sabia agradar a todos: proprietários de barcos e pescadores.

Aos que se iniciavam na pesca de pérolas, ensinava-lhes todos os segredos do ofício: como prender a respiração, defender-se dos tubarões. E, quando de bom humor, mostrava como se escondia ao dono uma pérola rara.

Os proprietários das escunas o estimavam por sua capacidade de, à primeira vista e sem erro, poder avaliar o justo valor de uma pérola. Não raro, Baltasar defendia-lhes os interesses. O velho pescador era, por isso mesmo, conduzido sempre com prazer pelos donos de escunas na qualidade de ajudante e conselheiro.

Saboreando grosso cigarro, Baltasar estava sentado num barril. Presa no mastro, a lanterna iluminava-lhe a face. Era um rosto comprido, nariz reto, grandes e belos olhos, típico semblante de um araucano. Com lentidão baixavam e erguiam-se-lhe as pálpebras. Baltasar cochilava. Entretanto, com os olhos fechados, os ouvidos estavam sempre à escuta contra o perigo, mesmo quando o velho parecia dormir profundamente. A brisa da praia trazia o cheiro de moluscos perolíferos apodrecendo - deixavam propositadamente que isso acontecesse, pois assim se tornava mais fácil a retirada das pérolas do interior de cada concha. Quando vivos tornava-se difícil abrir um desses moluscos. Quem não estivesse habituado, acharia aquele cheiro insuportável, porém, Baltasar o aspirava quase com satisfação. Aquele mau cheiro recordava-lhe as alegrias da vida de vagabundo e os perigos do mar.

Após a seleção, as conchas maiores eram trazidas para bordo. E ele, homem de negócio, vendia-as a uma fábrica de botões e abotoaduras.

Baltasar acabou adormecendo. Caiu-lhe da mão o cigarro. A cabeça pendeu-lhe para o peito. De repente, de longe, chegou-lhe aos ouvidos um ruído estranho. Repetiu-se o ruído, dessa vez mais perto. O índio abriu os olhos. Parecia alguém soprando uma buzina. E logo depois uma voz humana gritava: "Ah!" e outra vez, mais baixo: "Ah! ah!"

O som da buzina era muito diferente do áspero silvo do apito de um barco, e o grito de alegria assemelhava-se ao brado de socorro de um afogado. Algo novo, desconhecido. Baltasar inteirou-se. A noite pareceu-lhe mais fresca. Aproximou-se da amurada e fitou atento à superfície do oceano. Nada se movia. Silêncio. O velho empurrou com o pé um índio estendido no chão e disse-lhe num murmúrio:

- Estão gritando. Deve ser ele
- Não estou ouvindo nada - retrucou-lhe também num sopro o índio quíchua, ajoelhado e de orelhas fitas. De súbito, o silêncio quebrou-se outra vez por um som de corneta e um grito:

- Ah! ah!...

O índio quíchua, ao ouvir o brado, encolheu-se todo como se tivesse recebido um golpe.

- É verdade, deve ser ele - disse, batendo os dentes.

Os demais pescadores também despertaram. Aglomeraram-se no ponto iluminado pela lanterna, como que pretendendo proteger-se da escuridão debaixo dos raios amarelos do clarão. Todos se sentaram, um junto do outro, tensos, a ouvir. O som da buzina e o grito reboaram cada vez mais distantes, em seguida tudo caiu em silêncio outra vez.

- É ele..

- O "diabo-do-mar" - murmuravam os pescadores.

- Não podemos mais permanecer aqui!

- É muito pior do que os tubarões!

- Chamem o patrão!

Ouviram-se passos de pés descalços. Bocejando e coçando o peito peludo, apareceu o patrão, Pedro Zurita. Sem camisa, só de calças, No cinturão de couro, um revólver. Zurita aproximou-se dos homens. A luz alumiou-lhe o rosto sonolento, queimado de sol, os cabelos crespos que, em mechas, lhe caíam sobre a testa, os negros cenhos, os bigodes bastos e erguidos e uma pequena barbicha grisalha.

- Que aconteceu?

Voz grossa e tranquila, movimentos seguros, tudo serviu para acalmar um pouco os índios.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

Baltasar levantou o braço, todos se calaram, então explicou:

- Ouvimos a voz dele..do "diabo-do-mar".

- Bobagens! - exclamou Pedro com voz sonolenta, deixando pender a cabeça sobre o peito.

- Não é bobagem. Todos nós ouvimos o grito e o som da buzina! - retrucaram-lhe os pescadores.

Baltasar fê-los calarem-se com o mesmo gesto e falou:

- Eu, pessoalmente, escutei-o. Soprar dessa maneira só o "diabo-do-mar". No oceano ninguém sopra desse jeito. Devemos sair daqui o mais depressa possível.

- São lendas - tornou o patrão com voz arrastada. Pedro Zurita não tinha vontade de ver a escuna carregada de fedorentas conchas. Não obstante, não conseguiu convencer os pescadores. Os homens estavam agitados, gesticulavam, bradavam ameaçando abandonar o barco e voltar por terra a Buenos Aires, caso o patrão não concordasse em levantar âncora.

- Que um raio os parta juntamente com esse "diabo-do-mar"! Está bem! Ao alvorecer levantaremos âncora - prometeu o patrão que, a resmungar, se dirigiu para seu beliche.

Perdera o sono. Acendeu a luz, apanhou um cigarro e pôs-se a caminhar pela cabina. Pensava naquele estranho ser, que, de algum tempo para cá, dera de aparecer por ali, assustando os pescadores e os residentes da orla marítima.

Ninguém o tinha visto ainda, embora já houvesse surgido em várias ocasiões. A

seu respeito corriam as mais incríveis versões. Sobre ele contavam os marujos, em voz baixa, várias lendas e histórias, como se receassem que o monstro pudesse ouvi-los.

A uns esse misterioso ser trazia a infelicidade, a outros ajudava inesperadamente. "Isso - diziam os índios mais velhos - é o "Deus-do-mar". Cada mil anos Ele deixa o fundo do oceano para restabelecer na terra a justiça"

Os padres tratavam de convencer os supersticiosos espanhóis de que se tratava do "diabo-do-mar", o qual surgira porque os fiéis estavam frequentando cada vez menos a igreja.

Todos esses boatos, passando de boca em boca, atingiram Buenos Aires. Durante algumas semanas, o "diabo-do-mar" foi o assunto de todos os cronistas e repórteres. Culpavam o "diabo-do-mar" pelo desaparecimento de uma escuna em circunstâncias ignoradas, de um barco de pescadores ou uma rede lançada ao mar. Outros, porém, contavam que "o diabo" lançava aos barcos de pesca o pescado maior e que, certa feita, salvara até um afogado.

Houve quem insistisse em asseverar que quando emergia já pela última vez, alguém o segurou pelas costas e nadou com ele até perto da praia, ocultando-se atrás das ondas, desaparecendo no momento em que o quase afogado pisara na areia.

O que se tornava estranho, porém, era que ninguém havia visto o tal "diabo-do-mar". Ninguém sabia descrever aquele ser misterioso. Naturalmente, surgiram os que o viram, afirmando que ele possuía cornos, barba de bode, patas de leão e rabo de peixe, ou então, os que afirmavam que tinha a aparência de um sapo gigantesco, provido de pernas humanas.

As autoridades do local, a princípio não deram importância alguma àquelas narrativas e aos artigos dos jornais, considerando que tudo não passava de boatos sem importância. Mas, principalmente entre os pescadores, a agitação crescia cada vez mais. Muitos homens passaram a recusar-se a sair para o alto mar. Diminuiu a pesca e a população passou a sentir muita falta de peixe no mercado. Foi aí que as autoridades resolveram investigar o assunto. Alguns barcos a motor da polícia marítima foram mobilizados para a averiguação de toda a costa, com ordens de "prender a desconhecida personagem que estava semeando pânico entre a população ao longo do litoral."

A polícia vasculhou toda a Baía de La Plata durante duas semanas inteiras, prendeu alguns índios que andavam espalhando boatos e alarmando as habitantes, mas o "diabo" não foi encontrado em canto algum.

O chefe de polícia declarou oficialmente que todas aquelas histórias acerca da "diabo-do-mar" *não passavam de invenções de pessoas ignorantes que, aliás, já tinham sido presas e seriam punidas conforme a lei. Não existia, pois, nenhum "diabo", podendo, assim, as pescadores tornar ao trabalho, sem qualquer razão para receios infundados.*

Durante algum tempo, a apelo da autoridade surtira efeito. Contudo, "as brincadeiras do diabo" não cessaram.

Certa feita, afastando-se para muito longe da baía, pescadores viram-se despertadas à noite por gritos de um cabrito que surgira, sem se saber como, a bordo da escuna. Pescadores de outra escuna queixaram-se, nesse mesmo tempo, de que as redes tinham sido cortadas por alguém.

Os jornalistas, felizes com o reaparecimento da "diabo", aguardavam então a palavra dos cientistas.

Os sábios não os deixaram esperar muito tempo. Segundo sua opinião, não poderia existir no mar, nada vivo que pudesse ter permanecida oculta da ciência até en-

tão. Não admitiam a hipótese da existência de um monstro marinho capaz de realizar coisas apenas possíveis ao homem. "Seria diferente - escreviam - se semelhante criatura tivesse surgido das profundezas do oceano que são na verdade pouco pesquisadas pelas homens". Mesmo assim, os sábios não aceitavam que uma criatura aquática pudesse agir racionalmente. E os cientistas juntamente com o chefe de polícia marítima concluíram tratar-se de travessuras de um gaiato qualquer.

Todavia, nem todos os cientistas pensavam do mesmo modo.

Entre eles havia alguém que se referia aos trabalhos do célebre naturalista alemão Konrad Gesner, o qual descreveu a existência da "moca-do-mar", o "diabo-do-mar", o "frade-do-mar" e um "bispo-do-mar".

"Afim de contas muitas coisas descritas pelos sábios da antiguidade e os da Idade Média foram confirmadas, embora a ciência mais atual não as tivesse ainda reconhecido. A criação divina é inesgotável, e nós, os cientistas, mais do que quaisquer outros, devemos ser modestas e prudentes em nossas deduções" - escreviam alguns sábios para os jornais. Aliás, chamá-los cientistas não seria muito justo, pois que acreditavam muito mais em milagres do que na própria ciência.

Para pôr um fim a todas aquelas suposições, resolveram, afinal, enviar ao oceano uma expedição científica.

Não obstante, os membros de tal expedição não lograram defrontar-se com o "diabo-do-mar". Em compensação, porém, conseguiram reunir rico material a respeito das "brincadeiras" da "misteriosa personagem" (os velhos cientistas insistiam na substituição da palavra "personagem" por "criatura").

Em seu relato, divulgado pela imprensa, os membros da expedição descreviam:

1. *"Em alguns pontos, onde a água era rasa, foram observadas pegadas de plantas de pés humanos. As pegadas vinham do mar e desapareciam também na direção do mar. Mas, semelhantes pegadas podiam ser as de um homem que tivesse vindo do mar num barco.*

2. *As redes por nós examinadas, poderiam ter sido cortadas com facas muito afiadas. Era, porém plausível que essas mesmas redes tivessem ficado presas entre pedras submersas ou destroços de navios naufragados.*

3. *Segundo a narrativa das testemunhas, um delfim fora pela tempestade lançado à areia, na manhã seguinte, entretanto, alguém o arrastara para a água, tanto que na areia se viam pegadas de pés humanos, cujas unhas seriam muito compridas. Talvez fosse um pescador, que, movido pela bondade, arrastara o delfim. Pois se sabe que os delfins ajudam os pescadores empurrando os peixes para as partes mais rasas. É mesmo muito comum que os pescadores procurem sempre salvar delfins em dificuldades. Os rastros que mostravam unhas muito compridas podiam ser os de um homem. A imaginação emprestava-lhe aos pés aparência de garras.*

4. *O cabrito pode ter sido trazido até a escuna a bordo de um barco e à noite posto na mesma."*

Os membros da expedição acharam ainda uma série de explicações muito simples sobre a procedência das pegadas deixadas pelo "diabo."

Todos os sábios, numa só voz, chegaram à conclusão de que nenhum monstro marinho seria capaz de realizar "brincadeiras" tão complicadas complexas como aquelas que se atribuíam ao "diabo-do-mar."

Contudo, todas aquelas explicações nem de longe conseguiam satisfazê-los. Até no mundo dos sábios perduravam dúvidas quanto às explicações oferecidas. Mesmo sendo habilíssimo e audacioso, como poderia um gaiato ter feito tantas travessuras,

sem que ninguém tivesse podido vê-lo? No entanto, os membros da expedição não mencionaram o fato, por eles verificado, e por muitos considerado importantíssimo, de que o "diabo" realizava todas as suas travessuras num período muito curto e em pontos diferentes, bastante afastados entre si. O "diabo" devia saber nadar com extraordinária velocidade, se é que não possuía meios especiais de locomoção, ou, afinal, não seria uma só pessoa, mas deveria haver várias. Este pormenor tornava a história ainda mais complexa, complicada e inquietante.

Caminhando pelo beliche, lembrou-se Pedro Zurita de tudo quanto ouvira e lera a respeito do "diabo". Mergulhado em seus pensamentos, nem sequer percebeu que havia amanhecido e que um raio de sol penetrara na cabina. Após apagar a luz, o capitão decidiu fazer a toalete matinal. Estava justamente lançando água morna na cabeça, quando, de súbito, ouviu gritos. Sem terminar a toalete, o capitão subiu apressado a escada do portaló. Corpos desnudos, amontoavam-se os pescadores junto à amurada da escuna e agitando as mãos gritavam algo. Debruçando-se sobre a amurada, Pedro verificou que os botes deixados na véspera sobre a água haviam desaparecido. À noite teriam sido desamarrados por alguém e arrastados pelo cabo para muito distante. Agora, uma corrente contrária os trazia de volta, devagarinho. Soltos, os remos boiavam.

Zurita ordenou aos pescadores que fossem recolher os botes e os remos. Contudo, ninguém se mexeu. Zurita repetiu a ordem.

- Vá você mesmo se é que não tem medo das garras do "diabo" - retrucou-lhe um dos pescadores.

Zurita empunhou a arma suspensa no cinturão. Os homens recuaram junto ao mastro cheios de olhares hostis. Parecia inevitável o choque. Entretanto, Baltasar resolveu intervir.

- Um araucano não tem receio de coisa alguma disse. - O tubarão não pôde acabar comigo, e o "diabo" na certa vai engasgar-se com meus velhos ossos - prosseguiu. Depois, unindo as mãos sobre a cabeça, lançou-se à água e nadou na direção do bote mais próximo. Os homens aproximaram-se da amurada, de onde, cheios de expectativa, acompanhavam cada movimento de Baltasar. Malgrado a avançada idade e a perna deformada, o velho nadava admiravelmente bem. Dando algumas braçadas, aproximou-se do bote, apanhou o remo e galgou a embarcação.

- Esta corda foi cortada com faca! - exclamou.

- Um belo trabalho! A faca deve ser afiada como uma navalha!

Ao perceberem que nada acontecera ao velho companheiro, alguns pescadores seguiram-lhe o exemplo, atirando-se ao mar.

CAPÍTULO II

MONTADO NUM DELFIM

MAL se levantara, e já o sol queimava impiedosamente. No céu azul, nem uma única nuvem. O mar calmo. "Medusa" estava há vinte milhas ao sul de Buenos Aires. De acordo com sugestão de Baltasar, a âncora fora arriada numa pequena barra ladeada de pedras e rochedos.

Espalhados pela baía, os botes balouçavam docemente. Em cada um vinham dois pescadores. Enquanto um mergulhava, o outro, de dentro do bote, o ajudava a subir à superfície. Ambos se revezavam durante o dia de trabalho.

Tendo um dos botes chegado bem perto da praia, dele saltou um pescador, o qual, prendendo nos pés a corda em cuja extremidade se encontrava amarrado um fragmento de calcário de coral, mergulhou na parte mais profunda.

A água era morna e transparente; no fundo via-se facilmente cada pedrinha. Ali erguiam-se montes de coral, imóvel arbustos de jardins submarinos. Cintilantes de ouro e prata, passavam entre esses arbustos peixes miúdos. O mergulhador atingiu o fundo, inclinou-se e pôs-se a colher conchas, colocando-as no saco que trazia na cintura. Seu companheiro, um índio da tribo quíchua, segurava a ponta da corda e, debruçado, contemplava o mar. De repente, viu que seu colega se pôs de pé e puxou a corda com tanta força e rapidez que quase o arrastou à água. O bote chegou a aderir. O índio quíchua tratou de auxiliar o companheiro a subir. Boca aberta, sem fôlego, olhos arregalados, rosto outrora bronzeado, agora cinzento, sem poder articular uma sílaba, o pescador despencou-se no fundo do bote.

- Que aconteceu? Um tubarão?

Que assustara tanto o homem? Debruçado na borda do bote, o índio quíchua pôs-se a examinar atento a água. Algo ali se passava de estranho. Como passarinhos ao avistarem o milhafre, os peixes menores tratavam de esconder-se em meio ao denso matagal das florestas submarinas. De súbito, o índio vislumbrou por trás de uma rocha algo parecido com fumaça purpúrea. Lentamente a fumaça ia-se dissipando em toda as direções, emprestando à água uma coloração rósea. No mesmo instante, surgiu qualquer coisa escura. Parecia um corpo de tubarão, que se virou lento e desapareceu atrás da pedra. A fumaça purpúrea que se via na água não podia ser outra coisa senão sangue, que teria subido do fundo do mar. Que se teria passado por lá? O índio fitou o companheiro, mas este permanecia estirado de costas no chão do bote e respirava fundo, boca escancarada, olhos para o céu. O índio resolveu então conduzir o companheiro tão inesperadamente enfermo para bordo da escuna "Medusa".

Afinal, o mergulhador recuperou os sentidos; permaneceu, no entanto, na mais absoluta mudez. Parecia ter perdido a voz, balançava a cabeça e voltava a respirar ruidosamente. Impacientes, os colegas de bordo o cercavam, esperando o momento em que lhes pudesse enfim explicar o que acontecera.

- Fale! - bradou um índio mais moco, sacudindo o mergulhador. - Fale, se não deseje que sua alma apavorada abandone esse lastimável esqueleto!

O pescador balançou a fronte e balbuciou em tom surdo:

- Eu...vi... o "diabo-do-mar".

- Você viu ele?

- Fale, fale mais depressa, conte! - gritaram os pescadores.

- Um tubarão vinha feito um raio na minha direção. Daí então eu pensei: "é o fim!" Um tubarão enorme, escuro, de goela aberta... justamente agora! Foi aí então que vejo que vem nadando...

- Outro tubarão?

- Não! a "diabo-do-mar"!

- Como era ele? Tinha mesmo chifres?

- Cabeça? Sim, acho que tinha. Os olhos eram do tamanho de um copo.

- Se tinha olhos, então também havia de ter cabeça - observou convicto o índio jovem. - os olhos hão de ter lugar onde nascer. E as patas? Ele tinha patas?

- Patas, sim; como as de sapo. Dedos compridos, verdes, garras ligadas. Cintilava todo, cheio de escamas, feito um peixe. Aproximou-se do tubarão, levantou a garra e pronto! o sangue escorreu da barriga do bicho...

- E as pernas? Que pernas ele tinha? - indagou outro pescador.

- Pernas? - esforçava-se por recordar o mergulhador. - Não, não tinha pernas. Mas só um grande rabo e na ponta duas cobras.

- Que o assustou mais: o tubarão ou o monstro?

- O monstro - retrucou o mergulhador, sem hesitar. O monstro, embora tenha sido ele quem me salvou a vida. Era mesmo ele..

- Tem certeza de que era mesmo ele?

- O "diabo-do-mar"! - exclamou o índio.

- O "Deus-do-mar"! que vem ajudar os pobres corrigiu-o o índio mais velho.

A notícia, num relâmpago, percorreu os botes que flutuavam na baía. Sem demora, os pescadores rumaram à escuna e levantaram suas embarcações. Amontoavam-se todos em torno do pescador, cuja vida fora salva pelo "diabo-do-mar". O pobre homem era obrigado a repetir a cada um, tudo de novo, acrescentando milhares de pormenores. Recordou-se de que da boca do monstro saíra uma chama, que seus dentes eram finíssimos e longos. Teriam o comprimento de um dedo. As orelhas agitavam-se, nos flancos apresentava barbatanas e atrás, a cauda, como se fora um remo.

Pedro Zurita, apenas de calças curtas, sandálias sem meias e chapéu de abas largas, andava pelo convés, arrastando-se. Com apurados ouvidos apanhava cada palavra da conversa dos pescadores.

Quanto mais o narrador se empolgava com sua história, mais Pedro se convencia de que tudo não passava de imaginação de um homem que se assustara com um tubarão.

"Mas, quem sabe, talvez nem tudo seja inventado. Alguém há de ter aberto mesmo a barriga do tubarão, pois a água, realmente, tornou-se cor-de-rosa. Esse índio deve estar fantasiando, porém há algo de verdadeiro em sua história. É qualquer coisa esquisita!"

Nesse mesmo instante, as meditações de Pedro foram interrompidas por um som

de trompa, que de súbito, vinha detrás do rochedo.

Aquilo encheu de assombro a tripulação da "Medusa". A conversa interrompeu-se e as faces tornaram-se pálidas. Cheios de horror, os olhos dos pescadores estavam pregados no rochedo.

Próximo deste, sobre o mar, um grupo de delfins estava brincando. Um deles afastou-se do grupo, bufou com grande ruído como se a responder ao apelo da trompa e rumou rápido na direção de onde viera aquele som. Alguns instantes de tensa espera decorreram. De repente, os pescadores viram o delfim sair por trás do rochedo, trazendo no dorso, como se fosse seu cavalo, uma estranha criatura - o "diabo-do-mar", sobre o qual acabara de falar o mergulhador. O monstro apresentava um corpo perfeitamente humano. No rosto trazia grandes óculos, iguais a antigos relógios de bolso, os quais cintilavam ao sol como faróis de automóvel. A pele apresentava suave matiz prateado. As mãos lembravam as de um sapo e eram de um verde escuro, com dedos compridos e ligados uns aos outros. As pernas estavam mergulhadas até os joelhos na água. Seriam pernas normais de um ser humano ou terminariam numa cauda? Não foi possível deslindar. O estranho ser trazia na mão uma concha em forma de espiral. Soprou-a de novo, riu-se alegre e de repente gritou algo em impecável espanhol: "depressa Leading, avante!" - bateu algumas vezes nas costas do delfim, ao mesmo tempo que fazia o mesmo com as pernas nas ilhargas. O delfim, como bom cavalo, aumentou a velocidade.

Os pescadores deixaram escapar um brado de terror. O sinistro cavaleiro voltou-se. Ao avistar aqueles homens, com a rapidez de uma lagartixa, deslizou do corpo do delfim, escondendo-se atrás do mesmo. Via-se-lhe a mão verde erguer-se mais uma vez, dar uma palmada nas costas do cetáceo, que obediente mergulhou no, mar, juntamente com seu cavaleiro.

Dando meia-volta dentro da água, o estranho par desapareceu atrás do rochedo.

Toda essa cena, tão incomum, passou-se num minuto, mas os espectadores, durante longo tempo, permaneceram perturbadíssimos.

Gritando, correndo pelo convés, os homens punham as mãos na cabeça. Atirando-se de joelhos no chão, os índios suplicavam ao "Deus-do-mar" que tivesse piedade deles. Subindo ao mastro, um moco mexicano pôs-se a bradar a plenos pulmões. Aglomerados num canto, calados, os negros esconderam-se no porão.

A pesca era assunto em que ninguém nem pensava mais. A muito custo e com o auxílio de Baltasar, Pedra Zurita conseguiu afinal restabelecer a ordem entre os tripulantes da "Medusa", a qual levantou âncora e rumou para o norte.



CAPÍTULO III

O AZAR DE ZURITA

A fim de ter sossego para meditar sobre os acontecimentos recentes, o capitão da escuna "Medusa" recolheu-se ao seu beliche.

"É de enlouquecer - exclamou de si para consigo Pedro, ao mesmo tempo que banhava a cabeça com água. - O monstro do mar fala um puríssimo dialeto castelhano. Que significa isso? Feitiçaria? Loucura? Mas por que loucura? Como teria a mesma podido assolar toda a tripulação ao mesmo tempo? Nem mesmo um idêntico sonho poderia ter sido visto por várias pessoas ao mesmo tempo. E no entanto, todos vimos o "diabo-do-mar". Quanto a isso, não pode haver qualquer dúvida. Por mais incrível que pareça, ele existe mesmo - Zurita jogou outra vez água na cabeça e depois lançou uma espiada para o mar. - Seja como for - prosseguiu um pouco mais calmo - esse misterioso ser possui raciocínio e pode agir guiando-se pela própria mente. Pelo visto, sente-se perfeitamente bem tanto dentro como fora da água. Por outro lado, fala espanhol, portanto seria fácil a gente se entender com ele. Que bom seria se eu... E se conseguisse capturá-lo e domesticá-lo, obrigando-o a pescar pérolas para mim? Um sapo assim, capaz de viver na água, pode substituir toda essa turma de pescadores. E com que vantagem! Seja como for, sou obrigado a dar um quarto de toda a pesca que fizer a cada pescador, ao passo que a um sapo como esse não teria nada a pagar. Em curto espaço de tempo, poder-se-ia ganhar milhares de pesos!"

Zurita entregou-se a devaneios. Até ali, tivera esperança de enriquecer na pesca de conchas perolíferas em lugares em que ninguém as procurava, O Golfo da Pérsia, a costa do Ceilão, o Mar Vermelho, as costas da Austrália - todos esses pontos ricos em pérolas situavam-se a enormes distâncias e vinham sendo vasculhados por inúmeros pescadores. E se rumasse ao Golfo do México ou da Califórnia, ou às Ilhas de Foma e Margarida? Quem sabe deveria dirigir-se às costas da Venezuela, o ponto onde se pescavam as melhores pérolas? Mas, Zurita sabe que não pode fazer isso. Para tanto sua escuna era demasiado frágil, por outro lado mantinha poucos pescadores. Numa palavra, Zurita agora estava sonhando com um negócio de enormes proporções, contudo sabia que lhe faltava o dinheiro indispensável para a realização de seus planos! Só podia mesmo era rondar, sem se afastar muito, pelo litoral da Argentina. Agora, porém... agora poderia enriquecer dentro de um ano, caso lhe fosse possível capturar O "diabo-do-mar".

Nesse caso, seria um dos mais ricos homens da Argentina, ou talvez de toda a América. O dinheiro abrir-lhe-ia caminho ao poder. O nome de Pedro Zurita seria então conhecido por toda gente. Era preciso, porém, prudência e, antes de mais nada,

saber guardar muito bem o segredo daqueles devaneios.

Zurita subiu ao convés e convocou a tripulação, inclusive o cozinheiro, dizendo-lhes:

- Vocês sabem o destino reservado àqueles que espalham boatos acerca do "diabo-do-mar"? Todos têm sido presos e metidos na prisão. Devo preveni-los, pois, de que o mesmo acontecerá com vocês, se alguém aqui ousar abrir a boca sobre o que viu há pouco. Poderão apodrecer na cadeia se contarem a quem quer que seja que vimos o "diabo-do-mar". Compreenderam? Portanto, se têm amor à vida, não abram a boca

"Também não teria muita importância, mesmo se alguém fizesse qualquer menção a uma coisa dessa!" pensou Pedro. Em seguida, convidou Baltasar à sua cabina e confiou-lhe seu segredo

O índio ouviu atento as palavras do patrão e, após curto silêncio, disse:

- É uma boa ideia! O "diabo-do-mar" vale mesmo uma centena de pescadores. Não seria mau aproveitar-se os serviços dele Mas como a gente iria conseguir isso?

- Com uma rede - respondeu Zurita.

- Ele cortará essa rede, tal como cortou a barriga do tubarão.

- Encomendaremos uma rede metálica.

- Mas quem irá capturá-lo ? Nossos pescadores, só ao ouvirem a palavra "diabo" põem-se a tremer que nem varas verdes. Nem que a gente lhes promettesse um saco de ouro, garanto que não aceitariam.

- E você, Baltasar?

O índio encolheu os ombros.

- Jamais, em toda a minha vida, cacei "diabos-do-mar". Será difícil a gente poder localizá-lo, mas, se conseguirmos fazer isso, não seria impossível matá-lo, se é que ele é mesmo de carne e osso. Mas o senhor precisa dele vivo.

- Baltasar, você tem medo dele? Que pensa a esse respeito?

- Que posso pensar sobre um jaguar que voa sobre o mar, ou um tubarão, que sobe em árvores? O bicho desconhecido é sempre perigoso. Não obstante, gosto de caçar animais perigosos.

- Você será generosamente recompensado - disse Zurita e ao mesmo tempo apertou-lhe a mão, prosseguindo na revelação de seu plano. - Quanto menos gente nesse negócio melhor. Você se incumbirá de conversar com os araucanos, que são corajosos e valentes. Não é preciso selecionar mais do que cinco dos mais inteligentes. Se entre os que estão conosco nenhum aceitar, procure alguns lá fora. O "diabo" não se afastará para muito longe desta baía. Em primeiro lugar, temos de localizar o esconderijo dele Não há de ser tão difícil apanhá-la com a rede,

Sem perder tempo, Baltasar e Zurita começaram a trabalhar. O capitão da escuna "Medusa" encomendara uma rede metálica que parecia um grande barril sem fundo. No interior, Zurita colocou arame farpado, a fim de que o "diabo" se enredasse nele, como numa teia de aranha. Os demais pescadores foram despedidos. Em toda a tripulação da "Medusa", apenas dois araucanos puderam ser convencidos por Baltasar a participar da caça ao "diabo". Os outros três, ele os contratou em Buenos Aires.

E então puseram-se a vigiar a baía onde tinham visto pela primeira vez o tal "diabo-do-mar".

A fim de não despertar suspeita, a escuna lançou âncora a algumas milhas da baía. De vez em quando, Zurita e seus comparsas punham-se a pescar, tendo em vista dar a impressão de ser esta a única ocupação de todos. Ao mesmo tempo, porém, três deles, revezando-se e escondendo-se atrás das pedras, controlavam toda a baía.

Tinha atingido seu fim a segunda semana, mas o "diabo" não dava o menor sinal de vida. Entrementes, Baltasar travou conhecimento com os moradores locais, índios camponeses, aos quais vendia pescado a preços muito baixos. Conversando com eles, sem que percebessem passava a tratar do caso do "diabo". De tais palestras pôde o índio velho recolher informações sobre o melhor ponto para captura, confirmando que aquele por eles escolhido estava certo: muitos dos índios residentes naquela praia tinham ouvido o som da trompa e visto as pegadas do "diabo" na areia. Garantiam que o calcanhar do "diabo" era igual ao humano, os dedos, porém, pareciam ser muito longos. Às vezes, os índios observavam marcas na areia deixadas pelo corpo do "diabo", no ponto em que devia ter-se deitado.

O "diabo" não causava prejuízos aos moradores da baía, por isso Os homens passaram a não ligar importância aos vestígios deixados por ele há tanto tempo, como a lembrar-lhes sua existência. Todavia, ninguém jamais tinha visto o "diabo" em pessoa.

Durante duas semanas inteiras, "Medusa" permaneceu na baía, dando a impressão de que se ocupava da pesca. Nessas duas semanas, nem Zurita nem Baltasar e seus auxiliares despregaram os olhos da superfície do mar. Entretanto, o "diabo" não aparecia. Zurita começou a inquietar-se. Era impaciente e mesquinho. Cada dia custava-lhe dinheiro, e, contudo, o "diabo" fazia-se esperar. A dúvida pesava sobre Pedro. Se o "diabo" for mesmo uma criatura sobrenatural, então meio algum será possível usar para capturá-la. Seria até perigoso manter relações com semelhante "demônio". - Zurita, além do mais, era homem supersticioso. Talvez fosse bom até convidar um padre para vir a bordo da escuna "Medusa"! Não! As novas despesas viriam acumular-se às outras. Contudo, quem sabe, talvez o "diabo" nem seja mesmo um diabo e sim um gaiato qualquer, ótimo nadador disfarçado de demônio, a fim de meter medo ao povo? Ou então um delfim? Se for mesmo um delfim, não haverá nenhum problema, pois, como todos os animais, um delfim poderia ser amestrado também. Ou seria aconselhável abandonar de vez toda aquela história e retornar ao trabalho?

Finalmente, Zurita decidiu prometer uma gratificação a quem primeiro visse o "diabo-do-mar", decidindo portanto aguardar mais alguns dias.

Para grande felicidade sua, no início da terceira semana, o "diabo" deu sinal de si.

Ao terminar a pesca durante o dia, Baltasar deixara um bote carregado de pescado, na praia. No dia seguinte, pela manhã bem cedo, deveriam vir os compradores. Baltasar decidira visitar um índio seu conhecido numa fazenda, e ao regressar, deu com o bote completamente vazio. O índio logo desconfiou de que se tratava de um trabalho do "diabo". Será possível que ele tenha conseguido devorar todos aqueles peixes? - interrogava-se admirado o velho.

Naquela mesma noite, um dos araucanos que ficara de vigia, ouviu os sons da trompa que vinham do sul. Dois dias mais tarde, pela manhã, outro índio anunciava que conseguira avistar o "diabo", vira-o nadando ao lado de um delfim. Desta vez, porém, não vinha montado, mas simplesmente junto do cetáceo, ao qual trazia preso por uma coleira. Ao atingir a baía, o "diabo" soltou-o da coleira, deu-lhe umas palmadas e desapareceu por trás de uma pedra. O delfim surgiu à superfície, mas desapareceu logo.

Ao ouvir, com toda atenção, a narrativa do araucano, Zurita lhe agradeceu prometendo gratificá-lo, então assim falou:

- Hoje, durante o dia, é pouco provável que o "diabo" apareça. Precisamos aproveitar o tempo, a fim de vasculhar bem o fundo do mar na baía. Quem estaria disposto a encarregar-se dessa tarefa?

Todavia, ninguém se sentia com coragem para mergulhar, arriscando-se a dar de

cara com o monstro no fundo do mar.

Baltasar avançou.

- Eu - exclamou laconicamente

O velho índio cumpria sempre a palavra empenhada.

"Medusa" continuava, ancorada. Toda a tripulação, menos os que eram da guarda, desceu, encaminhando-se à praia, junto das pedras.

Baltasar amarrou-se numa corda, a fim de poder ser içado caso fosse ferido, apanhou uma faca, prendeu entre as pernas uma pedra e lançou-se ao mar.

Cheios de impaciência, os araucanos aguardavam a volta dele, fitavam a mancha escura que se movia no fundo da água azul e transparente. Passaram-se quarenta, cinquenta segundos, um minuto, porém Baltasar não voltava. Finalmente, ele puxou a corda, os companheiros o içaram à superfície. Ao recuperar o fôlego, contou o índio:

- Há estreita passagem submarina que vai até uma gruta. É muito escuro esse lugar, como se fosse dentro da barriga de um tubarão. Só numa gruta assim é que poderia ter-se escondido o "diabo". À volta dessa loca, existe uma parede lisa.

- Ótimo! - exclamou entusiasmado Zurita. - Se lá é escuro, melhor ainda. Vamos colocar a rede e teremos o "peixe".

Quando caiu a tarde, os índios lançaram a rede, segurando-a por meio de fortes cordas. Puseram-na bem na entrada da gruta. As pontas das cordas foram presas na terra. As cordas traziam várias sinetas que ressoariam ao mínimo toque na rede. A ideia tinha sido sugerida por Baltasar.

Sentados no chão de areia, Zurita, Baltasar e outros cinco araucanos esperavam em silêncio. Na escuna não ficara ninguém. Cada vez mais se adensava a escuridão. Surgiu o luar. Sua luz refletia-se na superfície do mar.

Tudo em calma. Estranha inquietação, porém, ia-se apoderando de todos. Talvez, a qualquer momento, avistariam a sinistra criatura que apavorava tanto os pescadores.

Lentas escoavam-se as horas noturnas, Os homens não resistiam e começavam a cochilar.

De repente, ressoaram as sinetas. Todos se puseram de pé, agarraram as cordas e começaram a puxar a rede. Estremeciam as cordas. Lá dentro alguém se debatia.

Finalmente surgiu a rede na superfície. Aos raios pálidos do luar, via-se debater-se nela um corpo meio humano, meio animal. Ao luar cintilavam seus enormes olhos e a escama prateada de que era recoberto seu corpo. O "diabo" fazia extraordinários esforços para libertar a mão que se prendera na rede. Por fim o conseguiu. Em seguida tirou uma faca que trazia no cinto finíssimo e pôs-se a cortar o metal.

- Não há de conseguir! Não brinque! - gritou Zurita entusiasmado com aquela estranha pescaria.

Para seu enorme espanto, porém, a faca abriu a rede.

Com hábeis movimentos, o "diabo" ia afastando o arame, ao passo que os pescadores se apressavam a retirar a rede para fora da água.

- Mais força! Vamos, depressa! - bradava Baltasar.

Contudo, no mesmo instante em que parecera aos homens terem o monstro em suas mãos, o "diabo" conseguiu passar pelo buraco feito na rede e caiu no mar, erguendo uma cascata muito grande, desaparecendo nas águas.

Desesperados, os pescadores deixaram de puxar a rede.

- Puxa! Que faca! Não é possível! Uma faca não pode cortar a rede de metal! - exclamou Baltasar admirado. - Os ferreiros submarinos são muito superiores aos nossos!

Com a expressão de quem havia perdido tudo naquela rede, Zurita fitava o mar.

Em seguida, o capitão da escuna ergueu a cabeça, sacudiu: os bigodes bastos e bateu o pé.

- Oh! não, não! - gritou. - Antes você há de perecer em sua loca, mas não desisti-rei. Hei de gastar dinheiro, farei vir escafandristas, cobrirei de redes e armadilhas a baía inteira, mas você não me escapará!

Zurita era destemido, tenaz e incansável. Não era à toa que tinha nas veias sangue de conquistadores espanhóis. Valia a pena lutar!

O "diabo-da-mar" não havia provado ser uma criatura sobrenatural e poderosa. Pelo que se vira, era de carne e osso, como afirmava o velho Baltasar. Era, pois, possível apanhá-la, prendê-lo numa corrente e obrigá-la a tirar das profundezas oceânicas, riquezas para Zurita. Ainda que o próprio Netuno, deus do mar, viesse com seu tridente protegê-la, Zurita iria capturar o "diabo".

CAPÍTULO IV

DOUTOR SALVADOR

ZURITA cumpriu sua ameaça. Instalou no fundo do oceano uma porção de obstáculos de arame, esticou redes em todas as direções, pôs armadilhas. Contudo, as vítimas, até então, só tinham sido os peixes. A terra parecia ter engolido o "diabo-do-mar". Não mais aparecia, nem dava sinal de existência. Em vão surgia diariamente o delfim amestrado, mergulhando e bufando, como se estivesse a convidar seu misterioso amigo a dar um passeio. O companheiro não vinha e o delfim, bufando pela última vez, com raiva, nadou para o alto mar.

O tempo piorou. O vento leste agitou o espelho das águas. O mar tornou-se turvo e cheio de areia que vinha do fundo. As crinas espumejantes das ondas agora ocultavam as profundezas do oceano. Ninguém conseguia perceber o que por lá se passava.

Horas inteiras, Zurita permanecia de olhos fitos nas ondas revoltas Enormes, umas seguiam as outras, caindo em cascatas ruidosas, enquanto as camadas inferiores rolavam a areia com característico chiado, revolvendo conchas e pedras, atingindo mesmo os pés de Zurita,

- Isso não vai nada bem - dizia o capitão. - É preciso inventar qualquer coisa diferente. O "diabo" mora no fundo do mar e não pretende deixar sua gruta. Nesse caso, para poder apanhá-lo, deve-se ir ao seu encontro descer até o fundo da baía. Claro que é isso que deve ser feito! - exclamou Zurita. Depois, dirigindo-se a Baltasar que fazia nova armadilha muito complicada, disse: - Siga imediatamente para Buenos Aires e me traga de lá dois escafandros completos providos de balões de oxigênio. O tipo comum não serve. O "diabo" seria capaz de cortar a bomba compressora. Além disso, quem sabe, talvez sejamos forçados a fazer uma viagem submarina. Não esqueça de trazer também lanternas elétricas.

- Pensa fazer uma visita ao "diabo"? - perguntou Baltasar.

- E em sua companhia, meu velho.

Baltasar acenou com a cabeça e pôs-se a caminho.

Ao regressar, trouxe, além dos escafandros e lanternas, duas facas muito esquisitas de bronze, ambas tortas. - Agora já nem sabem mais fazer destas facas explicou o índio. - São as antigas facas dos araucanos. Com elas meus bisavós antigamente abriam as barrigas dos brancos, dos seus bisavós. Desculpe que lhe diga coisas assim.

Embora não lhe agradasse o pormenor histórico mencionado pelo índio, Zurita soube encontrar um jeito de elogiar as facas.

- Você é muito previdente, Baltasar.

No dia seguinte, ao amanhecer, malgrado encontrar-se o mar agitado, Zurita e Baltasar vestiram os escafandros e desceram ao fundo do mar. A muito custo conseguiram retirar o arame que haviam mandado colocar na entrada da gruta, nela penetrando através de estreito corredor submarino. Completa era a escuridão à sua volta. Pondo-se em pé, cada qual com sua faca na mão, ambos acenderam as lanternas. Espantados pela luz, os peixes miúdos agitaram-se, procurando, como um bando de insetos, aproximar-se, dos raios azulados espalhados pelas lanternas.

Com a mão, Zurita os afugentou: o cintilar daquelas escamas o estava cegando. Ao penetrarem, descobriram uma enorme gruta de uns quatro metros de altura e uns cinco ou seis de largura. Os mergulhadores perscrutaram todos os recantos. A gruta achava-se vazia e desabitada. Parecia que os peixes miúdos lá se escondiam durante as tempestades.

Pisando com cuidado, Zurita e Baltasar iam avançando. A gruta aos poucos tornava-se mais estreita. De súbito, Zurita deteve-se perplexo. À luz de sua lanterna, divisou uma grade de ferro que lhes impedia a passagem. Não quis acreditar nos próprios olhos. Segurou as varas de ferro e pôs-se a sacudi-las, tentando abrir a barreira metálica. A grade, porém, não cedia. Iluminando-a com a lanterna, Zurita foi obrigado a reconhecer, que essa grade fora solidamente presa às paredes lisas da gruta e que do outro lado havia até uma fechadura.

Eles se encontravam, pois, frente a um novo mistério.

Além de criatura inteligente, o "diabo-do-mar" devia ser também muito habilidoso. Conseguira domesticar o delfim, conhecia metalurgia, e por fim, era capaz de construir sob a água, fortes barreiras metálicas com a finalidade de proteger sua moradia. Como era possível aquilo? Simplesmente incrível! Não se podia admitir que pudesse forjar ferro sob a água. Devia supor-se que ele não morava na água, ou pelo menos saía para a terra durante longos períodos.

A mente de Zurita martelava, zumbia como se lhe faltasse oxigênio, embora estivesse sob o mar apenas alguns minutos, tendo porém boa reserva de ar, suficiente para muito mais tempo.

Fez um sinal a Baltasar, e ambos retiraram-se da gruta submarina. Nada mais tinham a fazer ali e por isso subiram à superfície.

Os araucanos, que, cheios de ansiedade, esperavam pelos mergulhadores, encheram-se de alegria ao vê-los saírem e salvos.

Ao retirar a máscara e após recuperar o fôlego, perguntou Zurita :

- Baltasar, que acha você de tudo isso?

O índio abriu os braços:

- Creio que teremos de permanecer aqui muito tempo e ficar vigilantes. O "diabo", provavelmente, há de alimentar-se de peixes. A fome não o forçará a sair da toca, pois lá tem peixe de sobra. A única possibilidade que nos resta é tentarmos fazer voar a grade com auxílio de explosivo.

- Você não acha que essa gruta deve ter duas saídas: uma para a água e outra em direção à terra?

- Pois não pensei nisso, patrão.

- Então seria bom tratar de pensar. Como foi que não tivemos a ideia de examinar melhor as redondezas?

E assim puseram-se a vasculhar o local.

Caminhando pela praia, Zurita deu com um muro de pedra branca que cercava um

bom pedaço de terra. Teria uns dez hectares. Zurita deu uma volta em torno desse muro. Só encontrou uma saída coberta de grossas folhas de zinco. Na porta havia um olho mágico.

"Parece prisão ou fortaleza - pensou Zurita. - É engraçado, os fazendeiros não costumam erguer muros tão grossos e altos para proteger suas propriedades." O muro não apresentava uma fenda sequer que possibilitasse descobrir qualquer coisa no interior.

Em torno, a região era selvagem e desabitada : rochedos nus, num e noutro ponto um arbusto, um cacto. Embaixo, a baía.

Durante alguns dias, Zurita rondando o muro vigiava horas e horas a porta de entrada. Todavia, essa porta permanecia fechada, ninguém entrava nem saía. Do interior também não vinha um único som.

Ao tornar à "Medusa", Zurita chamou certa noite Baltasar e indagou:

Você conhece quem mora naquela fortaleza lá em cima?

Sim. Soube pelos índios daqui que lá mora o Senhor Salvador.

- Quem é esse tal Salvador?

- Um deus - retrucou o índio naturalmente.

Zurita ergueu os olhos, cheio de admiração.

- Você está brincando, meu velho?

No rosto de Baltasar assomou, mal, perceptível sorriso.

- Digo-lhe o que me contaram. Muitos índios por aqui chamam o Senhor Salvador de divino, de seu Salvador.

- Mas de que os estaria salvando?

- Da morte. Eles asseguram que Salvador é todo-poderoso. Faz milagres. Nos seus dedos há vida e morte. Aos capengas restitui-lhes pernas novas. Aos cegos, a visão igual à de um falcão. E até mortos ressuscita.

- Oh! maldição! - grunhiu Zurita cofiando os bigodes imensos. - Na água da baía - um "diabo-do-mar". Lá no alto - um "deus". Não lhe parece que esses dois se ajudam e completam?

- Acho melhor abandonarmos, o mais depressa possível, este lugar antes que nossos miolos coagulem como leite, por causa de tantos mistérios.

- Você chegou a ver alguém que tenha sido curado por Salvador?

- Vi sim. Mostraram-me um homem que tinha quebrado a perna. Depois de ter ido ver Salvador, esse homem corre como um bagual. Vi também um índio que foi ressuscitado por Salvador. Toda a gente da aldeia garante que quando esse índio foi levado a Salvador era um cadáver gelado, com a cabeça esmagada e os miolos para fora. Voltou vivo e alegre. Depois de ter estado morto, até se casou. Desposou uma boa mulher. Vi também os filhos de índios...

- Quer dizer que Salvador recebe visitas em sua fortaleza?

- Só recebe os índios. Vão procurá-lo vindos de toda parte: da Terra do Fogo, da Amazônia e dos desertos de Atacama e Assunção.

Ao ouvir essas informações de Baltasar, Pedra Zurita resolveu ir a Buenos Aires.

Naquela capital, Zurita soube que Salvador curava mesmo índios enfermos, entre os quais desfrutava da fama de ser homem capaz de milagres. Ao conversar com alguns médicos, soube Zurita que Salvador era um cirurgião talentoso e mesmo genial, embora fosse pessoa muito esquisita como o são em sua maioria os homens famosos. O nome de Salvador era muito conhecido nas esferas científicas, tanto no Novo como no Velho Mundo. Na América tornou-se célebre graças às suas ousadas operações cirúrgicas. Sempre que o estado do enfermo era desesperador e os médicos recusavam-se a operá-lo, Salvador aceitava o caso. Nunca rejeitava fosse qual fosse o

caso, por mais difícil. Sua coragem e habilidade eram ilimitadas. Durante a primeira guerra mundial, Salvador serviu no exército francês, onde se ocupava exclusivamente de intervenções cranianas. Várias centenas de homens devem-lhe a vida. Quando terminou o conflito, Salvador retornou à pátria, a Argentina. A clínica particular e algumas especulações com propriedades imobiliárias deram-lhe imensa fortuna. Comprou grande área nos arredores de Bueno Aires, cercou-a de alto muro - destinava-se às suas esquisitices - e, radicando-se aí, abandonou de vez a clínica. Cuidava exclusivamente de pesquisas científicas em seu laboratório. Agora, porém, atendia índios enfermos, que o consideravam Deus que descera à terra.

Zurita conseguiu saber ainda um pormenor referente à vida de Salvador. Na região em que se localizava sua propriedade, havia, antes da guerra, uma casa cercada por um jardim e também uma muralha. Durante todo o período em que Salvador esteve ausente, essa residência fora vigiada por um negro e alguns enormes cães. Alma nenhuma conseguira penetrar nessa casa guardada por esses insubornáveis vigilantes.

Ultimamente, Salvador havia envolvido sua vida de maiores mistérios. Não recebia ninguém, nem mesmo os colegas de Faculdade.

De tudo o que pôde colher, concluiu Zurita:

"Salvador é um médico, não tem, portanto, direito de negar-se a atender um doente. Por que não posso me enfermar? Penetrarei em sua fortaleza, simulando um paciente e depois veremos o que acontece."

Zurita rumou à residência do médico. Ao chegar, começou a bater na porta de ferro. Martelou-a muito tempo e insistentemente. Ninguém lhe abriu, entretanto, a porta. Furioso, Pedro apanhou uma pedra e pôs-se a bater, fazendo tal alarido que poderia despertar um morto.

Atrás do muro ouviu o ladrar de cachorros, e em seguida abriu-se o olho mágico.

- Que quer você? - indagou-lhe alguém em mau espanhol.

- Estou doente, abra depressa - tornou Zurita.

- Os doentes não batem com tamanha fôrça - retrucou-lhe a mesma voz em tom tranquilo - O doutor não recebe.

- Ele não tem direito de negar-se a atender um doente - protestou com veemência Zurita.

O olho mágico fechou-se e os passos afastaram-se. Apenas os cães continuavam a ladrar sem descanso.

Após lançar todos os palavrões imagináveis, Zurita voltou à escuna "Medusa".

"Devo apresentar queixa em Buenos Aires por não ter sido atendido pelo Salvador? Não dá nenhum resultado." Zurita tremia de raiva. Seus negros e grossos bigodes corriam grande risco, pois a cada instante ele os puxava, fazendo-os baixarem sempre mais, feito ponteiros de barômetro que indicavam pressão baixa.

Pouco a pouco foi-se acalmando e começou a articular novos planos de ação. Já sereno, com os dedos bronzeados de sol, cofiava os belos bigodes e refletia. O barômetro estava subindo.

Finalmente, Zurita subiu ao convés e deu inesperada ordem: levantar ferros. A "Medusa" saía no rumo de Buenos Aires.

- Essa é boa! - exclamou Baltasar. - Quanto tempo perdido à toa! Que um raio parta esse tal de "diabo-da-mar" !

CAPÍTULO V

A NETA DOENTE

O sol tostava impiedoso. Um velho índio, exausto, seguia pela poeirenta estrada, rodeada de campos de trigo e milho. A roupa estava esfarrapada. Nos braços trazia uma criança enferma, protegida do sol por esfiado cobertor. A doentinha tinha os olhos cerrados. No pescoço via-se-lhe enorme tumor. De tempos em tempos, sempre que o ancião tropeçava, a criança gemia e descerrava os olhinhos. A índio detinha-se, soprava a face da criança, como a refrescá-la.

- Deus me ajude a chegar com ela viva! - balbuciava o velho, acelerando os passos.

Ao aproximar-se do portão de ferro, o velho pôs a criança no braço esquerdo e com a mão direita bateu quatro vezes

Abriu-se o olho mágico e a porta rangeu. Humilde, o índio transpôs o umbral. À sua frente viu um negro vestido de avental branco, cabelos crespos e brancos.

- Venho ver o doutor. A criança está muito doente! - disse.

Sem nada dizer, o negro fechou a porta e convidou-o com um aceno a segui-lo,

O velho lançou um olhar à sua volta. Encontrava-se num pequeno pátio, cujo chão era de pedra. De um lado esse pátio estava cercado por alto muro; do outro, viu um muro mais baixo, que o separava da parte interna do local. Era um perfeito pátio de prisão: nenhuma planta nem árvores. Num canto, junto à porta do outro muro, via-se uma casa com janelas grandes e largas. Próximo dela se amontoavam vários índios, mulheres e homens. Muitos acompanhados de crianças.

Estas aparentavam saúde. Uma delas brincava com conchinhas, outras corriam silenciosas - o negro velho de cabelos brancos as observava com olhar severo. As crianças não podiam fazer ruído.

O índio velho sentou-se no chão à sombra e começou a soprar o rostinho roxo e imóvel da criança. Junto dele, sentada, uma índia idosa, com a perna inchada. Ela fitou a criança nos joelhos do velho e perguntou:

- É sua filha?

- Não. Minha neta.

Balançando a cabeça, a índia tornou:

- O espírito do pântano desceu sobre sua neta. Não se importe. Ele é mais poderoso do que todos os espíritos. Ele vai espantar o espírito mau, e sua neta ficará boa.

O velho índio acenou com a cabeça, expressando esperança.

De avental branco, o negro passou por todos os enfermos, deteve-se diante do velho índio e indicou-lhe a porta da casa.

O índio penetrou numa grande sala, cujo chão era também de pedras. No meio encontrava-se comprida mesa coberta com branco lençol. Abriu-se outra porta de vidro fosco, entrando na sala o Doutor Salvador, que trazia também um avental alvo. Era um homem alto, ombros largos, tez morena. Além das sobrancelhas e pestanas negras, o médico não tinha um único fio de cabelo no crânio. Pelo visto, raspava sempre a cabeça, pois a pele estava tostada pelo sol, da mesma forma que o rosto. Nariz adunco, queixo levemente saliente e lábios firmes e cerrados emprestavam-lhe à face uma expressão áspera e dura. Os olhos castanhos espelhavam frieza. Sob esse olhar, o índio não se sentia à vontade.

Fazendo profunda reverência, o índio estendeu-lhe a neta. Salvador, com rápido movimento, seguro e ao mesmo tempo delicado, tomou a criança doente. Desembruhou-a, jogando os trapos num canto, onde ficava um caixote. O índio ainda pretendeu apanhar aquela roupa, mas o médico o deteve:

- Deixe isso. Não toque mais nesses trapos!

Em seguida pôs a menina na mesa e inclinou-se. O índio via-lhe o perfil. De repente, teve a impressão de que não se tratava de médico a debruçar-se sobre sua neta, mas de um condor em cima de um pequeno pássaro. Salvador apalpava o pescoço da criança. Os dedos do médico também impressionavam o índio. Eram dedos compridos, extremamente ágeis. Pareciam dobrar-se, não só para baixo, mas em todas as direções. O índio, longe de ser medroso, procurava não se deixar impressionar pelo medo que sentia diante do médico.

- Muito bem! ótimo! - exclamou Salvador como se tivesse prazer em apalpar o tumor.

Ao concluir o exame, o médico voltou-se para o índio: - Temos agora lua cheia. Volte dentro de um mês, quando tivermos de novo lua cheia e receberá sua neta perfeitamente curada.

A seguir o médico conduziu a menina a outra sala. Por trás daquela porta de vidro estavam o banheiro, a sala de operação. e os aposentos dos enfermos.

Enquanto isso, o negro já havia trazido nova paciente - aquela anciã de perna inflamada.

O velho índio fez outra reverência diante da porta pela qual desaparecera o médico, e só então se retirou.

Exatamente vinte e oito dias depois, a mesma porta de vidro fosco abriu-se outra vez. De vestido novo, corada, inteiramente sã, surgiu a menina. Com assustado olhar fitava o avô. O índio precipitou-se para ela, pegou-a nos braços, e, beijando-a, examinou-lhe o pescoço. Não havia nem vestígio do tumor. Apenas se via, mal perceptível, pequena cicatriz, avermelhada - lembrança da operação.

A garotinha debatendo-se, mostrava que não tinha vontade de ir para a companhia do avô, chegou mesmo a gritar quando este a beijou, espetando-a na barba intonsa. O índio foi obrigado a libertá-la. Nesse instante apareceu o Doutor Salvador. Dessa vez, a sorrir, o médico acariciou os cabelos da criança, dizendo ao velho índio:

- Aí está sua neta. Você a trouxe ainda em tempo. Mais umas horas de atraso, e nem eu seria capaz de devolvê-la com vida.

O rosto do velho índio enrugou-se, tremeram-lhe os lábios e dos olhos desceram-lhe lágrimas. Erguendo a menina, apertou-a contra o peito, ajoelhando-se diante do médico. Com voz embargada pelo pranto, apenas pôde dizer-lhe:

- O senhor salvou a vida de minha neta. Que mais poderá fazer pelo senhor um pobre índio se não oferecer-lhe sua própria vida?

- De que me serve sua vida? Para que preciso dela? - exclamou espantado o médico.

- Eu estou muito velho - prosseguiu o índio sem se erguer - mas ainda possuo bastante fôrça. Vou levar a garota e entregá-la à mãe dela, que é minha filha, depois voltarei. Quero oferecer ao senhor o resto de minha vida, como paga pelo bem que me fez. Vou servir-lhe como um cão. Suplico-lhe não me negar este favor.

Salvador ficou-se pensativo.

Não gostava de aceitar estranhos. Escolhia cuidadosamente seus empregados. Em verdade, trabalho não faltava. Jim não podia dar conta de tudo sozinho. Aquele índio lhe parecia pessoa adequada, embora desse preferência aos negros.

- Você me quer dar sua vida e pede que eu aceite isso como um favor. Está bem. Seja feita sua vontade. Quando pode estar de volta?

- Antes de passar o quarto minguante, já estarei aqui de novo - retrucou o índio, beijando a ponta do avental do médico.

- Como se chama você?

- Eu? ... Cristo - Cristóvão, sim senhor.

- Pois agora vai ser Cristo. Vou esperar por você.

- Minha neta, vamos! - disse o velho dirigindo-se à garotinha, que apanhou nos braços. A criança chorava. Cristo saiu apressado.

CAPÍTULO VI

UM ESTRANHO JARDIM

Ao retornar, uma semana depois, disse-lhe Salvador, fitando bem dentro dos olhos do índio:

- Agora preste atenção no que lhe vou explicar, Cristo. Vou empregá-lo. Você receberá bom salário e alimentação...

Cristo agitou as mãos:

- Eu não preciso de coisa alguma, quero apenas servir ao senhor.
- Cale-se e ouça - retrucou o médico. - Você terá de tudo. Mas, exigirei de você apenas uma coisa: nada poderá dizer a respeito de tudo que irá ver e ouvir aqui.
- Prefiro cortar minha língua e lançá-la aos cães.
- Cuidado, pode acontecer-lhe uma desgraça dessas - preveniu-o o Doutor Salvador.

A seguir chamou o negro de avental branco, ordenando-lhe:

- Leve-o ao jardim e entregue-o pessoalmente ao Jim.

Em silêncio, o negro fez uma reverência e conduziu o índio para fora da casa. Após atravessarem o pátio, já conhecido de Cristo, o negro bateu na porta de ferro do muro.

De dentro ouviu-se o latir de cães, a porta rangeu e abriu-se devagarinho. O negro empurrou Cristo para o interior. O índio viu-se então num jardim. Outro negro o recebeu.

Assustado, Cristo apertou-se contra a parede: animais que jamais tinha visto, cor vermelha-amarelada, pintalgados de manchas escuras, latindo e uivando ao mesmo tempo, tudo aquilo lançou-se sobre o índio velho. Se os tivesse encontrado no pampa, Cristo os teria considerado como jaguares. Mas, aqueles animais que avançavam em sua direção latiam! Ladravam como os cachorros. Nesse instante, Cristo nem queria saber que tipo de animais seriam aqueles, Atirou-se a uma árvore e pôs-se a galgá-la com incrível rapidez. Enquanto isso, o negro emitia um silvo de cobra enfurecida. Incontinenti, os animais acalmaram-se. Pararam de ladrar e estenderam-se no solo, pondo a cabeça sobre as patas estendidas. E de soslaio, fitavam o negro.

De novo este sibilou, dirigindo-se agora a Cristo que estava sobre a árvore. Com um aceno, convidou o índio a descer.

- Por que você pia feito cobra? - indagou o índio, imóvel. - Engoliu a língua?

Aborrecido, o negro sibilou mais forte.

"Ele deve ser mudo - concluiu Cristo, que se lembrou das palavras de Salvador. - Será que esse médico corta mesmo a língua de seus empregados, se estes não cum-

prem a palavra de guardar segredo sobre tudo o que se passa aqui? Talvez tenha cortado mesmo a língua deste negro... Um infinito pavor invadiu, de repente, Cristo, que, por pouco não se despenhou da árvore. Sentiu enorme desejo de fugir dali, o mais depressa possível, e ir refugiar-se em qualquer canto. Lançou um olhar para o muro e viu que estava distante, não dava para saltar fora. Aproximando-se da árvore, o negro puxou-o pelas pernas. Cristo teve de obedecer. Saltou ao chão e sorriu de maneira que lhe parecia a mais amável. Estendeu a mão e Indagou em tom animado:

- Jim?

O negro acenou com a cabeça.

Cristo estreitou fortemente a mão do negro. "Já que me encontro no inferno, terei de ser amável para com os "demônios" - pensou o índio, que afinal perguntou:

- Você é mudo?

O negro nada respondeu.

- Você perdeu a língua?

E o negro calado.

"Como seria possível dar eu uma espiada na boca desse sujeito?" - pensava o índio. Ao que tudo indicava, Jim não pretendia manter qualquer conversa à base da mímica. Tomou o índio pelo braço, conduziu-o para perto dos animais avermelhados-amarelados e sibilou. Os animais ergueram-se, acercaram-se de Cristo, a quem cheiraram, e depois afastaram-se calmamente. O velho índio sentiu-se muito aliviado.

Jim o conduziu ao interior do jardim.

Este impressionava pela quantidade de plantas e flores Estendia-se para o oeste, descendo, lentamente, até a praia. Cobertos de conchinhas, vários atalhos iam ter a diversas direções. Cactos raros, suculentas agaves azul-esverdeadas, as mais diferentes flores ladeavam esses atalhos. Pessegueiros e oliveiras, projetavam sua sombra na grama salpicada de flores variegadas. No meio daquela densa vegetação ouvia-se o ruído de cascatas artificiais cercadas de pedras brancas. Lançando jorros para o alto, aqueles chafarizes refrescavam o ambiente.

Gritos, cantos, gorjeios de aves, berros, pios e guinchos enchiam a atmosfera daquele jardim!

Nunca o velho índio vira tantos animais estranhos; no tal jardim amontoavam-se pássaros e bichos dos mais esquisitos.

Cintilando as escamas verde-bronzeadas, passou uma lagartixa de seis pernas. Numa árvore, pendurava-se uma cobra de duas cabeças. Ao avistar aquele monstro, Cristo deu um salto, tanto mais que a cobra sibilou pelas duas cabeças, onde se viam duas bocas muito vermelhas. O negro então soltou novo silvo e, agitando as duas cabeças no ar, o réptil lançou-se da árvore ao solo, desaparecendo entre uns arbustos verdes. Outra serpente arrastou-se pela alameda, agarrando-se ao chão com duas patas. Por trás de uma grade grunhia um leitão. Com um único olho, enorme, no meio da testa, ele fitava o indilo. Dois ratos brancos, cujos corpos estavam ligados, disparavam na frente, como um monstro de duas cabeças e oito pernas. Esse monstro dúplice estava em luta consigo próprio: o rato do lado direito puxava nessa direção, enquanto que o da esquerda o fazia para sua banda. Ambos, zangadíssimos, guinchavam. Sempre vencia, porém, o da direita. Junto ao atalho, pastavam "os irmãos siameses" - duas ovelhas cujos corpos eram unidos nos flancos. Estas não lutavam entre si, como o faziam os ratos. Parecia que, há muito, entre ambas tinha-se estabelecido perfeita concordância de desejo e decisão. Cristo sentiu-se extremamente impressionado ao avistar outro monstro: um enorme cachorro, cor-de-rosa, inteiramente depilado. No dorso, trazia rum macaquinho, que parecia sair do interior

do corpo do cão. A gente via sua cabeça, braços e o peito. O cachorro aproximou-se de Cristo e moveu a cauda. O macaquinho, virando a cabeça, agitava os braços e dava palmadas no corpo do cachorro com que fazia um só conjunto, e lançava olhares para o índio. O velho meteu a mão no bolso e sacou um torrão de açúcar. Mas, antes que pudesse estendê-la ao macaquinho, alguém segurou-lhe a mão. Nas costas, Cristo ouviu um sibilar. E o negro Jim lhe explicou, por meio de mímica, que era proibido dar comida aos animais. No mesmo instante, porém, um pardal, cuja cabeça era a de um papagaio, apanhou o torrão, de açúcar e desapareceu entre os arbustos. Ao longe, numa clareira, mugia um cavalo com cabeça de vaca. Duas lhamas correram agitando caudas de cavalo. De todos os lados, por toda parte, das árvores, entre os arbustos, na grama, Cristo via répteis, estranhos animais e esquisitíssimas aves, que o cercavam. Viu ainda: cachorros com olhos de gato, gansos com cabeça de galinha, porcos de chifres, avestruzes com bico de águia, carneiros com corpo de puma...

Cristo teve a impressão de que estava sonhando. Esfregava os olhos, punha água fria na cabeça, mas nada adiantava. Nas piscinas via cobras com cabeça e guelras de peixe, peixes com patas de sapo, enormes sapos cujos corpos eram compridos como o dos lagartos..

Insopitável ânsia de fugir daquele lugar tomou conta de Cristo.

Afinal, Jim conduziu o índio a uma área coberta de areia: No centro havia uma casinha toda de mármore branco, estilo mourisco, a qual era ladeada de palmeiras. Através das árvores, viam-se colunas também de mármore. De chafarizes de cobre, em formato de delfins, subiam cascatas de água que caíam nas piscinas, onde a água era transparente, deixando verem-se dourados peixinhos, que nela nadavam felizes. O chafariz maior do que os demais, posto na entrada principal, mostrava um moco sentado num delfim, parecido com Tritão, o qual trazia nos lábios uma trompa em forma de espiral.

Atrás da casa havia outras construções cercadas de espessos cactos, os quais atingiam outro muro branco.

"Mais outro muro!" - pensou Cristo.

Jim o conduziu a um pequeno aposento, porém, muito arejado e fresco. Por meio de gestos, o negro explicou que aquela seria, de ora em diante, a habitação do velho. Em seguida, retirou-se, deixando Cristo entregue a si e aos seus pensamentos.

CAPÍTULO VII

O TERCEIRO MURO

AOS poucos, Cristo foi-se habituando ao estranho mundo que o cercava. Todos aqueles animais, pássaros e serpentes que viviam à sua volta no jardim eram muito bem amestrados. Com alguns o velho chegou mesmo a travar amistosas relações. Os cachorros de pele de jaguar, que o assustaram tanto no primeiro dia, agora o acompanhavam por toda parte, lambiam-lhe as mãos e o acariciavam. As lhamas dele se aproximavam e aceitavam até pão de suas mãos. Os papagaios pousavam-lhe nos ombros.

Doze negros, tão calados como Jim, cuidavam do parque e dos animais. Cristo jamais os ouviu falar, mesmo quando se encontravam sozinhos. Cada qual fazia seu trabalho em silêncio. Jim parecia ser o chefe de todos. Observava-lhes o trabalho e distribuía as tarefas. Para sua grande surpresa, Cristo foi designado por Salvador para auxiliar Jim. O trabalho era leve e a comida excelente. Cristo não podia queixar-se. A única coisa que o aborrecia era o perpétuo silêncio daqueles negros todos. Passou a acreditar que o médico lhes cortara a língua. Por isso quando o Doutor Salvador mandava chamá-lo, ele sempre pensava:

"Desta vez é para me cortar a língua".

Em pouco tempo, todavia, acabou o receio do velho.

Certa feita, Cristo viu Jim a dormir numa sombra. O negro estava deitado de costa, boca escancarada. Aproveitando-se do ensejo, Cristo aproximou-se e deu uma espiada na boca do negro, certificando-se, aliviado, de que a língua estava no lugar. Foi só então que Cristo pôde sentir-se mais, tranquilo.

Com impressionante rigidez, Doutor Salvador costumava organizar as tarefas de cada dia. Das sete às nove da manhã, atendia os índios doentes; das nove às onze fazia intervenções cirúrgicas; depois se recolhia ao laboratório, lá permanecendo a trabalhar. Operava, animais e depois estudava os resultados obtidos. Depois que concluía suas observações sobre o animal, ele o transferia ao jardim. Cristo, encarregado da limpeza da residência do médico, às vezes penetrava no laboratório. Tudo o que lhe era dado ver ali, o impressionava extraordinariamente. Em recipientes cheios de líquidos pulsavam os mais diversos órgãos. Pernas e braços amputados continuavam a viver. E quando lhes acontecia adoecerem, Salvador os tratava e restabelecia a vida que ameaçava apagar-se.

Cristo enchia-se de temor. Preferia então ficar entre os monstros vivos, do jardim.

Apesar de toda a confiança que o médico depositava no velho índio, era-lhe proibido e impossível atravessar o terceiro muro. E isso é que o intrigava muito. Certa vez,

por volta do meio-dia, quando todos estavam repousando, Cristo aproximou-se rapidamente do tal muro branco. Então ouviu, vindo de lá, vozes de crianças e pôde distinguir suas palavras. Contudo, àquelas vozes juntavam-se outras, muito estridentes, que pareciam de gente que estaria brigando com as crianças. Cristo não soube entender que língua. falavam.

Um dia, ao encontrar-se com o índio no jardim, e fitando-o diretamente nos olhos, Salvador lhe disse:

- Já trabalha aqui há um mês, não? e eu estou contente com você. No jardim de baixo adoeceu um dos meus empregados. Você vai substituí-lo. Lá verá muitas coisas que desconhece. Não se esqueça, de nosso, acordo : guarde bem sua língua se não quer perdê-la.

- Doutor, quase me esqueci como se fala aqui entre esses negros mudos - retrucou Cristo.

- Tanto melhor. O silêncio é ouro. Se ficar calado, receberá muito dinheiro. Espero que dentro de duas semanas meu empregado esteja restabelecido. A propósito, você conhece bem os Andes?

- Eu nasci nas montanhas.

- Ótimo! Vou precisar de novos animais e pássaros para meu jardim. Você irá comigo. Agora pode retirar-se. Jim já vai conduzi-lo ao jardim inferior.

Apesar de estar acostumado com tantas coisas, aquilo que Cristo encontrou no jardim inferior, ultrapassou todas as suas expectativas.

Numa grande área, banhada de sol, brincavam e corriam crianças nuas e macacos. Pertenciam a diversas tribos indígenas. Havia criancinhas de uns três anos, e as mais idosas, que teriam uns doze. Eram os pacientes do Doutor Salvador. Diversas tinham sido operadas em estado muito grave e deviam a vida ao médico. As convalescentes brincavam e corriam pelo. jardim. Só depois de restabelecidas integralmente, os respectivos genitores as levavam de volta ao lar.

Além das crianças, lá também se encontravam macacos. Uns sem cauda. Outros sem pelo nenhum.

O que mais impressionava era que falavam; uns melhor; outros, pior. Discutiam com as crianças, Brigavam aos gritos estridentes e agudos. Contudo, havia paz entre animais e crianças. Suas rusgas não passavam de desentendimentos infantis.

Cristo via-se em dúvida: seriam macacos legítimos ou gente?

Ao familiarizar-se com o novo ambiente, Cristo verificou que aquele jardim era menor do que o outro, sendo muito maior o declive que levava à praia, que era separada dele por grande rochedo.

O mar devia estar logo por trás do tal rochedo, pois dali se ouvia o marulho das ondas.

Dias mais tarde, Cristo resolveu examinar o rochedo, e chegou à conclusão de que era artificial. Formava, por isso mesmo, um quarto muro. Em meio a espessa vegetação; descobriu o velho índio uma porta de ferro, cor de cinza, como o rochedo. O velho apurou o ouvido. Nenhum som, além do marulhar das ondas. "Para onde leva esta porta estreita? Para a praia?"

De repente, estrugem gritos das crianças, que contemplavam o céu. O índio ergueu a cabeça e viu um balão vermelho a sobrevoar o jardim. O vento o arrastava na direção do mar.

Aquele balão comum de crianças encheu o velho de aflição. Cristo sentiu-se inquieto. E no dia em que o empregado doente, a quem estivera substituindo, voltou ao

trabalho, Cristo procurou o Doutor Salvador e disse-lhe:

- Doutor, em breve iremos aos Andes, onde, provavelmente, iremos demorar. Será que o Senhor permitiria que antes eu fosse despedir-me de minha filha e minha neta?

O médico não gostava que seus empregados se afastassem do trabalho, razão por que preferia sempre homens solteiros. Fitando-o, Cristo esperava em silêncio.

Após tê-lo examinado com frieza, falou Salvador:

- Não se esqueça de nosso acordo Cuidado com a língua! Pode ir, mas volte, o mais tardar, daqui a três dias. Espere!

Ao retomar, após alguns instantes trazia na mão um saquitel, em cujo interior tilintavam moedas de ouro.

- Leve isto para sua neta. É a gratificação pelo seu silêncio!

CAPÍTULO VIII

O ASSALTO

SE hoje ele não me aparecer, vou dispensar sua ajuda, Baltasar. Procurarei gente mais hábil e segura - dizia Zurita cofiando os grandes bigodes, cheio de impaciência. Naquele momento o proprietário da escuna "Medusa" estava de branco e trazia um chapéu de abas largas. Viera ao encontro marcado com Baltasar num ponto bastante afastado de Buenos Aires.

Camisa branca e calças azuis listradas, sentado no chão e encabulado, Baltasar remexia a grama esturricada pelo sol.

Estava arrependido de ter mandado seu irmão Cristo espionar a casa de Salvador. Apesar de mais velho dez anos do que ele, Cristo, era forte e ágil. Tinha a astúcia de um gato do pampa. Entretanto, não era um homem muito firme. Outrora ocupara-se com a lavoura, mas logo desistiu, pois achava o trabalho por demais cansativo. Mais tarde, abriu um bar na zona portuária. Contudo, foi à falência em pouco tempo, em consequência de seu fraco pelo vinho. Ultimamente, Cristo dedicava-se a negócios escusos, usando de toda sua astúcia e mesmo desonestidade. Um tipo assim serviria como espião, porém, não se devia confiar muito nele. Em seu próprio proveito seria capaz de atrair até mesmo o irmão. Por conhecer-lhe todas as fraquezas, Baltasar estava muito mais preocupado do que o próprio Zurita.

- Você tem certeza de que seu irmão viu mesmo o balão?

Baltasar sacudiu os ombros. Seu desejo seria abandonar o mais depressa todo aquele negócio, regressar à casa, beber água fresca misturada ao vinho e deitar-se mais cedo.

Os derradeiros raios solares iluminavam uma cortina de poeira que se levantara atrás da colina. Nesse instante, ouviu-se um silvo agudo e prolongado.

Baltasar agitou-se.

- É ele!

- Finalmente!

Passo estugado, Cristo aproximava-se. Naquele instante não lembrava mais o índio velho e submisso que vinha servindo em casa do Doutor Salvador. Assobiando de novo, aproximou-se dos que o esperavam e os cumprimentou.

- E então, conseguiu ver o "diabo-do-mar"? - indagou Zurita.

- Ainda não. Mas ele está por lá. O doutor guarda-o atrás de quatro muros. O principal, porém, já está feito, trabalho com o Doutor Salvador e ele confia em mim. Consegui sair-me muito bem no caso da "neta" doente - Cristo riu-se, semicerrando os astutos olhos. - A menina, assim que ficou boa, quase que me estragou tudo. Eu

procurava abraçá-la e beijá-la, como compete a um avô que se respeita, e a bobinha pôs-se a debater-se e chorar. O velho índio de novo riu-se.

- Onde conseguiu essa neta? - perguntou Zurita.

- Arranjar dinheiro é difícil, mas uma criança doente, fácilimo - respondeu Cristo. - A mãe dela, está muito feliz. Deu-me cinco pesos de papel e em troca devolvi-lhe a filha curada.

A respeito do saquitol cheio de moedas de ouro que lhe entregara o doutor, Cristo não disse nada. Sem dúvida, não pretendia dar aquele dinheiro à mãe da garotinha.

- Vi coisas: do outro mundo na casa do Doutor Salvador. Um verdadeiro jardim zoológico! - e Cristo pôs-se a contar-lhes tudo que testemunhara na casa do médico.

- Tudo isso é muito interessante - retrucou Zurita acendendo um cigarro - mas você não conseguiu o principal: o "diabo". Que pretende fazer agora, Cristo?

- Agora? Vou fazer um passeio pelos Andes - respondeu o índio, participando-lhes que Salvador se preparava para uma caçada.

- Esplêndido! - exclamou Pedro Zurita. - A casa de Salvador fica longe e não há vizinhos pelas redondezas. Durante a ausência do médico, assaltaremos a casa e rap-taremos o "diabo-do-mar."

Cristo balançou a cabeça negativamente.

- Os jaguares despedaçarão vocês. E o "diabo" não irão descobrir. Mesmo intactos, vocês não poderão obter o que desejam, tal como já me vem acontecendo até agora.

- Nesse caso - retrucou Zurita, após meditar um instante - nós vamos sitiá-la fortaleza e, quando Salvador pretender sair para a caçada, iremos aprisioná-lo, a fim de exigir que nos entregue o "diabo-do-mar" como resgate.

Enquanto Zurita falava, Cristo, com extraordinária habilidade, tirou-lhe um cigarro do bolso

- Obrigado! O assédio é melhor; mas Salvador os enganará. Prometerá o resgate e não cumprirá a promessa. Esses espanhóis...- não concluiu a frase, um acesso de tosse o impediu.

- Que é que você sugere, então? - indagou Zurita irritado.

- Paciência, Zurita. Salvador confia em mim, porém só até o quarto muro. É preciso conseguir que ele venha a confiar em mim tanto quanto nele mesmo. Só então me mostraria o "diabo-da-mar."

- E daí?

- E é só. Se os bandidos assaltassem Doutor Salvador - e Cristo indicou Zurita - como honesto araucano - o índio apontou para seu próprio peito - eu salvaria a vida dele. Nesse caso não haverá para mim mistério. Nenhum na casa do médico. (E meu: bolso ficará cheio de "pesos de ouro" -acrescentou o velho em pensamento).

- É... não seria mau!

Os três homens acabaram combinando qual seria o caminho a ser seguido pelo índio, tendo em vista conduzir Salvador à tal caçada nos Andes.

- Na véspera da partida jogarei uma pedra vermelha por cima do muro. Estejam, portanto, atentos.

Embora o plano do assalto tivesse sido muito bem arquitetado, insignificante imprevisto quase o botou por terra.

Zurita, Baltasar e dez outros assaltantes, portuários todos, com trajes gaúchos, armados e em cavalos velozes, aguardavam a vítima a certa distância da casa de Salvador.

A noite estava negra. Apurando os ouvidos, os homens esperavam a saída do médico. Todavia, Cristo não pôde supor que Salvador tivesse um método particular para

realizar suas caçadas.

Os assaltantes, de súbito, ouviram o ranger de um motor que se aproximava cada vez mais. Por trás da colina, dois faróis fortes iluminavam a estrada. Um automóvel preto passou, com tamanha velocidade por eles que todos ficaram de boca aberta, antes de compreender o que estava sucedendo.

Zurita soltava furibundos palavrões. Baltasar divertia-se.

- Não se desespere, Pedro - aconselhava o índio. - Durante o dia faz muito calor, por isso o médico preferiu viajar à noite. Salvador possui dois sóis no carro, Com certeza, durante o dia, há de querer descansar. Vamos segui-lo... - e fustigando o cavalo, Baltasar pôs-se a perseguir o automóvel do médico. Os demais o acompanharam.

Após terem galopado umas duas horas, os assaltantes avistaram ao longe uma fogueira ..

- São eles Deve ter acontecido alguma coisa. Fiquem aqui, eu vou ver o que se passa por lá. Esperem-me neste local.

E, saltando do cavalo, Baltasar arrastou-se pelo chão como cobra.

Estava de volta, decorrida uma hora.

- O carro enguiçou. Eles o estão consertando. E Cristo é quem está de vigia. Precisamos andar depressa.

O que depois sucedeu, foi coisa muito rápida. Os assaltantes atacaram, e antes que Salvador pudesse compreender o que estava acontecendo, ele, Cristo e três negros foram subjugados e postos de pernas e braços amarrados.

Um dos homens contratados por Pedro, que fingia ser o chefe do bando, exigiu resgate em dinheiro. Zurita preferiria permanecer afastado, observando o trabalho dos demais.

- Vou pagar-lhes bem, mas me soltem - respondeu o médico.

- E o resgate de seus companheiros? - indagou o assaltante. - Terá de pagar a mesma importância por eles

- Não lhes posso pagar tal quantia de uma só vez - retrucou o médico, após ter meditado alguns instantes.

- Nesse caso, o senhor vai morrer! - gritaram os do bando.

- Se não aceitar nossas condições, assim que amanhecer o mataremos! - afirmou o que fingia ser chefe.

Salvador deu de ombros e apenas explicou:

- Não tenho comigo tanto dinheiro.

A calma do médico impressionou até mesmo os assaltantes.

Postos amarrados, Salvador e seus companheiros na traseira do automóvel, os assaltantes começaram a vasculhar a bagagem. Descobriram álcool que o cientista levava para a conservação dos insetos e animais. Os ladrões beberam-no e estiraram-se bêbedos, para dormir.

Antes de amanhecer, alguém arrastou-se para junto de Salvador.

- Sou eu - murmurou Cristo. - Consegui desamarrar-me. Matei um dos bandidos que estava de guarda. Os outros estão completamente bêbedos. O chofer já consertou o automóvel. Precisamos apressar-nos.

Rapidamente, a turma do médico subiu no carro, o motorista pisou no acelerador e o automóvel arrancou na máxima velocidade, deixando para trás os bandidos.

Ouviram-se tiros e gritos desordenados.

Salvador apertou com força a mão do índio Cristo.

Só após a fuga dos prisioneiros é que Zurita veio a saber que o médico estava disposto a pagar o resgate. "Talvez tivesse sido melhor receber o dinheiro do que andar atrás do "diabo-do-mar" - pensava Pedro - sem nem mesmo ter certeza de que ele

me será proveitoso". Todavia, fora perdida a oportunidade, restava agora apenas aguardar notícias de Cristo.

CAPÍTULO IX

O HOMEM-ANFÍBIO

CRISTO estava certo de que, aproximando-se dele, Salvador lhe dissesse: "Cristo, você salvou-me a vida. De hoje em diante não há mais segredos para você. Vamos, vou mostrar-lhe o "diabo-do-mar":

O médico, porém, nem de longe pensava nisso. Gratificou-o regamente o índio e afundou-se em suas pesquisas científicas.

Entretanto, sem perder tempo, o índio pôs-se a examinar o quarto muro e a misteriosa portinhola. Após muito procurar, o índio conseguiu descobrir o segredo Esquadrinhando a porta, acabou por descobrir pequena saliência. E ao comprimi-la, a porta abriu-se. Era uma porta pesada e espessa, como a de um cofre-forte. Cristo entrou rapidamente, e a porta fechou-se. O índio ficou preocupado. Examinava cuidadosamente aquela porta, comprimia todos os cantos, e esta não se abria.

- Meti-me numa armadilha por minhas próprias mãos! - resmungou.

Nada havia a fazer. O velho índio decidiu então vasculhar esse último jardim misterioso do médico.

Era uma área cercada por um muro de rochedo artificial. Espessa vegetação cobria todo o espaço. Ouvia-se, nítido, o marulhar das ondas e o chiar dos seixos rolados na água rasa.

O jardim compunha-se de árvores e arbustos - vegetação própria dos lugares úmidos. Entre as árvores corriam inúmeros regatos protegidos do sol. Dezenas de chafarizes atiravam suas águas e tornava o ar úmido, que lembrava as margens baixas do Mississípi. No centro desse jardim, via-se uma casa de teto plano. As paredes de pedras estavam inteiramente cobertas de mofo. As venezianas de ferro estavam abaixadas. Aquela casa parecia desabitada.

Cristo atingiu a outra extremidade do jardim. Junto à parede, que separava a fortaleza da praia, havia enorme piscina quadrada, cercada de árvores, a qual teria uns quinhentos metros quadrados e cuja profundidade era de uns cinco metros.

No instante em que Cristo se aproximava da piscina, um ser assustado surgiu entre os arbustos e lançou-se na água, erguendo uma nuvem de borrifos. O índio deteve-se assustado: "É ele! O "diabo-da-mar"! Finalmente consegui vê-lo!" Aproximando-se da piscina, o índio fitou a água transparente.

No fundo, sobre umas pedras brancas, estava sentado enorme macaco. - Olhar espantado e curioso, o macaco fitava Cristo. O índio sentia-se perplexo: "macaco que respira dentro d'água!" Seus flancos alçavam-se e baixavam.

Ao recuperar-se de tamanho susto, Cristo desatou numa gargalhada: O "diabo-do-

mar" que tanto apavora os pescadores, não passava de um macaco anfíbio!" "Neste mundo a gente vê cada coisa!" - pensava o velho índio.

Sentia-se feliz, finalmente conseguira desvendar todos os mistérios. Estava, porém, ao mesmo tempo decepcionado. O tal macaco em nada se parecia com aquele monstro descrito pelos que afirmavam tê-la visto. Ora, o quanto podem o medo e a imaginação humana!

Precisava, no entanto, descobrir um modo de safar-se daquele lugar. Voltou para junto da porta, galgou uma árvore, junto ao muro, e com risco de fraturar uma perna, lançou-se por sobre ele

Mal se levantou, ouviu a voz do médico: - Cristo! Onde está você?

Apanhando um ancinho que estava perto, Cristo pôs-se a juntar folhas secas

- Estou aqui.

- Vamos - disse-lhe Salvador, aproximando-se da portinhola disfarçada. - Veja, esta porta se abre assim o médico comprimiu a saliência já conhecida de Cristo.

"O doutor está atrasado, eu já vi o "diabo-do-mar" - pensou o velho índio.

Ambos penetraram no jardim. Passando pela casa coberta de mofo, Salvador enca-minhou-se para a piscina. O macaco ainda lá estava soltando bolhas de ar.

Cristo, como se estivesse vendo o animal pela primeira vez, lançou um grito de fin-gido espanto. Contudo, mais uma vez se assustara.

Salvador não deu a menor importância ao macaco. Apenas fez um aceno, como que a significar que o macaco estava atrapalhando. O animal saiu imediatamente da água e galgou uma árvore. Salvador inclinou-se, remexeu na grama e apertou com força uma placa pequena e verde. Ouviu-se um surdo ruído. No fundo da piscina e dos lados, abriram-se várias escotilhas. Em poucos minutos, a piscina esvaziou-se. As escotilhas fecharam-se automaticamente. Num dos lados daquela piscina apareceu pequena escada de ferro que levava ao fundo da piscina.

- Cristo, vamos.

O índio obedeceu. E junto com o médico, desceu a escada. Salvador pisou numa placa. Incontinenti abriu-se outra escotilha, que ficava no centro e tinha um metro quadrado. Aqueles degraus de ferro conduziam a algum lugar subterrâneo. Cristo acompanhou o médico. Caminharam durante largo tempo. Do alto, através da escoti-lha, vinha uma luz fraca. Em breve, no entanto, também essa parca claridade acabou por desaparecer. Ambos estavam envoltos em completa escuridão. Seus passos res-soavam pelo corredor subterrâneo.

- Cuidado para não tropeçar. Estamos chegando.

Salvador deteve-se e apalpou a parede. Comprimiu um interruptor e num átimo uma luz forte iluminava tudo em torno Cristo pôde verificar que ambos se encontra-vam numa gruta subterrânea, diante de uma porta de bronze enfeitada de cabeças de leão, em cujos dentes estavam penduradas argolas. Salvador puxou uma delas. A porta abriu-se devagar e os dois homens penetraram numa sala escura. De novo ou-viu o ruído de interruptor. Uma luz fosca clareou o recinto, cujas paredes eram de vi-dro, o qual emergiu das trevas, ao passo que por trás das portas se viam acender-se fortes faróis, que iluminaram um enorme aquário, ou melhor, uma casa de vidro sub-marina. No chão dessa casa erguiam-se vegetação aquática e arbustos inteiros de coral, por entre os quais nadava uma infinidade de peixes miúdos.

De repente, Cristo avistou um ser, que parecia com um homem, de enormes olhos salientes e patas de sapo. O corpo desse misterioso ser era coberto de escamas azul-prateadas e cintilava. Com rápidos e ágeis movimentos, esse misterioso ser aproxi-mou-se da parede de vidro, acenou com a cabeça para Salvador, entrou na câmara também de vidro e fechou a porta. A câmara esvaziou-se com rapidez. O misterioso

ser abriu a segunda porta e penetrou na gruta.



- Tire os óculos e as luvas - ordenou-lhe o médico. O recém-chegado obedeceu. Cristo viu diante de si um belo rapaz.

- Cristo, apresento-lhe Iqitiandro, o Homem-Anfíbio, ou melhor, o "diabo-do-mar" - disse Salvador trazendo o jovem ao velho índio.

O rapaz sorriu amável, estendeu a mão ao índio e disse em castelhano:

- Bom dia!

Calado, Cristo apertou a mão estendida. Cheio de espanto, não podia articular uma palavra.

- O negro que serve Iqitiandro adoeceu - prosseguiu o médico. - Vou deixar você com Iqitiandro, durante alguns dias. Se você cumprir bem suas obrigações, pretendo mantê-lo a servi-lo para sempre.

Ainda em silêncio, Cristo balançou a cabeça.

CAPÍTULO X

O DIA DE IQITIANDRO

FINDAVA-SE a noite, dentro de pouco seria o amanhecer.

No ar morno paira um aroma de magnólias, de lírios, de resedá. Nem uma folha se move. Silêncio. Pela alameda do jardim caminha Iqitiandro. Presos ao cinto, balançam-se ritmicamente um punhal, o par de óculos, as luvas para os pés e as mãos - as tais "patas de sapo". A areia rangia sob seus pés. Mal podia enxergar-se o caminho. Quais manchas disformes, ladeavam-no árvores e arbustos. A névoa condensava-se em torno dos chafarizes. Ao passar, o jovem esbarra num galho e o orvalho umedece-lhe os cabelos e cálidas faces.

Fazendo uma curva à direita, a alameda vai-se estreitando no declive. A atmosfera torna-se cada vez mais fresca e úmida. Sob os pés, Iqitiandro sente placas de pedra, diminui a marcha e detém-se. Calmo, coloca os óculos de vidro grosso e calça as luvas nas mãos. Expele o ar dos pulmões e lança-se na piscina. A água envolve-lhe o corpo de agradável frescor, penetrando-lhe nas guelras. Estas começam a movimentar-se ritmicamente - e o homem transforma-se num peixe.

Algumas vigorosas braçadas, e Iqitiandro atinge o fundo. Nada com segurança em plena escuridão. Ao estender a mão dá com a argola de ferro na parede de pedra. Depois outra, uma terceira... E assim atinge o túnel repleto de água. Atravessa-o, vencendo gélida corrente. Deixa o fundo e surge à superfície, mas de novo mergulha como num banheiro morno. Aquecida nos chafarizes, do jardim, a água corre por cima no túnel e desce para o mar. Agora Iqitiandro já pode nadar acompanhando a corrente marinha. Cruzando os braços no peito, deita-se de costa e nada com a cabeça voltada para diante. Junto à saída do túnel para o oceano, lá debaixo, por uma fresta no rochedo, flui uma fonte de água quente. Deitando-se de peito, Iqitiandro fita à sua frente. Tudo negro. Estica os braços e sente a água fresca. Com as, palmas das mãos toca na grade de ferro coberta de vegetação submarina, macia e escorregadia, como também de ásperas conchinhas. Agarrado à grade, o jovem localiza a complicada fechadura e abre-a. A pesada e redonda porta gradeada, que fecha a saída do túnel, vai-se abrindo lentamente. Sempre nadando, Iqitiandro atravessa-a. Então a porta de novo se fecha.

O homem-anfíbio dirige-se para o alto mar. Na profundidade da água reina a escuridão, de quando em vez brilham, bem no fundo do oceano, quais vaga-lumes azulados e foscos, as medusas. Dentro em pouco, porém, virá o amanhecer e todos aqueles seres luminosos apagarão suas lanterninhas.

Iqitiandro sente nas guelras milhares de picadas sua respiração torna-se cada vez

mais opressa. O que significa que já ultrapassara a ponta do rochedo. Por trás deste, a água é sempre turva pelo barro, areia e outras impurezas. Nas cercanias a água é doce, um rio desemboca no Atlântico.

"Interessante, como podem os peixes viver nessa água doce e turva - pensava admirado o rapaz. - Talvez suas guelras não, sejam tão sensíveis aos grãos de areia e partículas lodosas."

Nada algum tempo para diante, depois vira-se rápido à direita, na direção sul e mergulha nos abismos salgados. Nessas camadas a água é mais limpa. O homem-anfíbio penetrou numa fria corrente submarina que passa ao longo do litoral, na direção sul-norte, até o ponto em que o Rio Paraná deságua, desviando essa corrente fria para o leste. Apesar de encontrar-se muito no fundo, a parte superior dessa corrente está a uns quinze ou vinte metros da superfície do mar. De agora em diante, Iquitiandro pode deixar-se levar pela corrente, que o arrastará muito longe, lá para o alto mar.

O rapaz cochila um instante. Ainda não há perigo: como está escuro, os carnívoros do mar estão dormindo. E é tão agradável tirar uma soneca antes de o sol erguer-se. Sua pele sente mudanças de temperatura. São as correntes submarinas.

Eis que o apurado ouvido do jovem percebe longínquo e surdo ruído. São correntes de âncoras que ribombam. Naquela baía, numa distância de vários quilômetros de onde se encontra Iquitiandro, barcos de pesca preparam-se para sair ao mar. Outro ruído retumbante chega aos ouvidos do homem-anfíbio - é o motor do "Gorrox" enorme navio britânico da linha Buenos Aires-Liverpool. Deve encontrar-se naquele momento a uns quarenta quilômetros de Iquitiandro. Mas como se ouve bem! Na água o som tem a velocidade de mil e quinhentos metros por segundo. À noite, como é belo o transatlântico "Gorrox"! Lembra uma verdadeira Cidade flutuante, banhada de luzes, Entretanto, para poder vê-la à noite é preciso sair na véspera para o alto mar. O "Gorrox" chegará a Buenos Aires pela madrugada, quando então suas luzes se apagarão. Não é mais possível cochilar: hélices, motores, leme do "Gorrox" e suas luzes irão despertar os habitantes do oceano. Provavelmente, os delfins foram os primeiros a despertar ao sentirem a aproximação do navio, pois ao mergulharem a poucos instantes, haviam provocado leve vibração que obrigou Iquitiandro a pôr-se de atalaia. Na certa, os delfins já estavam nadando ao encontro do "Gorrox."

O ruído de seus motores ressoa por todos os lados: despertam o porto e a baía. Para afugentar o resto de sono, Iquitiandro, mal abre os olhos, agita a cabeça, os braços, movimenta as pernas e sobe à superfície.

Cuidadosamente, ergue a cabeça fora da água e fita em volta. Por perto não há nem escunas, nem outras embarcações. Emergindo até a cintura, o homem-anfíbio permanece nessa posição apenas agitando as pernas.

Muito baixinho, sobrevoam o mar as gaivotas e os cormorões. Às vezes roçam com o peito ou a extremidade da asa o espelho das águas, deixando sobre estas círculos que depressa se desfazem. Os pios das gaivotas brancas, lembram o choro de criança. Riscando o ar com asas enormes, um albatroz sobrevoou a cabeça de Iquitiandro. Suas asas são negras, tem o bico vermelho, com ponta amarela e patas cor de laranja. Depois voou em direção à baía. Cheio de inveja, o homem-anfíbio acompanha com os olhos aquele voo. As escuras asas do albatroz, quando abertas mediam uns quatro metros. Como seria bom ter asas iguais às do albatroz !

No oeste, a noite caminha na direção das longínquas montanhas. A leste, ergue-se o escaldante sol. Na lisa superfície do mar surgiu imperceptível, tranquila e brilhante ondulação. Afastando-se sempre e sempre na altura, as gaivotas parecem ser cor-de-rosa.

Os primeiros sopros do vento erguem maretas multicores. A água torna-se cada vez mais azul. Cresce o vento. As ondas atingem a praia e junto dela a água fica esverdeada.

Aproxima-se uma flotilha completa de escunas de pesca. Como o pai lhe recomendara que não permanecesse à vista dos pescadores, Iquitiandro mergulha profundamente, até dar com uma corrente fria, a qual o conduz para longe da praia, na direção leste, no alto mar. Em torno, aquela escuridão azul-arroxeadada das profundezas oceânicas. Movem-se peixes que parecem verde-claros, com manchas e listras escuras. Como bandos de borboletas, agitam-se, ininterruptamente, peixes vermelhos, amarelos, cor de limão e marrons.

No alto ecoa um ribombo, a água escurece mais ainda. Foi um avião que sobrevoara muito baixo o mar.

Certa ocasião um hidroplano desses pousou na água. Iquitiandro, sem saber, prendeu-se na asa e... quase perdeu a vida: inesperadamente, o aparelho ergueu voo e o homem-anfíbio teve de saltar de uma altura de dez metros.

Iquitiandro ergue a fronte. O sol está quase sobre ele Deve ser meio-dia. A superfície não é mais um espelho em que se refletem pedras, peixes graúdos e o próprio Iquitiandro. O espelho estava deformado e agita-se incessantemente, encurva-se. O rapaz surge à superfície. As ondas o embalam. Uma crista de onda alteia-se, desce e ergue-se outra vez. Que se passa à sua volta? A maré alta revolve a areia e as pedras da praia; com estrondo, as ondas quebram-se nos rochedos. Perto da terra, a água ficara amarelo-esverdeada. O vento sul este sopra com violência. Aumentam as ondas. Nas cristas ferve uma espuma branca. Iquitiandro adora o mar agitado.

"Por que será que - pensa o jovem - quando a gente nada ao encontro das ondas, estas parecem azul-escuras, mas ao voltar-se a cabeça depois que as ultrapassamos, elas tornam-se pálidas?"

Das cristas das ondas saltam bandos inteiros de peixes-voadores. Ora subindo, ora descendo, sobrevoam centenas de metros as ondas e desaparecem nas águas, para de novo emergir e, outra vez, voar. Inquietas, as alvas gaivotas voejam pra cá e pra lá, soltando tristonhos pios. Pássaros mais velozes cortam os ares, fragatas de enormes bicos tortos, garras aguçadas, penas marrom-escuro, matizadas de verde-metálico e papos alaranjados. Aquele que lá vai é o macho. Por perto há de estar outro, a fêmea, peito branco e penas mais claras. De súbito, a fragata despenca como pedra na água, instantes depois, vê-se-lhe no bico um peixinho azul-prateado. Albatrozes, prenunciadores de tempestades sobrevoam o mar.

Ao encontro de escura nuvem lança-se um belo e corajoso pássaro - a palamedeia, que sempre festeja a tempestade com seu canto. Por outro lado, procurando fugir ao temporal, escunas de pesca e luxuosos iates, a toda velocidade, tratam de alcançar a terra.

Trevas esverdeadas adensam-se sobre o oceano; porém, através da espessura da água, Iquitiandro ainda consegue distinguir a posição do sol - que lembra grande sombra clara. Isto lhe dá para orientar-se. É preciso alcançar a água rasa, antes que as nuvens acabem encobrendo de vez o sol, se não - adeus almoço! O rapaz sente fome. Não pode demorar-se mais, porque a negrura torna difícil localizar as pedras submarinas e as águas rasas. Com vigor Iquitiandro move pernas e braços, e nada como se fora um sapo.

De vez em quando, muda de posição, deita-se de costas e verifica a direção graças à luz fraca que penetra através das densas trevas azul-esverdeadas. Às vezes fita

atento diante de si, a procura de um rochedo, uma pedra. Suas guelras e a pele percebem a mudança da água: está próximo da água rasa, esta perde a densidade, torna-se mais salgada e contém mais oxigênio, é uma água agradável e leve. Com a língua ele a examina. Assim procede um velho e experimentado marujo. Sem poder divisá-la, Iqitiandro percebe a proximidade da terra, graças a certos indícios só dele conhecidos.

Pouco a pouco vem clareando o dia. À direita e à esquerda, de há muito já se avistam os conhecidos contornos das rochas submarinas. Entre estas, há um pequeno platô, por trás de uma parede de pedras. Iqitiandro deu a esse recanto o nome de baía submersa. No seu interior reina sempre a calma, mesmo durante as mais violentas tempestades. Quantos peixes. aglomerados nessa baía! Fervilham como se estivessem numa panela. Pequeninos, escuros com uma listra amarela na metade do corpo e cauda da mesma cor Outros de listras oblíquas escuras em torsos vermelhos, azuis e dourados. Ora desaparecem de súbito, ora ressurgem no mesmo ponto. Mais perto da superfície há uma infinidade de peixes, no fundo, porém, não se vê nenhum. Durante muito tempo Iqitiandro não pôde compreender esse fenômeno. Um dia colheu um desses peixes, cujo tamanho era da palma da mão e completamente achatado. Só então o rapaz descobriu que de cima se tornava difícil distinguir aqueles peixes cujos corpos eram achatados.

Aproximava-se a hora do almoço do homem-anfíbio.

Noutro platô, junto às pedras, havia grande quantidade de ostras, Estirando-se no fundo da água, Iqitiandro vai saboreando-as. Está acostumado a comer dentro da água. Ao levar à boca uma ostra, expele a água por entre os dentes semicerrados. Contudo, sempre engole um pouco de água juntamente com os moluscos. Acontece, no entanto, que também está habituado com água salgada.

À sua volta agita-se a vegetação submarina: as folhas de agara, verdes e rendilhadas, a caulerpa mexicana com suas belas folhas verdes, movem-se dentro da água e dançam os nitófilos cor-de-rosa. Naquele momento, todas as plantas parecem cinzentas: nem o céu coberto de nuvens nem os raios do sol, conseguem chegar até ali. Aproxima-se cada vez mais a tempestade. O vento é muito forte. De quando em vez se ouve o ribombar do trovão. Emergindo, Iqitiandro contempla o céu.

Por que tudo ficara, de súbito tão escuro? Exatamente sobre a cabeça do homem-anfíbio, está suspensa qualquer coisa negra feito mancha. Que será? Iqitiandro termina o almoço Poderia agora colocar-se mais perto da superfície. Lentamente o rapaz vai emergindo na direção da mancha negra e verifica que enorme albatroz havia pousado na água. Aquelas pernas cor de laranja estão ao seu alcance. Então ele as agarra. O pássaro, assustado, agita as fortes asas e alça voo, arrancando Iqitiandro da água. Já em pleno espaço o corpo do rapaz torna-se muito pesado. Por isso, juntamente com o homem-anfíbio, o albatroz despenha-se no mar, cobrindo Iqitiandro com as penas do peito macio. Mas o jovem é prudente. Não espera até o pássaro dar-lhe uma bicada na cabeça e solta os pés do albatroz, mergulhando em seguida. Em poucos instantes depois, Iqitiandro reaparece na superfície, mas noutro ponto, afastado do pássaro. O albatroz voa na direção leste e desaparece atrás das ondas revoltas

Iqitiandro permanece deitado de costas. A tempestade havia passado. A leste, bastante longe, ouve-se ainda o ribombar do trovão. Afinal, o rapaz abre os olhos, deixa meio corpo emerso no mar e olha à sua volta. Está sobre gigantesca onda. Em torno, céu, mar, vento, nuvens, chuva torrencial e ondas - tudo parece enovelado em ruidosa, reboante e rude massa agitada. Velozes montanhas de água precipitam-se, uma atrás de outra, avançando como lavas na direção da praia, seguidas do uivar do

vento.

Tudo isso, que tanto assombra o homem terrestre, traz alegria a Iquitiandro. Sem dúvida, precisa ter cuidado, evitando que sobre si desabe aquela montanha de água, mas sabe como lidar com as ondas, tanto quanto com os peixes. É bom saber que uma onda pode levá-lo debaixo para o alto, todavia, outra poderia atirá-lo de ponta cabeça. O homem-anfíbio, porém, conhece tudo a respeito do mar. Sabe que em primeiro lugar desaparecem as ondas menores, depois as enormes, mas que a maré fica, por longo tempo, enrugando a superfície do mar. Gosta de brincar com as ondas, pegá-las, saltar sobre elas. Não entanto, não ignora quanto isso é perigoso. Certa ocasião uma grande onda lançou-o inesperadamente até o fundo, onde ele bateu a cabeça e perdeu os sentidos. Um homem comum teria morrido afogado. Iquitiandro, porém, recuperou os sentidos mesmo no fundo do mar.

A chuva cessara. O vento arrastou as nuvens para o leste distante. E depois mudou de direção. Do sul tropical vinha agora uma brisa cálida. Entre as nuvens a vagar, surgem clareiras de céu azul. Já os raios do sol dardejam sobre a água. A sudeste, ainda escuro, desenha-se no fundo do céu lúgubre arco-Íris. O mar está irreconhecível. Sua tonalidade já não é cor de chumbo, mas matizado de verde-claro, iluminado pelos raios do sol.

O sol! Num átimo, céu, mar, terra e longínquas serranias transformaram-se. Como é delicioso, leve e úmido o ar depois da tempestade! Iquitiandro, ora aspira com os pulmões o ar marinho, ora o faz aceleradamente através das guelras. Dentre todos os homens existentes neste mundo, Iquitiandro é o único que sabe quão fácil é respirar-se após uma tempestade, quando vento, trovões, ondas, chuva, unem o céu ao mar, a atmosfera à água, o que a enriquece de oxigênio. Todos os peixes e todos os seres marinhos animam-se e reanimam-se.

Passado o temporal, do interior das florestas submarinas, das frestas dos rochedos, dos espessos arbustos de coral, surgem peixinhos miúdos, seguidos de outros maiores, que se haviam escondido mais no fundo, e, afinal, depois que o mar se torna inteiramente calmo, reaparecem suaves e frágeis medusas, transparentes camarões, sifonóforos e outros viventes minúsculos do oceano.

Cai sobre uma onda um raio de sol - a água adquire então uma tonalidade esverdeada, dardejam as cristas, estruge a espuma...Próximo de Iquitiandro brincam seus amigos - os delfins, que o fitam com olhos alegres, astutos e curiosos. Brilham-lhes, entre as ondas, os lisos e escuros dorsos. Mergulham, borrifam água, bufam, nadam um atrás do outro. Iquitiandro ri e põe-se a nadar em sua perseguição. Parece-lhe que o mar, os delfins, o céu e o sol haviam sido especialmente criados só para seu desfrute.

Erguendo a fronte, fita, de olhos semicerrados, o sol. O disco purpúreo descamba para o oeste. Dentro em pouco começará a anoitecer. Hoje, porém, não sente desejo de voltar para casa cedo. Prefere deixar-se embalar pelas ondas, até que o céu se torne azul-escuro salpicado de milhões e milhões de estrelinhas,

Entretanto, a ociosidade acaba por aborrecê-lo. À sua volta estão morrendo seres marinhos. Poderia salvá-los. Levanta a cabeça e fita a longínqua praia. É para lá que deve encaminhar-se! Lá têm necessidade de sua ajuda. A ressaca é muito forte. Depois do temporal, essa ressaca lança fora do mar uma infinidade de plantas, peixes, medusas, caranguejos, estrelas-do-mar e, às vezes, até um delfim mais imprudente. As medusas morrem logo, dos peixes, alguns sempre conseguem retornar à água. A maioria, porém, morre na praia. Os caranguejos, quase todos, voltam às águas, arrastando-se. Por vezes deixam a água, a fim de alimentar-se das vítimas da ressaca. Iquitiandro gosta de socorrer os animais marítimos vitimados pela tempestade. Horas

e horas caminha pela praia, ajudando aqueles que ainda podem ser salvos. Sente imensa alegria ao ver um peixe, que lançara ao mar, nele desaparecer nadando e movendo a cauda. Torna-se feliz cada vez que peixes semimortos, a boiar nas ondas rasas, de lado ou de ventre para cima, se reanimam de novo. Recolhendo um grande peixe, o rapaz o carregava até o mar: o bicho estremecia em suas mãos, ao passo que Iqitiandro sorria, dizendo-lhe que não receasse e que tivesse mais um pouco de paciência. Sem dúvida, se estivesse faminto, ele próprio poderia comê-lo, caso o apanhasse dentro do mar. Isso era, no entanto, um mal inevitável. Ali, porém, tornava-se protetor, amigo e salvador dos habitantes marinhos.

Em geral, Iqitiandro voltava à terra do mesmo modo pelo qual dela se afastava: aproveitando as correntes submarinas. Naquele dia, contudo, não tinha vontade de descer até as profundezas - o mar e o céu estavam belíssimos. O jovem mergulhava, dava algumas braçadas e de novo surgia à superfície, parecendo-se com pássaros marítimos que estivessem pescando.

Extinguiram-se os derradeiros raios do sol. Lá para o poente vê-se ainda uma faixa luminosa. Escuras ondas, lembrando sombras cinzentas, correm uma após outra.

Comparada ao. ar fresco, a água apresenta-se morna. Tudo em derredor está escuro, mas não há motivo para medo. Nessa hora não há perigo. Os peixes carnívoros diurnos estão dormindo e os noturnos ainda não saíram à caça.

Iqitiandro acabou encontrando o que buscava: uma correnteza do norte, logo abaixo da superfície. Permanente mareta agita um pouco, acima e abaixo, aquele rio submarino, mas este continua a fluir, lentamente, do norte quente para o frígido sul. Lá mais para baixo há outra corrente contrária - do sul para o norte. Quando pretende nadar ao longo do litoral, durante largo tempo, Iqitiandro serve-se dessa corrente com frequência.

Naquele dia afastara-se bastante para o norte. Nesse instante a corrente quente levava-o até o túnel. Precisa ficar atento, a fim de não adormecer e ultrapassar a boca do túnel submerso, como já lhe sucedeu uma vez. Coloca, então, os braços por trás da cabeça, depois estende-os para os lados, abre as pernas devagar e em seguida junta-as. São exercícios que costuma fazer. A correnteza está arrastando-o para o sul. A água tépida e a ginástica conseguem acalmá-lo.

Olha para o alto: vê uma abóbada salpicada de milhares de astros - são os vagalumes que acenderam suas lanterninhas e vêm à superfície. No âmago daquela negrura, num e noutro ponto, surgem manchas cintilantes - são conglomerados de minúsculos seres luzentes. Muito perto do rapaz, brilha uma medusa, que lembra uma lâmpada coberta por um abajur rendilhado e franjado. A franja move-se de leve a cada movimento da medusa. Nas águas rasas já se acendem as estrelas-do-mar. Nas grandes profundidades agitam-se velozes os animais de rapina da noite. Perseguem-se mutuamente, dão. voltas, apagam e acendem em seguida suas luzes.

Outro ponto de água rasa! Galhos e troncos de coral mostram-se iluminados internamente por luzes azuis, cor-de-rosa, verdes e alvas. Alguns refletem uma luz pálida, trêmula, outras parecem incandescerem-se.

À noite, da terra só se vêem pequenas e longínquas estrelas luzindo no céu e às vezes a lua. Ao. passo que no fundo do mar há milhares de luzes, de estrelas, de luas, milhares de mínimos e multicores sóis, que refletem suave e doce luz. A noite do fundo do oceano é, incomparavelmente, mais bela do que a da terra.

A fim de fazer essa comparação, Iqitiandro sobe à superfície.

O ar estava mais tépido. Sob a cabeça via a abóbada azul-escuro, repleta de estrelas. No horizonte, pendura-se o disco prateado da lua. Seus raios refletem-se no mar em compridas faixas cintilantes.

Do porto vem-lhe um apito áspero e prolongado. O gigante "Gorrox" está despedindo-se. Mas como é tarde! Dentro em breve começará a amanhecer. Iquitiandro havia permanecido fora de casa quase vinte e quatro horas. Com certeza, o pai irá zangar-se.

O homem-anfíbio dirige-se para o túnel e, agarrando a grade, abre a porta e vem nadando ao longo da passagem, totalmente escura. Ao regressar, o jovem nada bem embaixo, na frígida corrente que vem do mar até as piscinas dos jardins.

Leve toque nos ombros faz-no despertar. Está no interior da piscina. Rapidamente emerge. Começa a respirar com seus pulmões, enchendo-os de ar, que recende a aroma de flores terrestres.

Dentro de alguns instantes, o jovem estará dormindo um profundo sono no leito macio, tal como lhe recomendara o pai.

CAPÍTULO XI

A DONZELA E O HOMEM MORENO

UM dia Iqitiandro nadava no oceano, após uma tempestade. Ao emergir, observou que, muito próximo, boiava algo parecido com um pedaço de vela branca, arrancada pelo vento a uma escuna de pesca. Aproximando-se, verificou, muito espantado, que se tratava de uma criatura humana - moça e muito jovem. Estava agarrada a uma tábua. Será que essa linda menina morreu? Aquilo perturbou-o de tal forma, que Iqitiandro sentiu, pela primeira vez em sua existência, um sentimento de hostilidade para com o oceano.

Talvez a moça tivesse apenas perdido os sentidos!? Ajeitou-lhe a cabeça, que pendia imóvel, agarrou a tábua e nadou na direção da terra.

Nadava apressado, com vigor, só se detinha, de quando em quando, a fim de endireitar a cabeça da donzela que deslizava da tábua. Balbuciava-lhe, tal como aos peixes que costumava socorrer: "Aguenta mais um pouco!" Desejava que a menina abrisse os olhos, porém, ao mesmo tempo, receava que ela o fizesse. Queria vê-la ressuscitada, contudo, temia que, ao avistá-lo a moça pudesse assustar-se. Talvez fosse melhor retirar os óculos e as luvas? Isso, porém, exigirá tempo, sem falar que, sem tais apetrechos, é mais difícil nadar. Iqitiandro apressa-se a empurrar a tábua com a donzela.

Atenção, encontra-se numa faixa de ressaca! As ondas o ajudam a nadar mais depressa. De vez em quando, Iqitiandro estica a perna para ver se dá pé. Por fim, a perna tocou na areia. Sem demora, o rapaz conduz a donzela à praia, liberta-a e carrega-a para a sombra projetada por uma duna, principiando a fazer-lhe respiração artificial

De súbito, teve a impressão de que os cenhos da moça haviam estremecido e as pálpebras começavam a mover-se. Iqitiandro pôs o ouvido sobre o peito da donzela e ouviu-lhe um fraco pulsar do coração. Ela está viva. " O homem-anfíbio está prestes a gritar de alegria.

A donzela entreabre os olhos, fita Iqitiandro, e em seu rosto estampa-se o terror. Cerra as pálpebras de novo Iqitiandro sente-se magoado e ao mesmo tempo feliz. De qualquer forma salvara uma vida! Agora, porém, precisa retirar-se, para não assustá-la mais. Contudo, sente que não pode deixá-la abandonada naquele estado. Enquanto estava refletindo, chegaram-lhe aos ouvidos o som de passos rápidos e pesados. Iqitiandro não podia mais hesitar. Lançou-se de cabeça nas ondas, mergulhou fundo e pôs-se a nadar sob a água até as pedras. Depois emergiu, e escondendo-se atrás daquelas pedras, começou a observar o que se passava na terra.



Por trás da duna apareceu um homem moreno, de bigodes, barbicha à espanhola, e chapéu de largas abas. Ao ver a moça, balbuciou em espanhol: "Ei-la, graças à Nossa Senhora!" Aproximou-se dela e em seguida correu inesperadamente para o mar, onde mergulhou. Encharcado, voltou para junto da naufraga e começou a fazer-lhe respiração artificial, curvando-se sobre o rosto da donzela " Beijou-a. Começou a murmurar-lhe algo muito depressa e apaixonadamente. Iqitiandro pôde apanhar algumas palavras soltas: "Eu bem que a preveni... Que loucura... Ainda bem que você foi amarrada à tábua..."

A moça entreabriu os olhos, ergueu a fronte. Seu rosto espelha medo, o qual, num instante, se transforma em espanto, aborrecimento e tristeza. O homem moreno continua a falar-lhe acaloradamente, ajuda-a a levantar-se. Todavia, a fraqueza forçou-a a deitar-se de novo, Só depois de meia hora é que ambos puseram-se a caminho. Passaram muito perto das pedras, entre as quais se escondia Iqitiandro, De cenhos franzidos, a moça dirigiu-se ao homem de sombreiro:

- Então foi você quem me salvou? Obrigada. Deus lhe pague.
- Não será Deus, só você poderá pagar - retrucou o homem moreno.

A donzela fingiu nada ter ouvido. Após curto silêncio disse:

- Engraçado! Tive a impressão de ter visto junto de mim um monstro.
- Claro que só poderia ser uma visão. Ou talvez, fosse o próprio demônio, o qual, julgando-a morta, pretendeu roubar-lhe a alma. Reze e apeie-se no meu ombro. Em minha companhia, você está fora de perigo, demônio algum ousará tocá-la sequer com um dedo.

Ambos ultrapassaram as pedras: a moça lindíssima e o homem antipático e moreno que a convencera de ter sido seu salvador. Iqitiandro, porém, não pôde desmascará-lo. "Podem pensar o que lhes aprouver, cumpri meu dever."

A donzela e seu companheiro desaparecem por trás das dunas. Iquitiandro, no entanto, permaneceu ainda muito tempo fitando o caminho que ambos haviam seguido. Depois, voltou-se e olhou o mar. Como lhe parecia agora enorme e vazio!...

A ressaca jogara à praia um peixe azul, de ventre prateado. Iquitiandro lançou um olhar à sua volta - nenhuma viva alma! Saindo disparado do esconderijo, apanhou o peixe e lançou-o às águas. Este nadou para o mar, Iquitiandro, porém, por qualquer motivo secreto, entristecera. Vagava pela praia abandonada, apanhava peixes e estrelas-do-mar e lançava-os às ondas. Pouco a pouco aquele trabalho conseguiu distraí-lo. Retornou seu permanente bom humor. E assim permaneceu na praia até o crepúsculo, mergulhando apenas vez por outra, quando o vento queimava e ressecava suas guelras.



CAPÍTULO XII

O CRIADO DE IQITIANDRO

DOUTOR Salvador resolvera viajar às montanhas dispensando a companhia de Cristo, o qual vinha revelando-se excelente criado para cuidar de Iqitiandro. Tal notícia encheu de alegria o velho índio, pois, durante a ausência do médico, ser-lhe-ia fácil avistar-se com Baltasar. Entrementes, mal pudera encontrar um jeito de comunicar ao irmão que vira e conhecera pessoalmente o "diabo-do-mar". Só restava elaborar-se o plano apropriado para raptar Iqitiandro.

Residindo na casinha branca, cheia de mofo, avistava-se frequentemente com o homem-anfíbio. Entre ambos desenvolveu-se incontinenti grande amizade. Sentindo falta do convívio humano, Iqitiandro tratava com sincera afeição o velho índio, o qual lhe contava coisas sobre a vida dos homens na terra. Por sua vez, conhecendo, mais do que qualquer cientista, a vida nos abismos submarinos, Iqitiandro revelava ao índio seus mistérios. O jovem possuía bastantes conhecimentos sobre geografia: eram-lhe familiares todos os oceanos, mares e rios; possuía algumas noções a respeito de astronomia, navegação, física, botânica e zoologia. Entretanto, muito pouco sabia a respeito dos homens: tinha informações a respeito de diversas raças que povoavam o globo terrestre, vagas tinturas sobre a história da civilização. No que tangia, porém, às relações políticas e econômicas entre os seres humanos, seus conhecimentos não ultrapassavam os de uma criança de cinco anos.

Durante o dia, quando era forte o calor, Iqitiandro descia à gruta submarina e punha-se a nadar para muito longe, no alto mar. Só regressava quando a temperatura melhorava, permanecendo em casa até o amanhecer do dia seguinte. Mas, nos dias de chuva e fortes vendavais, preferia ficar em casa o dia todo. Era quando se sentia bem na terra.

Não era grande a casa, só possuía quatro peças. Num quarto, junto à cozinha, dormia Cristo. Outro servia como refeitório. No terceiro, havia grande biblioteca. Iqitiandro lia muito em duas línguas: espanhol e inglês. No último aposento, o maior de todos, estava o dormitório do rapaz. No centro desse quarto havia uma piscina e, junto à parede, uma cama. Às vezes, Iqitiandro nela repousava, mas preferia dormir na piscina. Todavia, ao despedir-se, o Doutor Salvador recomendou ao índio que cuidasse, a fim de que Iqitiandro, pelo menos três noites por semana, dormisse no leito. À noite, o índio vinha ver o jovem, resmungando, feito uma velha babá, sempre que o homem-anfíbio se negava a deitar-se no leito.

- Para mim é muito mais agradável e cômodo dormir dentro da água - protestava o rapaz.

- Sim, mas o doutor recomendou que você dormisse na cama. É preciso obedecer seu pai.



Iqitiandro chamava o médico de pai. Cristo, porém, alimentava suas dúvidas a respeito daquele parentesco. Nas faces e braços do jovem a pele tinha uma tonalidade muito clara, o que talvez fosse devido à sua permanência constante sob a água. Aquele rosto oval, o nariz reto, os finos lábios e os grandes e brilhantes olhos de Iqitiandro lembravam os traços de índio araucano, tribo a que pertencia o próprio Cristóvão, ou Cristo, como o apelidara o médico.

O velho morria de curiosidade por dar uma espiada sob as escamas que cobriam o corpo do homem-anfíbio, a fim de verificar a cor real da sua pele. Feitas de um metal muito especial, as escamas cobriam inteiramente o corpo do rapaz.

- Por que não tira essa roupa para dormir? - perguntou certa feita o velho Cristo.
- Para quê? Minhas escamas não me incomodam, ao contrário, me sinto bem trazendo-as sobre meu corpo. Não me impedem a respiração através da pele e das guelras e ao mesmo tempo me protegem de fato: nem os dentes do tubarão, nem a mais afiada das facas, conseguem cortá-las. - Explicou Iqitiandro ao deitar-se.
- E para que usa óculos e luvas? - insistiu Cristo, examinando essas estranhas peças colocadas junto à cama. Eram de borracha esverdeada, tendo os dedos prolongados graças à introdução de pedaços de junco em cada artelho, além disso traziam ligaduras entre si. As luvas dos pés apresentavam dedos ainda mais compridos.
- As luvas ajudam-me a nadar com maior velocidade. Os óculos protegem meus olhos, quando o vento levanta areia. Não os uso sempre. Embora, estando de óculos enxergue melhor debaixo da água. Sem eles, vejo tudo enevoado. - Iqitiandro sorriu e continuou: Quando eu era pequeno, meu pai deixava-me brincar com as crianças que vivem no jardim ao lado. Admirei-me ao vê-las nadar sem luvas: "É possível nadar sem luvas?" - perguntei-lhes. Mas, elas não compreenderam de que se tratava, pois jamais eu as usava em sua presença.
- Você sempre nada pela baía? - indagou o índio.
- Mas, é claro. Apenas utilizo uma passagem lateral para chegar até lá. Um túnel submarino que fica do outro lado. Uma vez, pessoas malvadas quase me aprisionaram com uma rede Agora tomo mais cautela.
- Hum. Quer dizer que existe um túnel que dá diretamente na baía?
- Não apenas um. Vários deles, Que pena que você não possa nadar a meu lado debaixo da água! Eu lhe mostraria coisas maravilhosas. Por que todos os homens não podem viver sob a água? Nós poderíamos dar um passeio montados no meu cavalo-do-mar.
- Cavalo-do-mar? Que história é essa?
- Um delfim. Um delfim que eu amestrei. Coitadinho! Uma vez o vendaval lançou-o à areia da praia e o bichinho machucou uma barbatana. Trouxe-o de volta ao mar. Não foi fácil. Fora da água o delfim torna-se muito pesado. Em geral, na terra tudo é mais pesado. Até nosso próprio corpo. É muito fácil viver dentro da água. Daí arrastei o delfim até as ondas. Mas o coitado não podia nadar e por isso não sabia alimentar-se sozinho. Durante todo um mês eu o alimentei com peixes. No correr desse período, além de habituar-se, o delfim afeiçoou-se também a mim. Tornamo-nos grandes amigos. Outros delfins também me conhecem. Como é delicioso a gente brincar com eles no mar! Ondas, sol, vento e o marulho do oceano! No fundo do mar também é muito gostoso. A gente tem a impressão de que nada numa atmosfera espe-

sa e azul. Faz um silêncio! Não se percebe nem o próprio peso do corpo, que se torna livre, leve e obediente a cada movimento. Eu possuo muitos amigos no mar. Dou comida aos peixinhos, assim como você o faz com os pássaros, E os peixes me acompanham a toda parte, em cardumes.

- E os inimigos?

- Possuo, é claro, inimigos: os tubarões, os polvos. Mas, não tenho medo deles, defendo-me com minha faca.

- E se um deles, de súbito, atacar você?

Iqitiandro admirou-se de tal pergunta.

- Mas, como é possível isso, se ouço a grandes distâncias?

- Ah! então você pode ouvir debaixo da água? indagou espantado Cristo. - Mesmo quando eles nadam muito devagarinho?

- Claro. Você está admirado? Ouço com os ouvidos, mas também com todo o corpo. Pois, ao nadarem, eles transmitem vibrações à água. Assim que percebo tais vibrações, olho para trás.

- Você ouve, mesmo que esteja dormindo?

- Sim...

- Mas... e os peixes...

- Os peixes não morrem vitimados por ataques vindos de fora. Perecem porque não possuem meios para se proteger do inimigo mais forte. Ao passo que eu - sou o mais forte de todos. E os carnívoros do mar sabem muito bem disso. Não ousam aproximar-se de mim...

"Zurita tem razão - pensou o velho índio. - Vale a pena arriscar tudo para capturar o homem-anfíbio. Apanhá-lo na água não é fácil. ("Ouço com todo o corpo") Só se cair, por acaso, numa armadilha! Preciso avisar Zurita."

- Como é belo o mundo submarino! - prosseguia o homem-anfíbio. - Não, jamais trocarei o mar pela terra poeirenta e abafada de vocês,

- Por que "de vocês"? Você também é filho da terra - retrucou Cristo. - Quem é sua mãe?

- Não sei...- respondeu Iqitiandro com voz insegura. - Meu pai me disse que minha mãe morreu quando eu nasci.

- Mas, era, com certeza, mulher, um ser humano e não um peixe.

- Talvez - concordou o rapaz.

Cristo deixou escapar uma risada.

- Conte-me agora por que fazia aquelas suas travessuras: prejudicava os pescadores, cortava-lhes as redes e roubava-lhes os peixes dos barcos?

- Porque eles pescavam mais peixes do que poderiam consumir.

- Bem, mas pescavam para vender.

Iqitiandro não compreendeu o que lhe queria dizer o índio.

- Para que os outros pudessem comer esses peixes também. - Explicou o velho.

- Será que existe assim tanta gente na terra? perguntou espantado o homem-anfíbio. - Não lhes bastam as aves e os animais terrestres? Por que vêm ainda apanhar os bichos do mar?

- É mesmo difícil explicar isso a você assim de repente - disse o índio bocejando. - Está na hora de dormir. Olha, não vá deitar-se no fundo da piscina, seu pai ficará aborrecido. - Em seguida o índio retirou-se.

Na manhã seguinte, Cristo não encontrou mais Iqitiandro em casa. O piso de pedras estava molhado.

- Dormiu de novo na piscina - resmungou o velho. Sem dúvida alguma, meteu-se pelo mar alto.

Iquitiandro apareceu muito atrasado para o almoço, Algo o preocupava. Após espetar várias vezes o garfo no bife, falou:

- Outra vez bife?

- Sim - disse, com voz severa, Cristo. - É ordem do doutor. Você hoje já comeu peixe cru? Desse jeito vai desacostumar-se à comida cozida. Também dormiu dentro da água! Recusa-se a dormir na sua cama, depois não quer queixar-se das tais espetadelas - suas guelras vão-se desabitutando ao ar terrestre. E ainda por cima, chegou atrasado para o almoço Não me está obedecendo em nada.

- Ora, não fale tanto, Cristo. Não quero magoá-lo. - Iquitiandro deixa pender a cabeça, pensativamente. Após alguns minutos, o rapaz, de súbito, ergueu, desta vez cheios de tristeza, seus grandes olhos, e fitando Cristo, disse-lhe: - Cristo, eu vi uma moça. Nunca havia visto antes algo tão maravilhoso, nem mesmo no fundo do mar.

- Por que então falou tão mal da terra? - retrucou o índio.

- Eu vinha nadando, montado no delfim, ao longo do litoral. Perto de Buenos Aires divisei-a na praia. Tinha olhos azuis e cabelos doirados... Mas, ao me ver, ela assustou-se e fugiu. Também para que fui botar os óculos e as luvas? - Após curto silêncio, Iquitiandro prosseguiu em voz baixa: - Certa vez, salvei uma outra moça que se afogara no mar. Nessa ocasião nem reparei como ela era. E se a que vi hoje fosse a mesma? Creio que os cabelos da que salvei eram louros também... Sim, sim... Estou-me lembrando...- o homem-anfíbio tornou-se pensativo. Depois aproximou-se do espelho e pela primeira vez contemplou o próprio rosto.

- E que fez você depois disso?

- Esperei por ela, mas a talzinha não apareceu mais. Cristo, você acha que ela nunca mais voltará à praia?

"Seria ótimo se ele acabasse apaixonando-se por essa moca!" - pensou o índio. Até ali não conseguira levar Iquitiandro à cidade, onde Zurita, facilmente o raptaria. Todas aquelas maravilhas que o índio contava sobre a vida na cidade, não despertavam o mínimo interesse no homem-anfíbio.

- Talvez ela nunca mais volte à praia. Mas, não importa, vou ajudá-lo a encontrá-la. Você vai vestir um terno e iremos juntos à cidade.

- Você acha que eu verei a moça por lá? - exclamou interrogativamente Iquitiandro, cheio de entusiasmo.

- Lá pela cidade existem muitas e muitas moças, entre as quais, provavelmente, se encontra aquela que você viu na praia.

- Então, vamos! Vamos agora mesmo!

- Não. Hoje, não. É muito tarde. A cidade fica longe, não há mais tempo.

- Eu vou nadando, montado no delfim. Você vai a pé pela praia.

- Você é muito esperto - retrucou o índio. - Amanhã iremos juntos, bem cedinho. Você irá pelo túnel e eu espero-o na saída com a roupa. Antes preciso comprar um terno. ("Durante a noite vou ver meu irmão") - pensou o velho. Então, combinado? Amanhã cedo, não é?

CAPÍTULO XIII

NA CIDADE

IQUITIANDRO saiu da baía. Cristo já o esperava com o terno branco na mão. O rapaz olhou a roupa que lhe parecia feita de pele de cobra. Suspirou e pôs-se a vestir-se. Ao que parecia, eram raras as ocasiões em que Iquitiandro vestia-se normalmente. O índio ajudou-o a dar o laço na gravata e depois o examinou da cabeça aos pés. E ficou satisfeito com a aparência do moco

- Vamos! - exclamou alegre, Cristo.

Como desejasse impressioná-lo, levou-o pelas ruas principais: Avenida Alvear, à Praça da Vitória com a catedral e a prefeitura, construções do estilo mourisco Mostrou-lhe a Praça 25 de Maio, onde se encontra o obelisco da Liberdade e o palácio presidencial, cercado de belíssimo jardim.

Entretanto, equivocava-se o velho índio. Ruído, trânsito, poeira, calor, "corre-corre" de toda grande cidade apenas encheram de perturbação e atordoamento o pobre homem-anfíbio. Sua única preocupação resumia-se em descobrir aquela linda donzela, que ele salvara do mar. A todo instante agarrava Cristóvão pelo braço e murmurava:

- Escuta, Cristo, é ela?... - A seguir percebia que se enganara e dizia desconsolado:
- Não é. É outra...

Corriam as horas. Ao meio-dia tornou-se insuportável o calor. Cristóvão propôs-lhe que fossem a um restaurante, num rés-do-solo, a fim de comerem qualquer coisa. Iquitiandro concordou. Ambos desceram as escadas. No interior encontraram ar mais fresco, porém enorme algazarra. Homens toscamente vestidos, fumavam uns cigarros muito fortes. O homem-anfíbio não suportava o fumo, que o sufocava. Aquelas palavras em voz alta, os gritos dos garçons, frases em línguas exóticas, tudo aquilo ensurdecia Iquitiandro. O rapaz apenas se contentou com um copo de água, recusando-se a comer. Com voz triste, comentou:

- É mais fácil descobrir um peixinho conhecido na vastidão do mar, do que alguém nesse caleidoscópio humano. As cidades são repugnantes. Cheiram mal e não têm ar fresco. Estou sentindo espetadelas nos lados. Vamos para casa, Cristo.

- Vamos - concordou o índio. - Antes, porém, gostaria de passar pela casa de um amigo e de lá seguirmos para casa.

- Não gosto de entrar em lares estranhos.

- Fica no caminho. Não vou demorar-me.

Após terem pago a conta, ambos deixaram o restaurante. Cabeça curvada, respirando com dificuldade, Iquitiandro acompanhava Cristóvão, que passava por edifícios brancos, jardins cheios de cactos, pessegueiros, oliveiras. O índio conduzia o rapaz à

casa de seu irmão, Baltasar, que morava no Bairro Porto Novo

Próximo do mar, Iquitiandro passou a respirar com aidez seu ar úmido. Se pudesse, bem que tiraria a roupa e se atirava à água.

- Estamos chegando - explicou Cristóvão, voltando-se para Iquitiandro.

Atravessaram afinal os trilhos da estrada de ferro.

- Chegamos. É aqui! - comentou. o índio, ao conduzir o jovem a uma loja que ficava no subsolo.

Quando seus olhos se habituaram à escuridão, Iquitiandro fitou espantado em derredor. A loja parecia um recanto, ao fundo do mar. Nas prateleiras e pelo chão, montes de conchas miúdas, graúdas e bivalves, em forma de espiral. Pendiam do teto fios de corais, estrelas-do-mar, peles de peixe, caranguejos ressequidos e uma infinidade de exemplares de raros habitantes marinhos. No balcão, sob o vidro, expostas em caixinhas, estavam pérolas. Numa delas, havia uma pérola cor-de-rosa - chamada pelos pescadores "pele-de-anjo". Encontrando-se com coisas e objetos que lhe eram tão familiares, o homem-anfíbio sentiu-se mais tranquilo

- Descanse um pouquinho. Aqui é mais fresco e sossegado - disse Cristóvão, oferecendo-lhe uma velha banquetta de palhinha.

- Baltasar! Carmencita! - bradou o índio.

- É você, meu irmão? - indagou uma voz que vinha de outro aposento. - Venha cá.

Curvando-se, a fim de passar pela porta baixa, Cristóvão dirigiu-se ao quarto vizinho. Era o laboratório de Baltasar. Ali, com auxílio de ácidos, devolvia às pérolas o brilho que perderam por causa da umidade. Cristóvão fechou a porta. Fraca luz penetrava por uma janelinha no teto e iluminava frascos e garrafas sobre enegrecida mesa.

- Bom dia, meu irmão! Onde está Carmencita?

- Foi à casa da vizinha buscar o ferro para passar roupa. Só pensa em rendas e vestidos. Já vai voltar! respondeu Baltasar.

- E o Zurita? - Onde está esse homem?

- Desapareceu, o maldito. Ontem tivemos uma discussão.

- A respeito de Carmencita?

- Zurita rodeia-a, que nem uma cobra. Mas a garota só lhe dá uma resposta: "Não quero e não quero." Que se vai fazer? É menina muito cheia de dengues e teimosa como ela só. Tem opinião própria. E não quer compreender aquilo que qualquer outra donzela índia, por mais bela que fosse, consideraria uma verdadeira felicidade: casar-se com um homem como Zurita, proprietário de uma escuna, que mantém uma equipe de pescadores... - resmungou Baltasar que banhava pérolas em ácido. Neste momento, com certeza Zurita está-se embriagando de raiva.

- Então, que vamos fazer?

- Por que essa pergunta? Por acaso você o trouxe?

- Está lá dentro sentado.

Baltasar aproximou-se da porta e espiou pelo buraco da fechadura.

- Não vejo ninguém - murmurou.

- Está sentado num banco junto do balcão.

- Não. vejo. ninguém, a não. ser Carmencita

Abrindo. a porta, Baltasar entrou na loja acompanhado de Cristóvão,

O homem-anfíbio já não mais estava lá. Num canto, meio. escuro, via-se Carmencita, filha adotiva de Baltasar. Era conhecida além dos limites do bairro, graças à sua beleza. Mostrava-se tímida, porém geniosa. Sempre tinha a mesma resposta às várias propostas de casamento. que recebia: "Não !" Era uma palavra repetida em voz melodiosa, porém, cheia de convicção e firmeza.

Carmencita despertara grande interesse em Pedro Zurita, que pretendia desposá-la. O velho Baltasar tinha muito gosto em se ver ligado. por laços de parentesco ao. dono da escuna "Medusa", e, quem sabe, até mesmo tornar-se seu sócio,

Não. obstante, Carmencita rejeitou, repetidas vezes, a proposta, apenas com um rotundo : - "Não!"

No instante que Baltasar e Cristóvão. entraram na loja, Carmencita estava de cabeça baixa.

Bom dia, Carmencita! - exclamou Cristo,

- Onde está aquele rapaz? - indagou Baltasar,

- Não. costumo esconder rapazes por aqui - respondeu a moça sorridente. - Ao ver-me entrar, ele olhou-me com estranheza e, como. se tivesse ficado assustado, levantou-se, de súbito, pôs a mão no peito e saiu numa disparada. Nem tive tempo. de detê-lo.

"Seria ela?!" - pensou Cristo.

CAPÍTULO XIV

NOVAMENTE NO MAR

A correr ao longo da estrada, Iqitiandro sentia que estava ficando sufocado. Saindo da horrível cidade, abandonou a estrada e rumou diretamente para o mar. Ocultou-se entre as pedras, olhou para os lados, arrancou a roupa, escondeu-a e lançou-se à água.

Estava exausto, todavia, nunca nadara com tamanha velocidade. Assustados, fugiam dele os peixes. Só depois de ver que estava a algumas milhas da cidade, subiu para mais perto da superfície do mar e começou a nadar mais calmo. Agora, sentia-se em casa. Cada pedra submarina, cada gruta no fundo do mar lhe eram familiar. Ali, estirados no fundo arenoso, viviam os polvos. Mais adiante balançavam galhos de arbustos de coral vermelho, onde se ocultavam peixinhos também vermelhos. No interior de um barco naufragado, moravam duas famílias de polvos. Em pouco tempo essas famílias se multiplicaram. Sob pedras cinzentas viviam os caranguejos. Iqitiandro gosta muito de observar, horas perdidas, a vida desses animais. Conhece-lhes a alegria após boas caçadas, bem como suas amarguras: a perda de uma pinça ou o ataque de um polvo. Nos rochedos próximos da praia há uma infinidade de ostras.

Tendo alcançado a baía, Iqitiandro levantou a cabeça e viu um bando de delfins que brincavam. Lançou um alto e prolongado grito. Em resposta, um enorme delfim bufou e, mergulhando entre as ondas, rumou na direção de seu amigo, ora desaparecendo, ora emergindo na superfície.

- Leading, depressa, depressa! - bradou Iqitiandro, nadando-lhe ao encontro. Agarrando-se ao delfim, disse-lhe: - Vamos o mais depressa possível deste lugar.

Obedecendo ao jovem, o delfim rumou rápido para o alto mar, ao encontro do vento e das grandes ondas. Levantando cortinas de espuma, cortava a água, nadando cada vez mais rápido. A Iqitiandro, porém, essa velocidade parecia insuficiente.

- Leading, mais depressa! Vamos! Corra!

O delfim estava exausto e nadava a toda, mas Iqitiandro não se acalmava. De repente, o rapaz escorregou do dorso do amigo e deixando-o perplexo, mergulhou profundamente no oceano. O delfim esperou-o, bufou, mergulhou, tornou a bufar aborrecido e, afinal, movendo a cauda, virou-se e voltou na direção da praia, olhando de vez em quando para o ponto onde o amigo tinha mergulhado. Mas, Iqitiandro não aparecia à superfície. Então, o delfim acabou por juntar-se aos demais, que brincavam nas ondas. Nesse intervalo, Iqitiandro mergulhava cada vez mais para o fundo do oceano. Desejava permanecer sozinho, recuperar-se de todas as impressões que o perturbavam e assim ordenar seus pensamentos, meditando na solidão e no silêncio.

cio sobre tudo aquilo que acabara de ver e ouvir. Sem pensar no perigo, afastou-se para muito distante. Gostaria de poder compreender por que não se assemelhava aos outros homens - era um estranho, tanto para o mar como para a terra.

Submergia cada vez mais. Agora, a água tornava-se densa, oprimindo-o e tornando-lhe difícil a própria respiração. Reinava ali um crepúsculo cinzento-esverdeado. Havia poucos habitantes do mar e a muitos Iqitiandro nem conhecia. Jamais havia descido a tais profundidades. Então e pela primeira vez, o homem-anfíbio sentiu-se angustiado naquele mundo líquido, silencioso e escuro. A toda pressa emergiu e tomou a direção da baía. O sol estava se pondo e atravessava a água com raios vermelhos. Nesta, os raios misturavam-se ao azul e desdobravam-se em suaves matizes roxo-róseos e azul-esverdeado.

Como estivesse sem os óculos, Iqitiandro via, por isso mesmo, que a região abaixo da superfície do mar lhe aparecia tal como a vêem os peixes: na subsuperfície do mar tudo não parece plano, mas apresenta a forma de um cone - a Iqitiandro parecia-lhe encontrar-se num funil. As bordas do tal cone davam a impressão de ser ornadas com um debrum escarlate, amarelo, verde, azul e violeta. Além do cone, estendia-se a brilhante superfície da água em que se refletiam, como num espelho, os objetos submarinos: pedras, rochas, vegetação marinha e peixes.

Virando-se de peito, Iqitiandro nadou no rumo da praia, onde se sentou entre rochedos submersos, junto da água rasa. Descendo de um barco, os pescadores o puxaram para a terra. Um deles tinha água até os joelhos e Iqitiandro via, sobre a água o corpo do homem sem as pernas ao passo que na água apenas pernas sem o corpo, as quais se refletiam de novo no espelho à flor das ondas. Outro pescador afundou-se até os joelhos e dentro da água pareceu-lhe um ser estranho sem cabeça, com quatro pernas, dando a impressão de serem dois homens idênticos e decapitados, colocados um sobre os ombros do outro. Quando esses homens se aproximaram da terra, Iqitiandro passou a vê-los, como os vêem os peixes: refletidos e como que transformados numa bola dos pés à cabeça antes que pisassem na areia da praia. Esta era a razão por que o homem-anfíbio podia sempre fugir antes de ser notado pelos pescadores.

Aqueles seres estranhos, corpos de quatro braços sem cabeça ou cabeças sem os corpos pareciam-lhe, naquele momento, muito antipáticos. Eram os homens... Faziam tanto ruído, fumavam horrorosos cigarros, exalavam mau cheiro. "Não! É muito melhor permanecer entre os delfins - que são limpos e alegres". Iqitiandro sorriu ao lembrar-se de que certa vez bebera leite de um delfim.

Lá para longe, nas bandas do sul, há uma baía. Pedras submersas e uma faixa de água rasa impedem a entrada de navios. Ali a praia apresenta-se cheia de pedras e termina num abrupto declive. Essa baía não era visitada nem pelos pescadores comuns, nem pelos que se dedicavam à pesca de pérolas. O fundo era coberto por um tapete de lodo e vegetação. Naquela água morna nadavam muitos peixes. Durante anos seguidos, lá costumava comparecer um delfim fêmea para ter suas crias. Às vezes, quatro e até seis filhotes. Escondendo-se por perto, Iqitiandro observava horas inteiras o passatempo dos delfins recém-nascidos. Ora divertiam-se, dando saltos e saltos, ora em algazarra, mamavam. O homem-anfíbio começou a travar relações com eles: apanhava pequenos peixes e os oferecia aos delfinzinhos. Pouco a pouco os filhotes e a fêmea de delfim foram-se habituando à presença de Iqitiandro, o qual passou também a brincar com eles, agarrando-os nos braços, sacudindo-os e lançando-os às ondas. Ao que parece, os delfinzinhos gostavam das brincadeiras com o homem-anfíbio, por isso cada vez que o jovem surgia, eles o cercavam, cheios de

entusiasmo.

Certa ocasião em que essa fêmea de delfim teve filhotes, Iqitiandro pôs-se a matutar: "por que não provar o leite desse bicho?"

Então, aproximando-se dela, pôs-se a mamar-lhe nas tetas. A fêmea de delfim, que não esperava uma coisa assim, assustou-se e fugiu da baía. Iqitiandro, em todo caso, pôde verificar que leite de delfim apresenta um forte sabor de peixe.

A espantada fêmea desapareceu, e seus filhotes, desnorteados, puseram-se a saltar para todos os lados em busca da mãe. Muito trabalho teve Iqitiandro para reuni-los e acalmá-los até que, afinal, surgiu a mãe, que os levou consigo para outra baía. Só muito tempo depois, é que Iqitiandro logrou restabelecer a confiança e voltar de novo a ter amizade com esses animais...

Cristóvão estava assustadíssimo e preocupado: há três dias Iqitiandro não vinha para casa. Quando, afinal, apareceu, vinha fadigado, pálido, embora satisfeito.

- Onde andou você todo esse tempo? - indagou o índio em tom severo.
- Viajando pelas profundezas do mar - explicou-lhe Iqitiandro.
- Por que está assim tão pálido?
- Eu...eu quase morri - mentiu-lhe o jovem, embora nunca o tivesse feito até então e a ninguém. Em seguida, contou ao velho índio uma história que se passara com ele há muito.

No fundo do oceano, ergue-se uma rocha de cumeeiro plano, em cujo interior existe uma cavidade - um verdadeiro lago submarino.

Sobrenadando esse lago, Iqitiandro ficava sempre impressionado com a cor azul-clara de sua água. Mergulhando mais, o jovem ficou abismado ao avistar um verdadeiro cemitério de peixes miúdos, tubarões e delfins. Contudo, não fervilhavam, como de costume, nem caranguejos, nem peixes sempre ávidos por devorar os companheiros mortos. Em torno, tudo era tranquilo e imóvel. Apenas, de um ou outro ponto do fundo, subiam bolhas de gás. Mergulhando ainda mais, sentiu Iqitiandro, subitamente, uma dor aguda nas guelras, sufocação e tonteira. Ao perder os sentidos, deslizou para o interior da gruta. Zumbia-lhe a cabeça, batia-lhe acelerado o coração, os olhos ofuscavam-se. Não podia esperar ajuda de ninguém. De repente, Iqitiandro viu que, através de uma névoa, um tubarão, cujo dorso debatia-se em convulsões, também se precipitava no interior do abismo. Provavelmente aquele tubarão já andava em sua perseguição e entrara atrás dele na água venenosa e letal do lago submarino. O ventre do esqualo inflava-se; aberta, a guelra deixava à mostra dentes afiados. O tubarão estava morrendo. Cerrando os dentes e procurando não respirar pelas próprias guelras, Iqitiandro arrastou-se de quatro para fora do tal lago. Depois, ergueu-se: sentiu forte tonteira e caiu de novo. Em seguida, no entanto, conseguiu dar um impulso com os pés para cima, agitou os braços e afastou-se uns dez metros daquele perigoso lugar..

Ao concluir a narrativa, Iqitiandro aduziu outras informações que lhe dera, certa feita, o médico e cientista Salvador:

- Provavelmente nessa cavidade estão concentrados gases venenosos, talvez anidrido sulfúrico ou anidrido de carbono - prosseguiu Iqitiandro. - Você sabe, Cristo, gases quando na superfície da terra ou do mar, oxidam-se, por isso a gente não sente sua presença; porém, no interior da tal gruta encontram-se em alta concentração, tornando-se portanto venenosos. Bem, agora me dá algo para comer, que estou morrendo de fome.

Ao terminar o repasto, Iqitiandro apanhou os óculos e as luvas e dirigiu-se à por-

ta.

- Você só veio cá para apanhar esses troços? - perguntou Cristo. - Por que não me quer contar o que se passa realmente com você?

Revelou-se novo traço do temperamento de Iquitiandro: retraiu-se. .

- Não me faça perguntas, Cristo. Nem mesmo eu sei o que se passa comigo - respondeu o homem-anfíbio, que saiu apressadamente.

CAPÍTULO XV

A PEQUENA VINGANÇA

Ao avistar inesperadamente a moça de olhos azuis na loja de Baltasar, Iquitiandro foi tomado por tal perturbação espiritual que se viu obrigado a fugir, tomando, direto, o caminho do mar. Todavia, o desejo de conhecê-la pessoalmente persistia. O homem-anfíbio, porém, não sabia como consegui-lo. Seria muito mais simples socorrer-se do auxílio de Cristóvão e voltar à loja de Baltasar em companhia de seu criado índio. Entretanto, o moco não desejava encontrar-se com Carmencita na presença do Índio. Ocultando-se atrás das pedras, Iquitiandro passava os dias na esperança de que a mocinha aparecesse. Assim que atingia a praia, tirava os óculos e as luvas, vestia o terno, a fim de não assustá-la, caso ela viesse. Sucedia-lhe passar ali as vinte e quatro horas do dia, mergulhando no mar à noite para alimentar-se de peixes e ostras, dormir um sono inquieto, e, ao amanhecer, antes mesmo do sol, já encontrar-se de novo no seu posto de vigia.

Uma vez, à noite, resolveu ir sozinho à loja de Baltasar. A porta encontrava-se aberta. Atrás do balcão em lugar da moca, via-se Baltasar. Iquitiandro tornou à praia. Sobre o rochedo avistou uma jovem de branco e chapéu de palha. Iquitiandro deteve-se, sem coragem de chegar-se a ela. A moça esperava por alguém. Impaciente ela ia e vinha, fitando, de vez em quando, a estrada. Não notara a presença de Iquitiandro, que estava parado atrás de uma saliência do rochedo.

De súbito, a donzela agitou a mão. Iquitiandro voltou-se e viu aproximar-se um jovem alto, ombros largos. Jamais o homem-anfíbio vira olhos e cabelos tão claros como os do rapaz que se avizinhava. O moco aproximou-se da donzela e, estendendo-lhe a mão enorme, disse com voz carinhosa:

- Boa noite, Carmencita!
- Boa noite, Olsen! - respondeu a moca,

O homem apertou com vigor a mão de Carmencita. Cheio de despeito, Iquitiandro os observava. Sentia profunda tristeza a invadir-lhe a alma. Estava mesmo prestes a chorar.

- Você trouxe? - indagou o homem, examinando o colar de pérolas de Carmencita.
- Seu pai não irá descobrir?
- Não! - respondeu a donzela. - O colar é meu, posso fazer o que quiser com ele

Conversando em voz baixa, os jovens passeavam pela praia. De repente, Carmencita deteve-se, retirou o colar do pescoço e disse:

- Veja que vida têm estas pérolas iluminadas pelo sol poente! Tome-o, Olsen...

O rapaz estendeu a mão imediatamente, contudo, o colar deslizou das mãos de Carmencita e caiu na água.

- Meu Deus, veja o que fiz! - exclamou Carmencita.

O casal, desolado, permaneceu na beira do rochedo, fitando o mar.

- Será que posso retirá-lo? - perguntou o rapaz.

- O mar aqui é muito fundo - explicou Carmencita, que acrescentou: - Oh, Olsen, mas que azar!

Iqitiandro percebeu quanto a menina estava magoada. E esquecendo-se do fato de que ela desejava oferecer o colar ao homem de cabelo loiro e ombros largos, não soube permanecer indiferente à infelicidade da moça, Surgindo por trás da rocha, aproximou-se de Carmencita, dizendo-lhe em tom muito firme:

- Você deixou cair seu colar no mar? Se quiser posso ir buscá-lo,

- Nem mesmo meu pai, o melhor pescador de pérolas destas redondezas, poderia achá-lo - respondeu-lhe a moça

- Vou tentar - retrucou, modesto, Iqitiandro. Para grande espanto de Carmencita e seu companheiro, sem se despir Iqitiandro lançou-se do alto do rochedo ao mar e desapareceu nas ondas.

Estupefato, Olsen não sabia o que fazer nem pensar.

- Quem é ele? De onde veio?

Passou-se um minuto, mais outro e o jovem não aparecia.

- Afogou-se! - exclamou Carmencita em tom triste, de olhos pregados nas ondas.

Contudo, Iqitiandro não desejava que Carmencita soubesse que ele era capaz de viver sob a água. Entusiasmado com a tarefa, calculou mal o tempo e permaneceu no fundo mais tempo do que poderia suportar o melhor pescador. Emergindo, disse sorrindo:

- Tenha um pouco de paciência. Há por aqui muitas pedras que dificultam a busca. Mas, eu vou achar o seu colar.

E mergulhou de novo

Diversas vezes Carmencita presenciara a pesca de pérolas, por isso admirou-se muito por ver que Iqitiandro respirava tranquilo e não demonstrava o menor sinal de cansaço, mesmo depois de ter permanecido submerso por mais de dois minutos.

Passados outros dois minutos, ei-lo outra vez na superfície. O rosto irradiava alegria. Ergueu o braço e mostrou o colar.

- Estava preso numa pedra - explicou, com voz normal, respirando ritmicamente, como se tivesse acabado de sair de um aposento ao lado. - Se houvesse caído entre as pedras seria mais difícil descobri-lo. Era preciso permanecer mais tempo debaixo da água.

Ágil, Iqitiandro galgou o rochedo e entregou o colar à moça. A água escorria-lhe pelo terno, mas o rapaz não se importava.

- Aqui tem seu colar. Tome-o!

- Obrigada! - fez Carmencita, fitando Iqitiandro, curiosa.

Caiu o silêncio. Os três não sabiam que fazer nem sobre que falar. Na presença de Iqitiandro, Carmencita não desejava entregar o colar a Olsen,

- Se não me engano, você ia oferecer essas pérolas a esse rapaz - disse Iqitiandro apontando Olsen.

Olsen enrubesceu, ao passo que, embaraçada, Carmencita replicou:

- Ah, sim - e estendeu o colar a Olsen, que, sem palavra, meteu-o no bolso

Iqitiandro sentia-se feliz. Fôra a sua pequena vingança. O homem recebera as pérolas das mãos de Carmencita, porém, estas haviam passado pelas mãos de Iqitiandro e por ele foram salvas das ondas. Depois de despedir-se da moça com um aceno de cabeça, Iqitiandro afastou-se e tomou a estrada.

Todavia, sua satisfação estava abalada em consequência de seus pensamentos

acerca das relações que existiam entre Olsen e Carmencita. Ele pouco sabia a respeito dos homens em geral. Quem seria esse tal de Olsen? Por que razão Carmencita lhe dera o colar? Que conversavam, enquanto estavam a vaguear pela praia?

Nessa noite, montado no delfim, de novo Iquitiandro nadava pela baía, enchendo de pavor os pescadores.

Durante todo o dia seguinte, de óculos, mas sem luvas, Iquitiandro passou no fundo da baía, procurando conchas perolíferas. Ao anoitecer fez uma visita a Cristo, que o recebeu cheio de resmungos. De manhã, bem cedo, Iquitiandro já se encontrava sentado na praia, no lugar onde encontrara, dias antes, Carmencita. Ao escurecer, a moça, como da primeira vez, apareceu.

Saindo de seu esconderijo, Iquitiandro aproximou-se de Carmencita. Ao vê-lo, a moça cumprimentou-o com um aceno da fronte. Sorrindo, perguntou-lhe:

- Você estava me vigiando?

- Sim - tornou o jovem, com simplicidade. - Desde que a vi pela primeira vez... - Ao pronunciar esta frase, Iquitiandro sentiu-se encabulado. Dominando-se um pouco, prosseguiu: - Você deu o colar àquele... a Olsen. Mas antes de entregá-lo, vi que o fitava com saudades. Você gosta de pérolas?

- Gosto, sim.

- Nesse caso, aceite esta - disse-lhe Iquitiandro estendendo-lhe uma pérola.

Carmencita conhecia perfeitamente o valor das pérolas. A que via na palma da mão de Iquitiandro ultrapassava a tudo quanto conhecera, vira ou lhe fora contado a respeito de pérolas até aquele momento. De formato impecável, era uma enorme pérola, de cor branca puríssima. Devia pesar pelo menos duzentos quilates e seu valor um milhão de pesos-ouro. Deslumbrada, a moça fitava ora a raríssima pérola, ora o belo rapaz que a encarava. Forte, ágil, sadio, embora um pouco tímido, trajando um terno branco, todo amarrotado, em nada se parecia aos jovens ricos de Buenos Aires. E entretanto oferecia-lhe, a ela, uma donzela a quem mal conhecia, um presente daquela categoria!

- Tome! - repetiu Iquitiandro em tom insistente.

- Não! - retrucou Carmencita, sacudindo a cabeça. Não posso aceitar tão valioso presente.

- Não se trata disso - replicou Iquitiandro. - No fundo do mar há milhares de pérolas como esta.

Carmencita sorriu. Mas o rapaz conturbou-se e, após breve silêncio, acrescentou:

- Por favor, aceite.

- Não posso.

O rosto de Iquitiandro ensombreceu. Sentiu-se humilhado.

- Se não quer para si - insistiu - então aceite-a para ele.. o Olsen. Ele não a recusará.

Carmencita aborreceu-se.

- Você não sabe de coisa alguma. Olsen não ficou com o colar para si - explicou a moça, em tom ríspido.

- Quer dizer que você não pretende mesmo aceitar o presente?

- Não!

Sem um instante de hesitação, Iquitiandro lançou a pérola ao mar. E sem mais palavra, acenando apenas com a fronte, voltou-se e partiu.

Carmencita estava estupefata. Permaneceu imóvel. Lançar às ondas aquela fortuna, como se fora uma pedrinha qualquer! Envergonhou-se de sua atitude. Por que magoara o estranho rapaz?

- Espere! Onde você vai?

Todavia, Iquitiandro, cabeça baixa, continuava a afastar-se sem se voltar. Carmen-cita correu-lhe atrás. Pegou-lhe no braço e fitou seus olhos. Lágrimas corriam pelas faces do homem-anfíbio. Ele jamais havia chorado. E agora não sabia por que estava a ver tudo à sua volta como se através da névoa. Quando nadava sob a água, sem óculos, era assim que percebia as coisas.

- Perdoe-me tê-lo magoado! - suplicou a moça, apertando-lhe ambas as mãos.

CAPÍTULO XVI

A IMPACIÊNCIA DE ZURITA

DEPOIS desses acontecimentos, Iquitiandro, aparecia, diariamente, assim que amanhecia, naquela praia, perto da cidade. Tirava o terno oculto entre as pedras, vestia-se e sentava-se junto do rochedo - o ponto em que se encontrava com Carmencita. Ambos passeavam ao longo da praia, conversando animados. Quem seria aquele seu novo amigo? Carmencita não podia responder. Era inteligente, espirituoso, possuía conhecimentos sobre vários assuntos que ela desconhecia. No entanto, ignorava as coisas mais banais, que qualquer moco da cidade conhecia desde pequeno. Como explicar tão estranho fato? Sobre si próprio, Iquitiandro evitava falar. Não poderia contar a verdade a seu respeito. Carmencita apenas conseguiu saber que Iquitiandro era filho de um médico, que, pelo visto, tinha grande fortuna, pois dera ao filho uma educação muito original, mantendo-o afastado da cidade e do convívio de outros rapazes.

Às vezes, ambos permaneciam sentados nas pedras horas e horas, até tarde da noite. Lá embaixo, o marulhar das ondas. No céu milhões de estrelas a piscarem nervosas. Quando a conversa caía em ponto morto, os jovens ficavam silenciosos a fitar as ondas. Então Iquitiandro sentia infinita felicidade.

- Está na hora de ir-me embora - dizia Carmencita.

Contra a vontade, Iquitiandro levantava-se e acompanhava Carmencita até a cidade. Regressando depressa e tirando a roupa, o rapaz lançava-se ao mar.

Pela manhã, trazendo um pão inteiro, nadava até a praia. Depois, sentado no fundo arenoso do mar, alimentava com aquele pão os peixes que se haviam acostumado à sua presença e, em cardumes, o rodeavam, metendo-se entre suas mãos para apanhar migalhas do pão. Às vezes, alguns peixes maiores invadiam aquele paraíso e punham-se a caçar seus irmãos menores. Nessas ocasiões Iquitiandro erguia-se e afugentava os carnívoros, protegendo seus minúsculos amiguinhos.

Iquitiandro começou então a colecionar pérolas e guardá-las numa gruta submarina. Tal ocupação trazia-lhe grande prazer, por isso, em pouco tempo, conseguiu juntar enorme monte de pérolas selecionadas.

Sem o saber, tornava-se um dos mais ricos cidadãos da Argentina, quiçá de toda a América do Sul. Se o quisesse, tornar-se-la, facilmente, o homem mais rico do mundo. No entanto, nem sequer pensava em riqueza.

E assim iam-se passando os dias. Iquitiandro só lamentava uma coisa: que Carmencita fosse obrigada a residir numa cidade poeirenta, abafada e barulhenta. Que bom se ela também pudesse viver no fundo do mar, bem longe dos homens e do ruído.

do! Seria maravilhoso! Ele lhe teria mostrado um mundo inteiramente novo, belíssimo, que Carmencita desconhecia, um mundo com as maravilhosas flores de seus campos submarinos. Por sua vez, era-lhe impossível viver em terra. Ultimamente vinha passando na atmosfera terrestre, fora do mar, muito mais tempo do que devia. Com maior frequência, sentia aquela dor dos lados quando permanecia sentado junto de Carmencita, nas pedras. Contudo, mesmo quando a dor se tornava insuportável, ele resistia, até o instante em que Carmencita se retirava, de regresso ao lar. Havia algo mais que também preocupava Iqitiandro. Até ali não conseguira saber sobre que a moça conversara com Olsen naquela noite em que vira a cena do colar de pérolas. Todos os dias Iqitiandro pensava em perguntar-lhe, mas receava ofendê-la.

Certa feita, Carmencita disse-lhe que no dia seguinte não poderia vir ao encontro.

Por quê? - perguntou Iqitiandro, inquieto.

- Estarei muito ocupada.

- Ocupada em quê?

- A gente não deve ser tão curiosa - respondeu-lhe a moça a sorrir. - Hoje você não precisa acompanhar-me! - acrescentou. E depois partiu.

Mergulhando nas ondas, Iqitiandro permaneceu a noite toda estirado nas pedras cobertas de lodo, Sentia-se entristecido. Ao amanhecer dirigiu-se para casa.

Próximo à praia, viu que pescadores estavam atirando contra os delfins. Um deles, enorme, ferido por bala, dera um grande salto sobre as ondas e em seguida afundara-se.

- É o Leading! - pensou cheio de horror.

Um dos pescadores, que já descera do barco, aguardava que o cetáceo ferido voltasse à superfície. Entretanto, o delfim só apareceu, por um instante, a uns cem metros do tal pescador e em seguida submergiu de novo.

A toda velocidade, o pescador nadava rumo ao delfim. Sem perder um minuto, Iqitiandro apressou-se em ajudar seu amigo delfim. Ao surgir outra vez, à superfície, o pescador o agarrou pela barbatana e pôs-se a arrastá-lo, indefeso, na direção do barco.

Nadando sob a água, Iqitiandro alcançou o pescador e deu-lhe uma dentada na perna. O homem, certo de que aquilo fora um tubarão, começou a agitar as pernas desesperado. Sem ver o inimigo e para defender-se, o pescador deu uma facada na água. A lâmina atingiu o pescoço de Iqitiandro, que não era protegido pelas escamas. O rapaz soltou a perna do pescador que, à pressa, nadou para o barco. Feridos ambos, Iqitiandro e seu amigo o delfim Leading dirigiram-se à baía. Iqitiandro ordenou que o delfim o acompanhasse, mergulhando com ele na gruta submersa. Através das frestas, o ar podia penetrar nessa gruta. E o delfim poderia ali retomar o fôlego, sem correr o risco de novo ataque de pescadores. Iqitiandro examinou-lhe o ferimento. Não era grave. A bala entrara sob a pele e tinha ficado no tecido gorduroso. O homem-anfíbio conseguiu extraí-la com os dedos. O delfim soube suportar, com paciência, a intervenção do amigo.

- Em breve a ferida cicatrizará! - explicou-lhe Iqitiandro, dando palmadinhas carinhosas no lombo do animal.

Agora podia cuidar de si próprio. Rápido, sobrenadou pelo túnel subterrâneo, subiu ao jardim e dirigiu-se à casa branca.

Ao vê-lo ferido, o índio Cristóvão encheu-se de terror. - Que lhe aconteceu?

- Foram pescadores que me feriram quando eu estava socorrendo um delfim - explicou o jovem. Mas Cristo não acreditou.

- Você esteve de novo na cidade sem mim? - indagou o velho índio em tom de desconfiança, ao mesmo tempo que fazia o curativo no ferimento. Iqitiandro, po-

rém, não lhe deu resposta.

- Levante um pouco essas escamas - pediu Cristo, afastando as escamas no ombro. Ao dar com certa mancha vermelha no ombro, o criado índio assustou-se.

- Levou alguma pancada de remo? - perguntou apalpando o ombro do rapaz. A mancha não apresentava vestígios de contusão, provavelmente seria um sinal.

- Não. Não levei batida alguma - explicou Iquitiandro.

Após o curativo, Iquitiandro retirou-se para seu quarto, a fim de descansar um instante, enquanto Cristóvão, com a cabeça entre as mãos, entregava-se aos seus pensamentos. Longo tempo permaneceu naquela posição, imóvel; afinal levantou-se de súbito e saiu.

Cristóvão dirigiu-se à cidade, a passos largos. Ao entrar na loja do irmão, ofegando ainda, perguntou a Carmencita:

- Seu pai está em casa?

- Sim. Lá dentro - disse-lhe a moca, indicando o laboratório.

Cristo entrou e cerrou a porta.

Ocupado em banhar pérolas, Baltasar estava irritado.

- É de enlouquecer essa história toda! - resmungou Baltasar, - Zurita está uma fera porque você não trouxe até agora o "diabo-do-mar". Carmencita passa o dia todo fora de casa. Não quer nem ouvir o nome de Pedro. "Não, não e não!" - é o que se ouve dela. Ao passo que Zurita replica: "Estou farto de esperar! Vou levá-la à força, Vai chorar um pouco, mas depois parará!" Desse sujeito a gente deve esperar tudo.

Cheio de paciência, Cristóvão ouviu as lamentações do irmão. Depois falou:

- Veja você, meu velho. Ainda não pude trazer-lhe o "diabo" porque, tal como Carmencita, ele agora sai de casa e passa o dia fora. Não quer vir comigo à cidade. Não me obedece em coisa alguma. Quando chegar, o doutor ficará danado comigo, porque não pude cuidar de Iquitiandro como devia...

- Nesse caso, devemos tratar de raptá-lo o mais depressa possível. E você deixará a casa do médico antes de seu regresso. E...

- Espere, Baltasar. Não me interrompa. Não precisamos ter pressa com Iquitiandro.

- Por quê?

Cristo suspirou, como sem coragem de revelar seu plano.

- Veja... - principiou afinal.

No mesmo instante, porém, alguém entrara na loja e os irmãos ouviram a voz de Zurita.

- Está vendo? É ele outra vez! - murmurou Baltasar, lançando no líquido as pérolas que tratava.

Sem mesmo bater, Zurita abriu a porta do laboratório e entrou.

- Os dois irmãos juntos! Vocês pretendem deixar-me a mofar por muito tempo ainda? - perguntou passando os olhos sobre um e outro.

Erguendo-se sorridente, Cristo replicou afável:

- Estou fazendo todo o possível. Paciência. O "diabo-do-mar" não é um peixinho qualquer. Não é possível retirá-lo do abrigo em que vive, ao nosso bel-prazer. Consegui trazê-lo uma vez até aqui, mas você não estava. O "diabo" conheceu a cidade e não gostou dela. Agora, por nada, deseja regressar até aqui.

- Se não quer, não tem importância. Não espero mais. Resolvi realizar esta semana duas coisas. Salvador ainda não chegou?

- Esperam-no por estes dias.

- Então, precisamos andar depressa. Aguardem visitas por lá. Você, Cristo, abrirá a porta. O resto eu farei sozinho. Avisarei Baltasar quando tudo estiver pronto. - E, voltando-se para Baltasar, acrescentou: - falarei com você amanhã. Note bem, será nos-

sa última conversa.

Os dois irmãos, calados, fizeram uma reverência. No momento em que Zurita lhes virou as costas, os amáveis sorrisos desapareceram-lhes das faces. Baltasar balbuciou algo. Cristo parecia pensar nalguma coisa.

Na loja, Zurita falava a meia voz com Carmencita. - Não! - ouviram os irmãos, como resposta da moça Baltasar, preocupando-se, meneou a cabeça.

- Cristo! - bradou Zurita. - Hoje preciso de você, vamos!

CAPÍTULO XVII

O ENCONTRO DESAGRADÁVEL

IQUITIANDRO sentia-se muito mal. Doía-lhe o ferimento no pescoço. Tornava-se-lhe difícil respirar o ar terrestre.

Contudo, pela manhã, ainda que se sentisse enfermo, o jovem dirigiu-se à praia, a fim de encontrar-se com Carmencita. A moça chegou ao meio-dia. O calor era escaldante. Sufocado, Iquitiandro respirava com dificuldade o ar quente, aspirando a poeira do ambiente. Entretanto, desejava permanecer junto da donzela. Esta, porém, apressava-se em voltar à cidade.

- Meu pai precisa sair a negócios e eu devo ficar na loja.

- Vou acompanhá-la - disse o jovem. E ambos puseram-se a caminho. A estrada dardejava de calor e estava coberta de poeira.

Ao encontro dos jovens, vinha Olsen. Tinha um ar preocupado e estava mergulhado em pensamentos. Passou, sem ver, por Carmencita. Esta, porém, o chamou.

- Preciso dizer-lhe apenas duas palavras - explicou a Iquitiandro. E voltando-se, aproximou-se de Olsen. Ambos falaram em tom baixo e apressadamente. A moça parecia querer convencê-lo de algo. A distância de alguns passos, Iquitiandro os acompanhava.

- Está bem. Hoje à meia-noite! - ouviu Iquitiandro a voz de Olsen. O moco de ombros largos apertou a mão de Carmencita, acenou com a cabeça e prosseguiu em seu caminho.

Quando voltou para junto de Iquitiandro, Carmencita viu que as faces e os olhos do rapaz ardiam. Ele ainda pensou em falar com a moça a respeito de Olsen, a fim de saber, afinal, que espécie de relações mantinham. Mas, não encontrava palavras com que começar.

- Eu não posso... - começou, meio sufocado preciso saber... Olsen... Você esconde-me algum segredo. Você vai encontrar-se com ele hoje à noite. Você ama Olsen?

Carmencita segurou-lhe a mão, olhou-o com carinho e perguntou:

- Você acredita em mim?

- Acredito... Você sabe... Eu amo você! - disse num arranco Iquitiandro, lançando aquela frase que não tivera, até então, nenhum significado especial para ele - Mas eu estou sofrendo tanto... eu... eu...

Era verdade. Iquitiandro sofria por não ter certeza e agora sofria por sentir forte dor nos lados. Ele estava próximo a asfixiar-se. O rosto, de repente, tornara-se pálido.

- Você está doente - disse a moça com voz preocupada. - Acalme-se, peço-lhe.

Meu caro amigo! Eu não desejava dizer-lhe tudo, mas agora para acalmá-lo, vou contar-lhe. Ouça.

No mesmo momento, porém, passou um cavaleiro, que, reconhecendo Carmencita, deteve o cavalo e aproximou-se dos jovens. Iquitiandro viu um homem moreno, meio maduro, bigodes bastos e retorcidos e barbicha à espanhola.

Pareceu a Iquitiandro que já o teria visto... Mas onde? Na cidade? Não... Fôra na praia... Naquele dia na praia.

Batendo com o chicote na bota de cano alto, o cavaleiro fitou Iquitiandro com hostilidade e desconfiança, estendendo a mão a Carmencita.

Agarrando-lhe pelos braços, ergueu-a e beijou a moça inesperadamente.

- Afinal, surpreendi-a! - exclamou desatando numa gargalhada. Soltando a moca, em cujo rosto nadavam espanto e repugnância, prosseguiu num tom zombeteiro, mas ao mesmo tempo irritado: - Onde se viu uma noiva passear na véspera do casamento com rapazes estranhos?

Carmencita ainda tentou contestá-lo. Contudo, o homem moreno não lhe permitiu proferir uma palavra.

- Seu pai está à sua espera. Dentro de uma hora estarei na loja.

Iquitiandro nem chegou a ouvir as últimas palavras. Sentiu a vista turvar-se. Um nó apertava-lhe a garganta. Sua respiração interrompeu-se. Não mais podia ficar ao ar terrestre.

- Você...você me enganou... - conseguiu dizer. Seus lábios estavam roxos. Desejava expressar-se, dizer-lhe toda sua amargura e saber a verdade, entretanto a dor dos lados tornava-se insuportável. Estava próximo a perder os sentidos.

Sem mais poder resistir um instante, Iquitiandro foi obrigado a disparar na direção das ondas e lançar-se nelas do alto do rochedo.

Carmencita soltou um brado e cambaleou. Em seguida correu atrás de Pedro Zurita.

- Depressa! Salve-o!

Zurita, porém, nem se moveu.

- Não tenho hábito de impedir que outros se afoguem, quando esse é o desejo deles - disse em tom glacial.

Carmencita, como querendo lançar-se também à água, correu. Zurita fustigou o cavalo, alcançou a moca, agarrou-a, acomodando-a no cavalo e galopou pela estrada.

- Não tenho hábito de atrapalhar os outros quando eles não atrapalham minha vida. Assim foi melhor! Vamos, acalme-se, Carmencita !

Esta, porém, nada respondeu, tinha desmaiado. Só ao chegarem à loja é que tornou a si.

- Quem era aquele rapaz? - perguntou Pedro Zurita .

Fitando-o com incontido ódio, gritou-lhe a moca:

- Largue-me!

Zurita cerrou os cenhos: "bobagens!" - pensou. O herói de seu coração atirou-se ao mar. Tanto melhor. Depois bradou:

- Baltasar, ei!

O índio acorreu ao chamado.

- Receba sua filha e me agradeça. Salvei-a. Quase se atirou ao mar acompanhando um jovem de aparência bem simpática. Pela segunda vez trago-lhe salva sua filha, ao passo que ela, tão ingrata, tudo faz por evitar-me. Não tem importância, em breve tudo isso terá fim, - Pedro gargalhou. - Voltarei dentro de uma hora. Não se esqueça de nosso acordo!

Fazendo uma reverência, Baltasar recebeu dos braços de Zurita a filha. O cavaleiro, fustigando o cavalo, desapareceu pela estrada.

Pai e filha entraram em silêncio na casa. Enfraquecida, Carmencita deixou-se cair numa cadeira e tapou o rosto com as mãos.

Depois de fechar a porta, e a andar pelo quarto, Baltasar pôs-se a falar em tom acalorado e aflito. Ninguém, no entanto, o ouvia.

"Ele se afogou - pensava Carmencita recordando o rosto de Iquitiandro, - Coitado! Primeiro foi Olsen, depois o pobrezinho encontrou-se com Zurita. Que direito tem esse miserável Pedro de chamar-me sua noiva? Agora tudo está perdido..."

Carmencita chorava. Chorava por causa de Iquitiandro. Um rapaz tão simples e tão tímido, tão diferente dos rapazes convencidos e vazios de Buenos Aires!

"Que devo fazer agora? - perguntava de si para si Carmencita. Lançar-me também no mar como o fez Iquitiandro? Acabar de vez com a vida?"

Enquanto isso, Baltasar falava e falava:

- Procure compreender, Carmencita, Isso seria o nosso fim. Tudo o que você está vendo nesta loja, é do Pedro Zurita. Nem a décima parte desta mercadoria me pertence. Todas as pérolas nós as recebemos dele e vendendo-as, ganhamos uma comissão. E se você se negar outra vez a casar-se com ele, Pedro vai retirar toda a mercadoria e não nos fornecerá mais nada. Será o nosso fim! O fim definitivo! Seja sensata, tenha pena de seu velho pai.

- Você não pode concluir assim, meu pai: "case-se com Zurita". Isso é que não! - retrucou a moça num tom firme.

- Oh! maldição! - exclamou Baltasar enfurecido.

- Se é assim... então... então, não há de ser eu, mas o próprio Zurita quem irá dar um jeito em você! - ameaçou o velho índio, que saiu batendo a porta.

CAPÍTULO XVIII

A LUTA COM OS POLVOS

Ao lançar-se ao mar, Iqitiandro esqueceu, por algum tempo, todas as decepções terrestres. Após o ar quente e abafado da terra, aquele frescor da água o acalmara, devolvendo-lhe as forças. Respirava profunda e regularmente. Tinha necessidade de completo repouso, procurando afugentar todas as desagradáveis recordações do que ocorrera na terra.

Desejava movimentar-se, fazer algo. Que poderia trazer-lhe distração? Pelas noites escuras, amava lançar-se dos altos rochedos e tocar o fundo do mar com os pés. Agora, porém, ainda era dia e divisava-se na superfície do oceano uma infinidade de barcos.

"Vou fazer o seguinte: pôr a gruta em ordem" disse de si para consigo.

Num rochedo submerso, havia uma gruta em forma de enorme arco que dava num platô submarino, cuja visão era maravilhosa, o qual descia gradativamente até o fundo do mar. Há muito Iqitiandro namorava essa gruta. Contudo, antes de nela estabelecer-se, precisava despejar seus antigos habitantes - numerosa família de polvos.



Colocando os óculos, munindo-se de uma torta, mas afiadíssima faca, Iqitiandro rumou audaciosamente para a gruta. Entrar ali era perigoso. E Iqitiandro resolveu provocar os inimigos, a fim de forçá-los a saírem. Junto de um barco naufragado, Iqitiandro descobriu um arpão. Apanhando-o, pôs-se na entrada da gruta e começou a agitá-la. Irritados com o intruso, os polvos movimentaram-se. Pelas paredes da gruta foram surgindo compridos e retorcidos tentáculos. Cautelosos, aproximavam-se do arpão. Iqitiandro o afastava, antes que os tentáculos conseguissem alcançá-lo. Esse jogo prolongou-se por alguns minutos. Entrementes, dezenas de tentáculos, como os cabelos da Górgona, surgiram, movendo-se pela abertura da gruta. Afinal, um velho polvo, enorme, perdendo a paciência, resolveu pôr um fim ao atrevimento daquele intruso. Movendo os tentáculos ameaçadores, o grande polvo saiu da gruta. Nadando Com lentidão e cambiando sua cor para assustar Iqitiandro, o polvo aproximava-se do rapaz. Iqitiandro afastou-se para um lado, lançou fora o arpão e preparou-se para a luta. Sabia quão difícil era a um homem de apenas dois braços lutar com um inimigo provido de oito pernas compridíssimas. Mal consegue o homem cortar-lhe uma perna, e sete outras o envolvem e torcem-lhe o braço. O rapaz procurava atingir com um golpe de

faca diretamente o corpo do polvo. Permitindo que este se aproximasse tão perto que seus tentáculos quase o tocavam, Iquitiandro lançou-se direta e inesperadamente contra o novelo de tentáculos em movimento, procurando acertar na cabeça.

Aquele truque, quase sempre apanhava o animal de surpresa, Em geral bastavam quatro segundos para que o polvo recolhesse os tentáculos e envolvesse com os mesmos os braços do inimigo. Mas era tempo suficiente para que Iquitiandro pudesse rasgar o corpo do monstro, graças a movimentos rápidos e certos, ferindo-o exatamente na região do coração, cortando-lhe os nervos motores. Já em volta dos ombros do rapaz, os enormes tentáculos afrouxaram-se de súbito, tornaram-se flácidos e soltaram a presa

- Um está liquidado!

Iquitiandro apanhou outra vez o arpão. Dessa vez surgiram-lhe ao encontro logo dois polvos. Um avançava contra o rapaz pela frente, enquanto o outro vinha por trás. A situação tornava-se perigosa. Iquitiandro lançou-se corajosamente contra o que nadava ao seu encontro. Antes, porém, de conseguir liquidá-lo, o que estava por trás lhe envolveu o pescoço. Com incrível rapidez, Iquitiandro cortou-lhe o tentáculo próximo ao próprio pescoço. Em seguida, voltou-se de frente para o animal e decepou-lhe todos os tentáculos. Ferido, o polvo movia-se lento, até que afundou. Enquanto isso, Iquitiandro enfrentava um outro que lhe surgira de frente.

- Três! - contou o jovem.

Entretanto, Iquitiandro teve de interromper a luta por algum tempo. Um bando completo de polvos saiu da gruta. O sangue turvou a água, a qual impedia a visão e dava assim vantagem aos animais, que, às apalpadelas atacavam. Iquitiandro não podia vê-las. Afastou-se a nado do campo de batalha, para onde a água limpa e transparente lhe permitiu matar mais um polvo que saíra dos limites da água ensanguentada

A luta prolongou-se, com intervalos, por várias horas.

Finalmente, quando liquidou o último polvo e a água tornou-se clara, Iquitiandro conseguiu distinguir no fundo os corpos mortos e tentáculos que se moviam ainda. Afinal pôde penetrar na gruta. Lá encontrou mais outros polvos pequenos, alguns do tamanho do punho e tentáculos não maiores do que os dedos humanos. Pensou liquidá-los também, mas teve pena. "Vou tentar amestrá-las. Seria ótimo possuir vigias como essas"

Após ter retirado todos os corpos dos polvos que matara, Iquitiandro resolveu mobiliar seu novo abrigo submarino. Trouxe de casa uma mesa com pés de metal e tampo de mármore e duas jarras chinesas. Pôs a mesa no centro e as jarras sobre ela. Enchendo-as de terra, plantou umas flores submarinas. A princípio a terra desmanchava-se na água, mas pouco a pouco foi-se firmando no interior das jarras. Apenas as flores baloiçavam-se leves com a água, como se sentissem um sopro de vento.

Junto da parede, uma saliência poderia servir de banco. O novo senhor da gruta estirou prazeroso o corpo naquele banco, que, embora de pedra, dentro da água não parecia duro.

Era um estranho aposento submarino com jarras chinesas sobre a mesa. Vários peixes curiosos vieram visitar o novo abrigo de Iquitiandro. Nadavam por entre os pés da mesa, aproximavam-se das jarras com flores, como se as quisessem cheirar e deslizavam sob a cabeça do moco, Um cavalo-marinho, espiou o interior da gruta e fugiu assustado. Na areia branca arrastava-se enorme caranguejo, levantando e baixando as pinças, como se cumprimentasse o proprietário, instalando-se então sob a mesa.

Iqutiandro conseguia distrair-se. "Como poderei enfeitar ainda melhor minha habitação? - perguntava-se. - Vou plantar na entrada as mais belas plantas marinhas. Cobrirei o soalho de pérolas. Nas paredes porei conchas. Que diria Carmencita se visse meu quarto submarino?... Mas ela me enganou. Ou talvez não?! Não chegou a contar-me tudo a respeito de Olsen."

Iqutiandro pôs-se muito sério. Ao concluir o trabalho, o rapaz sentiu-se de novo bastante solitário. "Por que ninguém pode viver sob a água, se não eu? Só eu. Oh! se meu pai chegasse mais depressa! Vou perguntar-lhe..."

Sentia desejos de mostrar seu novo abrigo pelo menos a um ser vivo. "Leading" - lembrou-se em pensamento do delfim. Apanhou então aquela concha em forma de espiral e com ela subiu à superfície, e soprou-a. Poucos instantes depois, ouviu-se um bufar conhecido - o delfim sempre estava próximo à baía.

Quando chegou onde estava seu amigo, este o abraçou carinhosamente:

- Vamos, Leading, vou mostrar-lhe meu novo aposento. Você nunca viu uma mesa e jarras chinesas.

Ao mergulhar, Iqutiandro fez que o delfim o seguisse.

No entanto, o delfim mostrou-se um visitante irrequieto. Imenso e desajeitado, agitou tanto a água que as jarras balançaram na mesa. Além disso, deu um jeito de empurrar a mesa até virá-la. As jarras caíram. Se estivessem em terra, ter-se-iam despedaçado. Na água, porém, nada de grave aconteceu, a não ser o susto que levou o pobre caranguejo, que fugiu para junto da parede de pedra.

"Como você é desajeitado!" - pensou Iqutiandro, afastando a mesa para um canto e nela depondo outra vez as jarras.

Abraçando o delfim, voltou a falar-lhe:

- Fique aqui comigo, Leading.

Não demorou muito, porém, e o delfim começou a balançar a cabeça e mostrar-se intranquilo. Não podia ficar muito tempo no fundo da água. Precisava de ar livre para respirar, pois era um cetáceo, um mamífero que só possuía pulmões e não guelras como os peixes. Agitando as barbatanas, o delfim abandonou a gruta e subiu à superfície do mar.

"Nem mesmo Leading pode morar comigo no fundo da água - pensou o rapaz cheio de tristeza, assim que se viu de novo sozinho. - Apenas os peixes, mas são tão estúpidos e medrosos!"

Estirou-se outra vez no banco. O sol já se punha. Reinava na gruta a mais completa escuridão. Leve estremecimento da água embalava Iqutiandro.

Cansado das múltiplas, sensações do dia e do trabalho, o homem-anfíbio afinal adormeceu nas profundidades marinhas, em paz e silêncio.

CAPÍTULO XIX

UM NOVO AMIGO

SENTADO numa grande barça, curvado, sobre a amurada, Olsen fitava a água. O sol mal se tinha levantado e com raios oblíquos iluminava até o fundo a água transparente da pequena barra. Alguns índios arrastavam-se pela areia branca do fundo. Vez por outra, subiam à superfície para respirar e depois de novo mergulhavam. Olsen os observava com olhos atentos. Era muito cedo ainda, mas o calor se fazia sentir fortemente. "Vou refrescar-me também, darei um ou dois mergulhos" - pensou Olsen que se despiu rápido e lançou-se à água. Nunca mergulhara antes, mas provando-o um dia, gostou e verificou que poderia permanecer sob a água mais tempo do que os índios, pescadores de pérolas. Sem hesitar, uniu-se aos outros naquela nova ocupação, que desde logo o absorveu,

Ao mergulhar pela terceira vez, viu que dois índios que estavam ajoelhados no fundo, levantaram-se com tamanha rapidez como se um tubarão ou outro carnívoro marinho os tivesse atacado. Olhou para trás. Ao seu encontro vinha nadando um ser estranho, meio homem, meio sapo, coberto de brilhantes escamas, enormes olhos salientes e patas de batráquio. Nadava feito um desses animais, lançando as pernas para os lados e com fortes empurrões do corpo, e assim avançava com velocidade incrível.

Antes mesmo que pudesse erguer os joelhos, o monstro já se encontrava a seu lado e o segurava pelo braço com a pata de sapo. O assustado Olsen, porém, reparava que o estranho ser possuía um belo rosto humano desfigurado apenas pelos enormes olhos salientes. O estranho, esquecendo-se de que se encontravam debaixo da água, pôs-se a falar. Olsen não podia ouvir-lhe as palavras. Via apenas que seus lábios se moviam. Com as duas patas o misterioso ser o segurava pelo braço. Olsen deu forte puxão com os pés e com a ajuda do braço livre subiu à superfície. O monstro o seguiu sem soltar-lhe o braço. Na superfície Olsen agarrou a borda do barco, ergueu a perna e subiu, chutando com a outra o seu perseguidor, meio homem com patas de sapo, o qual tombou com grande estridor no mar. Apavorados, os índios lançaram-se à água e nadaram a toda, para a praia.

Entrementes, Iqutiandro aproximou-se de novo do barco e dirigiu-se a Olsen em castelhano :

- Olsen, preciso falar com você a respeito de Carmencita.

Olsen ficou estupefato ao ouvir aquelas palavras. Tratava-se de um homem, e sensato. O misterioso ser conhecia seu nome e também mencionava Carmencita, portanto não poderia ser um monstro e sim um homem.

- Pois estou às suas, ordens - respondeu Olsen.

Iquitiandro subiu à barcaça, sentou-se na proa e cruzou as patas de sapo no peito.

"São óculos!" - pensou Olsen, ao observar os enormes olhos, salientes e brilhantes do desconhecido que tinha à sua frente.

- Eu sou o Iquitiandro. Certa vez retirei do fundo do mar um colar de pérolas para você.

- Sim. Mas nessa ocasião você trazia olhos e mãos humanos.

Iquitiandro sorriu e agitou as patas.

- Posso retirá-los.

- Já pensei nisso.

Escondidos atrás do rochedo, os índios observavam com extrema curiosidade aquele estranho encontro, bem como o diálogo, cujas palavras não podiam ouvir.

- Você ama Carmencita? - indagou de chofre Iquitiandro, após breve silêncio.

- Sim. Eu amo Carmencita - confirmou-lhe Olsen com a maior simplicidade.

Iquitiandro suspirou profundamente.

- E ela também o ama?

- Creio que sim. Ela também me ama.

- Contudo, ela também me ama.

- Isso é com ela - retrucou Olsen, que encolheu os ombros.

- Como assim! Pois ela não é noiva?

No rosto de Olsen estampou-se a surpresa Conservando, porém, a mesma calma, redarguiu:

- Não. Ela não é minha noiva.

- Você está mentindo! - bradou Iquitiandro. - Eu ouvi com meus próprios ouvidos um homem moreno, montado num cavalo, dizer que Carmencita estava noiva.

- Minha noiva?

Iquitiandro ficou todo confuso. Não, o senhor moreno não lhe dissera que ela era noiva de Olsen. Mas, seria, então, possível, que Carmencita, linda moça como era, tivesse ficado noiva daquele sujeito moreno, velho e antipático? Como poderia ter acontecido uma coisa assim? O tal senhor moreno deve ser parente de Carmencita... O homem-anfíbio resolveu colher suas informações de outra forma.

- Que faz por aqui? Procura pérolas?

- Francamente, não me agrada essa sua curiosidade - retrucou Olsen, de rosto ensombrecido. - Se Carmencita não me tivesse feito boas referências a seu respeito, eu agora o lançaria fora de minha barcaça e assim poria fim à nossa conversa. Posso mesmo abrir-lhe a cabeça com um remo antes mesmo de você se levantar. Não vejo, porém, nenhuma inconveniência em dizer-lhe que realmente pesco pérolas por aqui.

- Procurava aquela pérola grande? Carmencita contou-lhe a respeito dela?

Olsen acenou afirmativamente.

Iquitiandro vencia.

- Está vendo, eu tinha razão quando disse a Carmencita que você aceitaria a pérola. Eu a oferecera a ela para que lhe fizesse presente. Ela não concordou e agora você mesmo é obrigado a procurá-la.

- Sim, estou procurando essa pérola pela simples razão de que agora ela não lhe pertence mais; agora é do mar. E se eu conseguir encontrá-la não ficarei devendo a ninguém.

- Você gosta assim de pérolas?

- Não sou mulher para gostar de bugigangas! - retrucou-lhe Olsen.

- Mas as pérolas a gente pode... como é?... Vender, não? - recordou-se Iquitiandro daquela palavra que até ali lhe parecera incompreensível. - E receber assim . muito

dinheiro, não é?

Olsen acenou de novo afirmativamente.

- Quer dizer que você gosta muito de dinheiro?

- Afinal de contas, que é que você deseja? - indagou Olsen, irritado.

- Eu quero saber por que Carmencita lhe deu aquele colar de presente. Você desejava casar-se com ela?

- Não, não tinha a menor ideia de casar-me com Carmencita - explicou o homem louro. - E mesmo que quisesse fazê-lo, agora seria muito tarde. Carmencita está casada com outro.

Iqitiandro empalideceu e apanhou a mão de Olsen.

- Será possível que ela se casou com aquele sujeito moreno? - perguntou com voz aflita.

- Sim, casou-se com Pedra Zurita.

- Como é possível? Acho que ela me amava - concluiu num murmúrio o homem-anfíbio.

Olsen fitou-o cheio de compaixão e acendendo o cachimbo disse-lhe:

- Acho que Carmencita o amava. Entretanto, você tinha-se lançado ao mar do alto de um rochedo à vista dela e afogara-se; pelo menos assim pensava Carmencita

Admirado, Iqitiandro fitava o companheiro louro. Jamais confessara a Carmencita que podia viver sob a água. Nem poderia supor que aquele salto pudesse ser interpretado pela moça como um suicídio.

- Na noite passada, estive com Carmencita - continuou Olsen. - Sua morte, Iqitiandro, magoou-a de verdade. "Eu sou a culpada" - disse-me.

- Mas por que se casou tão depressa com outro? Pois ela... fui eu quem lhe salvou a vida. Há muito descobri que havia bastante semelhança entre Carmencita e aquela moça que salvei das ondas. Retirei-a do mar, coloquei-a na areia e escondi-me atrás da pedra. Em seguida surgiu aquele senhor moreno - logo o reconheci - e convenceu-a de que a salvara.

- Carmencita me contou isso - disse Olsen. - Até hoje ela não sabe direito quem lhe salvou a vida: se Zurita ou um monstro que vislumbrou por momentos ao recuperar os sentidos. Por que não lhe disse que foi você que a retirou das ondas?

- Não achei um jeito de contar-lhe isso. Além do mais, ele não tinha certeza de que era ela mesma a tal moça. Até que noutro dia vi Zurita em sua companhia. Contudo, como pôde ela concordar em casar-se com esse tipo? perguntou Iqitiandro.

- Como aconteceram essas coisas eu não sei bem informou Olsen.

Conte-me o que sabe a respeito! - pediu Iqitiandro.

- Trabalho numa fábrica de botões. Sou eu quem recebe as conchas. Foi aí que conheci Carmencita. Ela trazia as conchas que o pai me mandava quando ele próprio, por estar ocupado, não podia fazê-lo. Conhecemo-nos e travamos relações de amizade. Às vezes encontrávamo-nos no porto, passeávamos pela praia. Foi então que ela me confiou suas mágoas: um espanhol desejava desposá-la.

- Zurita?

- Sim, Zurita. O pai de Carmencita, o velho índio Baltasar, tinha muito prazer nesse casamento e tentava convencer a filha a aceitar esse homem endinheirado como marido.

- Endinheirado! Mas velho, repugnante e mal-cheiroso! - deixou escapar Iqitiandro.

- Para Baltasar, Zurita é um ótimo genro. Além de tudo, Baltasar devia-lhe grande quantia. Caso Carmencita se tivesse negado, Zurita levaria o velho à falência. Você é capaz de imaginar que vida levava essa moça? De um lado a insistente côrte de Zuri-

ta, de outro, as eternas censuras, ameaças e súplicas do pai... .

- E por que Carmencita não botou esse tal Zurita pra fora? Por que você, tão forte e corajoso, não defendeu a pobre moca?

Olsen sorriu e admirou-se bastante de ouvir tais palavras tão ingênuas de Iquitiandro. O rapaz não parecia a ninguém ser estúpido. e, contudo, fazia perguntas como aquelas. Onde fora educado e como viveria esse rapaz?

- Fazer uma coisa assim, não. é tão fácil como lhe parece - explicou o rapaz louro.

- A polícia, a lei, o tribunal, estariam do lado de Zurita e de Baltasar, - Iquitiandro continuava sem nada entender. - Numa palavra, eu nada pude fazer por Carmencita.

- E por que ela própria não fugiu?

- Fugir até seria fácil. Ela tinha mesmo decidido a abandonar o pai e eu pretendia ajudá-la. Tinha a ideia de fugir de Buenos Aires para a América do Norte. Convidei-a para ir comigo.

- Você pretendia casar-se com ela? - perguntou Iquitiandro.

- Mas como você é esquisito! - replicou Olsen sorrindo. - Já lhe disse que éramos apenas bons amigos. O que poderia acontecer depois, isso eu não sei...

- Mas por que então. não fugiram para a América do Norte?

- Pela simples razão. de não possuímos dinheiro suficiente para essa viagem.

- Será que uma passagem no "Gorrox". custa assim tão caro?

- "Gorrox"! Mas, é um navio de milionários. Que se passa com você, Iquitiandro? Caiu da lua?

O homem-anfíbio perturbou-se, enrubescou e decidiu não fazer mais perguntas, as quais pudessem deixar em Olsen a impressão de que ele desconhecia as mais elementares coisas deste mundo.

- Nosso dinheiro não dava nem para comprar passagens num navio misto. Ao chegarmos nos Estados Unidos, precisaríamos de algum dinheiro para os primeiros dias. Mesmo porque trabalho não é assim fácil de encontrar.

Iquitiandro desejava fazer outra pergunta, mas soube conter-se.

- Foi aí que Carmencita resolveu vender aquele colar de pérolas que lhe pertencia.

- Oh! se eu soubesse disso! - exclamou Iquitiandro, recordando-se do seu: tesouro oculto na gruta submarina.

- Soubesse o quê?

- Nada...Continue, por favor.

- Tudo já estava preparado para nossa fuga.

- E eu... Que aconteceria comigo? Desculpe... Quer dizer que ela pretendia abandonar-me?

- Tudo tinha sido planejado antes de vocês se conhecerem. O que sei é que ela desejava contar-lhe tudo. Talvez, quem sabe, até convidar-lhe para viajar com ela. Afinal, se não tivesse encontrado uma oportunidade para falar-lhe pessoalmente, ia escrever-lhe durante a viagem.

- Mas por que ela pretendia fugir com você e não comigo? Aconselhava-se com você e era com você que pretendia fugir?!

- Eu a conheço há um ano, ao passo que a você ela...

- Fale, fale, não ligue às minhas palavras.

- Bem. Então, tudo estava preparado. Foi quando você se atirou ao mar diante de Carmencita e de Zurita, que a encontrara em sua companhia. De manhã cedo, antes de ir ao trabalho, passei pela casa de Carmencita. Frequentemente a visitava nessa hora. Baltasar parecia simpatizar comigo. Talvez receasse meus punhos, ou talvez visse em mim outro pretendente para casar-se com Carmencita, caso Zurita mudasse de intenção. De qualquer forma, o velho índio nunca proibiu nossos encontros. Ape-

nas nos pedia que evitássemos Zurita. É claro que Baltasar não suspeitava de nossos planos. Naquela manhã eu pretendia comunicar a Carmencita que havia adquirido as passagens e estivesse pronta às dez horas da noite. Recebeu-me Baltasar, muito perturbado, o qual me disse: - "Carmencita não está. E... não estará nunca mais nesta casa. Faz meia hora que Zurita passou por aqui no seu carro novinho... Que tal?! - exclamou o velho. - Por aqui um automóvel é uma raridade, principalmente quando para em nossa porta. Nós, Carmencita e eu saímos à rua para vê-lo. Zurita já havia descido do carro e estava abrindo a porta e convidava Carmencita para fazer compras. A menina contemplou o automóvel novinho em folha.. Você há de compreender qual não seria o desejo de qualquer moça em dar um passeio num carro tão bonito... Mas Carmencita, é muito desconfiada e astuta. Agradeceu cortesmente a Zurita aquele convite. "Viu moça mais teimosa?" - indagou-me Baltasar, num tom furibundo, porém, a seguir deu uma gargalhada. - Entretanto, Zurita não se deixou perturbar: - "Vejo que você não vê um jeito de aceitar meu convite. Permita-me que a ajude." E sem mais nem menos, agarrou-a e meteu-a no automóvel. Carmencita mal teve tempo de gritar-me: "Papai!" e ambos desapareceram. "Eu acho que não voltarão mais. Zurita raptou-me Carmencita" concluiu Baltasar. E via-se perfeitamente que se sentia muito satisfeito.

"Na sua frente, roubar-lhe a filha, e o senhor ainda se sente tão. tranquilo e pode contar o ocorrido com alegria!" - exclamei sem poder conter minha revolta.

"Devo preocupar-me com quê? - disse-me o velho índio. - Se fosse um homem qualquer, mas Zurita eu conheço bem. Se, mesquinho como é, não teve ele dúvida em gastar tanto dinheiro na compra do automóvel, então foi porque minha filha o interessa muito. Raptou-a para casar-se com ela. Por sua vez, Carmencita mereceu a boa lição: nunca se deve teimar. Gente rica não se encontra todo dia. Não tem por que chorar mesmo. Zurita possui uma fazenda perto da cidade de Paraná. A fazenda, "Dolores", onde mora a mãe dele, Provavelmente foi para lá que levou Carmencita."

- E você não lhe deu uma bofetada? - indagou Iquitiandro indignado.

- Ouvindo-o falar, poderiam pensar que eu só vivo brigando - retrucou-lhe Olsen. - A falar a verdade, no primeiro instante pensei mesmo nisso. Depois refleti melhor e achei que não valia a pena. Iria estragar tudo. Não perdera ainda a esperança, achava que nem tudo estaria perdido... Não lhe contarei outros pormenores. Como já lhe disse, consegui avistar-me com Carmencita.

- Na Fazenda "Dolores"?

- Sim.

- E você não. matou o patife do Zurita e não libertou Carmencita?

- Oh ! agora já se trata de matar de uma vez?! Quem poderia imaginar que você fosse tornar-se tão sanguinário?

- Não sou sanguinário - exclamou Iquitiandro com olhos cheios de lágrimas. - Mas isso é revoltante!

Olsen sentiu piedade do homem-anfíbio.

- Você tem razão. Zurita e Baltasar são pessoas indignas, merecem desprezo e castigo. Merecem ser mortos. Contudo, esta vida é muito mais complicada do que pensa você, Iquitiandro. Foi a própria Carmencita que se negou a abandonar Zurita.

- Ela se negou a fugir? - perguntou incrédulo o homem-anfíbio.

- Sim, ela mesma.

- Por quê?

- Em primeiro lugar, ela está convencida de que você se suicidou por culpa dela. Sua morte pesa-lhe na consciência. Coitada, pelo jeito, ela o amava muito! "Minha vida, Olsen, está acabada - disse-me. De agora por diante não preciso de mais nada.

Tudo me é indiferente. Eu não entendia nada do que se passava quando o padre, chamado por Zurita, nos abençoou. - "Em tudo está presente a vontade de Deus - disse o padre ao colocar a aliança em meu dedo. - Aquilo que foi unido por Deus o homem não pode separar." - Eu sei - disse-me então Carmencita - que vou ser muito infeliz em companhia de Zurita. Mas não quero fazer nada contra a vontade de Deus. Por isso não pretendo fugir daqui."

- Que absurdo! Que é Deus? Meu pai explicou-me que Deus é uma invenção para crianças - exclamou Iquitiandro. - E você não conseguiu convencê-la a abandonar esse Zurita?

- Infelizmente Carmencita tem outra opinião a respeito. Sob a influência dos missionários, Carmencita tornou-se católica. Ninguém conseguirá fazê-la mudar de convicção. Inclusive ameaçou romper nossa amizade caso eu insistisse em conversar com ela a respeito da Igreja e de Deus. Lá na fazenda nem me sobrou tempo para dissuadi-la. Troquei apenas algumas palavras com ela. Quase me esqueci, ela disse ainda o seguinte: Depois do casamento Zurita gritou-lhe rindo: - "Um negócio está concluído, o passarinho encontra-se na gaiola, resta agora apenas apanhar o peixe!" Zurita lhe explicara que viajaria a Buenos Aires, a fim de capturar o "diabo-do-mar", tendo em mira torná-la uma milionária. Será que esse tal de "diabo-do-mar" não é você? Você pode permanecer sob a água o tempo que quiser, sem prejudicar sua saúde e mesmo assustar os pescadores de pérolas...

- E para que Zurita precisa do "diabo-do-mar"?

- Pedro pensa obrigá-lo a buscar pérolas para ele. E se você for realmente o "diabo-do-mar", então tome precauções!

- Agradeço-lhe ter-me prevenido - retrucou o homem-anfíbio.

Iquitiandro não calculava que suas brincadeiras fossem conhecidas por toda parte e que a seu respeito tivessem os jornais e revistas escrito tanta coisa,

- Não posso permanecer assim. Preciso vê-la! exclamou de repente Iquitiandro. - Vê-la, nem que fosse pela última vez. Você disse que a cidade se chama Paraná? Conheço-a, sim. O Rio Paraná passa por lá. Mas como atingir a cidade e depois chegar até a fazenda? Fazenda "Dolores"?

Olsen explicou-lhe.

Iquitiandro estreitou-lhe a mão com vigor.

- Desculpe-me, Considerava você como inimigo. No entanto, encontrei em você um verdadeiro amigo. Adeus! Eu irei em busca de Carmencita.

- Agora? - perguntou Olsen sorrindo.

- Sim, agora mesmo, sem perda de um minuto - retrucou Iquitiandro, lançando-se ao mar e pondo-se a nadar rumo à praia.

Olsen balançou a cabeça, acompanhando-o com os olhos.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO XX

A CAMINHO

IQUITIANDRO preparou-se para subir o Rio Paraná. Retirou, do esconderijo na praia, o terno e os sapatos, amarrando-os nas costas com um cinto, onde também pendia a faca. Pôs óculos, luvas e lançou-se a nado pelo rio acima.

Na baía do Rio de La Plata encontrou muitos navios de longo curso, barcos, escunas e canoas. Entre eles corriam lanchas a vapor, de cabotagem. Vistos debaixo da água, os fundos dessas embarcações lembravam besouros aquáticos movimentando-se em toda as direções na superfície. Como troncos finos de uma floresta submarina, levantavam-se as âncoras. Naquele fundo de baía havia lixo em quantidade, pedaços de ferro velho, peças de carvalho, restos de mangueiras apodrecidas, velas rasgadas, tijolos, garrafas partidas, latas de conserva, e mais próximo da terra, cadáveres de cães e gatos.

Fina camada de óleo cobria a superfície. O sol estava ainda a pino. Na profundidade da água, porém, já reinava uma escuridão verde-acinzentada. As águas do Rio Paraná arrastavam areia e lodo, carreando-os até a baía.

O homem-anfíbio poder-se-ia perder facilmente naquele labirinto de barcos e vapores. No entanto, a suave correnteza do rio que desaguava naquela baía era-lhe um bom compasso. "Puxa, como são desagradáveis essas pessoas" - pensava Iquitiandro ao fitar, cheio de asco, aquele fundo de rio, que mais parecia uma lixeira. Nadava pelo centro da baía, por baixo dos navios. Dentro daquela água lodosa, tornava-se-lhe difícil respirar, como o é a um homem num quarto abafado.

Pelo caminho, em vários lugares, encontrou corpos humanos e esqueletos de animais. Um dos afogados apresentava o crânio fendido e trazia uma corda no pescoço, a qual tinha ainda uma pedra amarrada na outra ponta. - Eram vestígios de um crime impune. Iquitiandro apressou-se a sair desse sinistro lugar. Contudo, quanto mais subia o rio, mais sentia a força da correnteza. Tornava-se dificultoso nadar. No oceano havia várias correntes, porém, Iquitiandro as conhecia e delas sabia servir-se. Usava-as da mesma forma por que o marinheiro aproveita o vento. Ao passo que no rio, só existia uma corrente contrária. Por ser esplêndido nadador, Iquitiandro irritava-se com a lentidão com que podia movimentar-se. De repente, algo passou-lhe por cima, quase o esmagando. Era uma âncora lançada por um dos navios. "Nadar nesses lugares é muito perigoso!" - pensou o rapaz, que se voltou. Divisou então um enorme navio que o estava alcançando.

Mergulhando ainda mais, esperou que o vapor passasse sobre ele; então, agarrou-se na quilha. Os pólipos aí formavam grossa crosta, à qual podia segurar-se. Perma-

necer esticado sob a água nessa posição não era lá muito cômodo, mas, em compensação, estava protegido e, arrastado pelo navio, nadava mais depressa.

Ao terminar a embocadura, o vapor prosseguiu rio acima. A água apresentava-se cheia de lodo. Iquitiandro tinha dificuldade em respirar imerso na água doce. Sentia entorpecidos os braços, mas não desejava abandonar o casco do vapor. "Que pena não poder fazer esta viagem com Leading!" - disse de si para consigo, recordando-se do seu amigo delfim. Leading não poderia permanecer muito tempo. sob a água e assim seria facilmente descoberto e caçado. Nem o próprio Iquitiandro teve coragem de aparecer em lugares muito movimentados. Os braços do rapaz tornavam-se cada vez mais entorpecidos. Além disso, sentia fome, pois passara o dia sem comer nada. Era indispensável uma parada. Abandonando a quilha do barco, Iquitiandro mergulhou ainda mais para o fundo do Rio Paraná.

A escuridão ainda se adensava mais. O homem-anfíbio pôs-se a examinar aquele fundo limoso. Não havia nem camarões nem ostras. À sua volta agitavam-se peixes da água doce. Todavia, Iquitiandro não os conhecia e lhe pareciam, por isso, muito mais astuciosos do que os do mar. Era mesmo difícil agarrá-los. Só ao cair da noite, quando os peixes adormeceram, conseguiu apanhar um grande dourado. A carne do peixe, porém, era dura e sabia a limo. Contudo, faminto, Iquitiandro a devorava com enorme apetite, engolindo grandes nacos com espinhas e tudo.

Necessitava de pequeno descanso. Ao menos, naquele rio podia dormir tranquilo: não havia tubarões nem polvos. Era preciso, entretanto, tomar cuidado para que a correnteza não o arrastasse durante o sono. Iquitiandro descobriu algumas pedras, juntou-as e, agarrando-se a elas, deitou-se. Não teve, porém, muito tempo para dormir. Pouco depois sentiu que se aproximava um navio. Abriu os olhos e vislumbrou luzes. O vapor subia o rio. Pôs-se à espera a fim de agarrar-se a ele. Tratava-se, no entanto, de um barco a motor, cujo fundo era inteiramente liso. Em tentativas vãs para segurar-se ao barco, Iquitiandro quase perdeu a vida.

Entrementes, passaram outros navios descendo o rio. Até que, afinal, surgiu um vapor de passageiros que subia. Iquitiandro pôde agarrar-se ao seu fundo. E assim o homem-anfíbio atingiu a cidade de Paraná. Vencera a primeira etapa de sua jornada. Restava, contudo, a mais difícil - a viagem por terra.

De manhã, cedinho, Iquitiandro nadou para um ponto distante do movimentado porto, lançou uma espiadela para os lados e pulou das águas. Retirou os óculos e as luvas, enterrando-os na areia. Pôs o terno a secar ao sol e depois vestiu-se. Trajando aquela roupa amarrotada, parecia um vagabundo. O que pouco se lhe dava.

Dirigiu-se ao longo da margem direita, segundo lhe ensinara Olsen. Pelo caminho ia indagando dos pescadores onde ficava a fazenda "Dolores."

Contemplando-o com olhos desconfiados, os pescadores balançavam a cabeça negativamente. Passaram-se horas e horas. O calor ia-se tornando cada vez mais insuportável. E o homem-anfíbio não descobria ninguém que lhe pudesse indicar onde ficava a fazenda de Pedro Zurita. Em terra não sabia orientar-se, por isso tinha grande dificuldade em encontrar um lugar que lhe era totalmente desconhecido. O calor cansava-o. Sentia tonturas, diminuía-lhe a vivacidade de raciocínio.

A fim de refrescar-se um pouco, por várias vezes despiu-se e lançou-se à água.

Finalmente, aí pelas quatro horas da tarde, Iquitiandro teve a sorte de encontrar-se com um camponês idoso. Ouvindo a indagação do jovem o velho sacudiu a cabeça e disse:

- Prossiga por esse caminho. Atingirá um grande lago e passará por uma ponte. A seguir suba uma colina e, aí logo atrás, verá a fazenda da Dona Dolores, a bigoduda.

- Por que bigoduda? "Dolores" não é o nome de uma fazenda?

- Sim. Mas a proprietária também se chama Dolores e tem bigodes. Dona Dolores é mãe de Pedra Zurita. Uma velha gorda e bigoduda. Olhe, tenha muito cuidado, não vá empregar-se por lá. Se não a velha o come vivo. É uma verdadeira bruxa. Dizem que Pedro trouxe uma jovem esposa Pobrezinha! Vai sofrer um pedaço nas mãos daquela velha! - explicou o camponês tagarela.

"Deve ser Carmencita!" - pensou Iquitiandro.

- Mas a fazenda fica longe daqui? - indagou o rapaz.

- Vai chegar lá à noite - retrucou o ancião, ao mesmo tempo que fitava o sol.

Após agradecer as informações, Iquitiandro retomou o caminho a passos largos. Trigais e milharais ladeavam a estrada poeirenta. Aqueles passos apressados esgotavam o homem-anfíbio. A estrada estendia-se numa infinita faixa branca. Os trigais foram substituídos: pelos prados, onde pastavam ovelhas.

Iquitiandro sentia-se no limite de suas forças. A dor dos lados tornara-se insuportável. Estava sedento. Seus olhos e suas faces encovavam-se. A respiração acelerava-se e era-lhe difícil. Tinha fome. Mas que poderia comer por ali? Ao longe pastava um rebanho de ovelhas guardado por homens e cães. Pêssegos e laranjas pendiam pesados e maduros dos galhos das árvores. Tudo ali era diferente e estranho. Inteiramente novo e em nada se assemelhava à vida no mar. Tudo era propriedade alheia, cercado, dividido, vigiado. Livres, só os pássaros, estes não pertenciam a ninguém e cortavam os ares. Não obstante, era muito difícil capturá-los. Também Iquitiandro nem sabia se era ou não proibido caçá-los. Possivelmente deviam pertencer a alguém. Era, pois, fácil morrer naquele lugar, em meio de reservatórios de água, jardins e campos.

Ao encontro de Iquitiandro caminhava, braços cruzados nas costas, um homem de uniforme branco e botões brilhantes. Era gordo e trazia preso ao cinturão uma arma.

- O senhor poderia informar-me se a Fazenda "Dolores" ainda está longe? - indagou Iquitiandro.

O gorducho examinou o rapaz com olhos desconfiados e perguntou-lhe:

- De onde vem? Por que procura a fazenda?

- Venho de Bueno Aires...

O homem uniformizado pôs-se de atalaia.

- Preciso encontrar-me com uma pessoa - acrescentou Iquitiandro.

- Estenda os braços! - ordenou-lhe o homem gordo.

Iquitiandro estava espantado, mas, sem desconfiar de coisa alguma, estirou os braços. Retirando do bolso umas algemas, rápido, o policial as colocou nos pulsos de Iquitiandro.

- Agora você está seguro - falou o policial, empurrando Iquitiandro a gritar-lhe - Vamos! Vou acompanhá-lo até a Fazenda "Dolores".

- Por que me algemou, meu senhor? - perguntou o jovem, sem nada compreender, ao mesmo tempo que examinava aquelas estranhas "pulseiras" de aço.

- Cale-se! - bradou-lhe com voz severa, o gordo. - Vamos! Ande!

Iquitiandro baixou a cabeça e acompanhou seu estranho companheiro. Ao menos não o obrigavam a regressar! Não conseguia atinar com o que se passava nem percebia o que queriam com ele Iquitiandro ignorava que na noite da véspera fora cometido um assassinato numa fazenda vizinha e a polícia estava à caça do criminoso. Não sabia também que, metido naquele terno tão amarrotado, despertava suspeitas, pois parecia um vagabundo. A vaga resposta que dera à pergunta por que queria saber onde ficava a fazenda "Dolores", decidira definitivamente seu destino.

O policial prendeu-o e agora o conduzia a um povoado mais próximo, a fim de mandá-lo daí para a prisão na cidade de Paraná.

A única coisa que compreendera foi que estava privado da liberdade e sua viagem sofrera um imprevisto, o qual retardaria o encontro com Carmencita. Iquitiandro, no íntimo, resolveu, porém, restituir a si próprio a liberdade, na primeira oportunidade que se lhe antolhasse.

O gordo policial, muito contente da sorte, acendeu longo charuto. Vinha atrás de Iquitiandro e o envolvia em nuvens de malcheiroso fumo. O homem-anfíbio sentia-se sufocar.

- Posso pedir que não lance fumaça nas minhas costas, pois não posso quase respirar? - suplicou Iquitiandro ao guarda.

- O q-u-ê!!! Você me proíbe de fumar? - o policial desatou numa gargalhada. O rosto encheu-se-lhe de rugas. - Veja só o vagabundo mimado! - e lançando fumaça diretamente no rosto do rapaz bradou-lhe: - Ande!

Iquitiandro obedeceu.

Finalmente o rapaz viu o lago e a ponte estreita. Instintivamente acelerou os passos.

- Para quê tanta pressa? Há muito tempo para chegar até à sua Dolores! - berrou o policial.

Ambos atravessavam a ponte. Bem no meio do caminho, de súbito, Iquitiandro debruçou-se na amurada da ponte e lançou-se na água.

O guarda ficou perplexo: jamais esperaria tal procedimento de um homem cujas mãos se achavam algemadas.

Em compensação, porém, Iquitiandro jamais poderia esperar a atitude que teve aquele policial. Este lançou-se também à água atrás do homem-anfíbio, pois receava que o rapaz se afogasse. O policial desejava tê-lo vivo - pois um preso, afogado e de mãos algemadas poderia trazer-lhe serias complicações. Perseguiu Iquitiandro com tal rapidez que conseguiu agarrá-lo pelos cabelos. O jovem, ainda que se arriscando a perder os cabelos, resolveu mergulhar, levando consigo o policial. Em segundos sentiu que a mão do guarda afrouxava e soltava-lhe os cabelos. Iquitiandro nadou alguns metros para um dos lados e emergiu, a fim de verificar onde ficara o policial. Debatendo-se na água, ao avistá-lo, o gordo ainda pôde gritar:

- Patife, você vai se afogar! Vem para cá miserável!

"Eis uma boa ideia!" - pensou. Depois pôs-se a bradar:

- Socorro! Estou me afogando! Socorro!... - e mergulhou.

Por baixo da água ia observando o guarda que, mergulhando, o procurava. Por fim, perdendo a esperança, o policial subiu à tona.

"Agora, com certeza, irá embora!" - calculou Iquitiandro. Todavia, o policial continuava a esperá-lo, Decidira permanecer junto do corpo do criminoso que se afogara até chegarem as autoridades. O fato de ter o afogado permanecido no fundo em nada modificava a situação.

Nesse instante, passava pela ponte um camponês montado numa mula. O policial ordenou-lhe que descarregasse os sacos que conduzia e fosse rapidamente avisar as autoridades do próximo povoado. Inclusive entregou-lhe até mesmo um bilhete. As coisas complicaram-se para Iquitiandro. Naquele lago havia muitas sanguessugas, que se agarravam ao corpo do rapaz. Mal conseguia arrancar uma e já várias outras o atacavam. Devia ter muito cuidado em não agitar a água, para não indicar seu paradeiro.

Meia hora depois, tornou o camponês. Fez um gesto na direção da estrada, carregou sua mula com a carga e prosseguiu o caminho. Cinco minutos após, surgiram mais três policiais. Dois traziam na cabeça um bote leve, o terceiro, o remo e o craque.

Lançado o bote à água, principiou a busca ao afogado. Isso não amedrontava Iquitiandro, pois podia passar de um lado para o outro do lago, debaixo da água. O lago foi vasculhado, de ponta a ponta, nada, porém, conseguiram encontrar.

Profundamente admirado, o guarda que prendera Iquitiandro abriu os braços. Enquanto isso, o homem-anfíbio divertia-se. Contudo, sua permanência no fundo do lago ia-se tornando insuportável. É que, ao remexerem o fundo à procura do corpo, os policiais iam revolvendo camadas inteiras de lodo. A água estava cada vez mais turva. Iquitiandro não podia mais ver nem a uma distância de um metro, o que tornava muito perigosa sua própria situação. Mas o principal é que não podia respirar pelas guelras numa água pobre em oxigênio.

O homem-anfíbio sentia-se sufocado, ardiam-lhe demais as guelras. Não mais podendo suportar, deixou escapar um gemido. Subiram à tona algumas bolhas de ar. Que fazer? Era forçoso sair dali, não havia outra solução! Por mais perigoso que fosse, era obrigado a abandonar o lago! Naturalmente iria ser incontinenti preso, desta vez amarrado e metido numa prisão. Pouco lhe importava. Ainda a cambalear, procurou um ponto em que a água era rasa e pôs a cabeça de fora.

- Ah! Oh! Ui! - berraram os policiais com vozes inteiramente descontroladas, e lançando-se à água, puseram-se a nadar para a terra.

- Virgem, Nossa Senhora! Jesus Cristo! - eram os gritos desses homens, completamente aterrorizados.

Os dois guardas que haviam permanecido na margem do lado começaram a rezar. Pálidos, tremiam de pavor. Procuravam esconder-se um atrás do outro.

Como não esperava semelhante reação daqueles que o perseguiam, Iquitiandro, no primeiro instante, não pôde compreender a razão daquele pânico. Depois, recordando-se de que os espanhóis são muitos religiosos e supersticiosos, concluiu que provavelmente aqueles policiais o haviam considerado um fantasma que acabara de surgir do outro mundo. Foi aí que resolveu assustá-las ainda mais: arreganhou os dentes, esbugalhou os olhos e pôs-se a uivar num tom macabro, dirigindo-se diretamente para a margem do lago. Com passos propositadamente lentos, muito devagarzinho mesmo, saiu pela estrada e afastou-se do lago.

Nenhum dos guardas sequer moveu-se nem tentou deter o rapaz. O pavor que os empolgara, ao verem o fantasma, impedia-lhes de cumprirem o dever de capturar o homem-anfíbio.

CAPÍTULO XXI

É O "DIABO-DO-MAR"

DONA Dolores, mãe de Pedro Zurita, era uma velha gorda, nariz adunco e queixo saliente. Espessos bigodes emprestavam-lhe à fisionomia um aspecto estranho e antipático. Esse raro adorno físico, serviu para firmar de vez o apelido que lhe deram na vizinhança: "Dolores, a bigoduda."

No dia em que o filho lhe apareceu com a jovem esposa, Dolores examinou-a sem-cerimoniosamente. Buscava sempre descobrir defeitos nos seus semelhantes. Se bem que a beleza da moça tivesse impressionado muito a velha, esta não deixou transparecer nada. Após, considerar tudo com muito cuidado, chegou à conclusão de que justamente a beleza da nora era na verdade um defeito muito grande.

Ao ficar a sós com o filho, disse, balançando a cabeça:

- Bonita! Demasiadamente bonita! - acrescentou num suspiro: - Você vai ter muitos aborrecimentos com uma beleza dessas... Seria preferível que tivesse casado com uma espanhola. - Após alguns instantes de reflexão, concluiu: - É muito orgulhosa! Tem mãos muito brancas e macias... Pra que serve um diabo desses?

- Vamos dar-lhe um jeito - ponderou Pedro, que passou a ocupar-se com as contas da fazenda.

Bocejando e a fim de não perturbar o filho, Dolores retirou-se para o jardim a respirar um pouco de ar fresco. A velha gostava de entregar-se aos seus devaneios ao luar.

As mimosas espalhavam agradável perfume pelo jardim. Os brancos lírios cintilavam ao luar. Imperceptivelmente, movia-se a folhagem das árvores.

Dolores sentou-se num banco em meio de arbustos e mergulhou em seus sonhos: dentro em pouco iria comprar a propriedade vizinha, aumentaria seu rebanho de ovelhas e construiria novos alpendres...

- Caramba, demônios! - exclamou enraivecida batendo na própria face. - Estes malditos mosquitos não deixam a gente sossegada!

Pouco a pouco as nuvens iam cobrindo o céu e o jardim acabou envolvido em densa escuridão. Delineava-se no horizonte, com maior nitidez, uma faixa azul - reflexos das luzes da cidade de Paraná. De repente, Dolores vislumbrou por sobre a cerca baixinha de pedra, a cabeça de um homem. Alguém, erguendo as mãos algemadas, havia pulado aquela cerca com cuidado.

A velha assustou-se. "Um preso no jardim!" Quis gritar, mas a voz não saía. Pretendeu levantar-se e disparar, mas as pernas negavam-se a obedecer-lhe. Sentada no banco, observava o misterioso intruso.

O homem algemado correu de mansinho entre os arbustos, aproximou-se da casa e pôs-se a espiar pela janela.

De súbito - teria ouvido bem? - o fugitivo balbuciou:

- Carmencita!

- "Aí temos a tal belezinha! Eis as amizades que cultiva! Seria capaz de matar-nos, a mim e meu filho, roubar a fazenda e fugir com esse criminoso!" - pensava a atenta Dolores.

Num instante invadiu-lhe o íntimo um sentimento de profundo ódio à nora. Recuperou o autodomínio, ergueu-se e correu para casa.

- Depressa! - murmurou ao filho. - No jardim encontra-se um criminoso. Chamou por Carmencita! Corre ! Depressa !

Pedro disparou para fora da casa, como se esta estivesse pegando fogo. Apanhou uma pá que encontrou no caminho e deu uma volta em torno do jardim.

Encostado à parede, viu um desconhecido de terno sujo e amarrotado. De mãos algemadas, espiava por uma janela.

- Maldito! - grunhiu Zurita, deixando cair a pá na cabeça de Iquitiandro, o qual, sem um gemido, estatelou-se na grama.

- Está liquidado! - murmurou Pedro.

- Está... - secundou-o Dolores num tom de alguém cujo filho havia matado um escorpião.

Erguendo os olhos, Zurita fitou a mãe interrogativamente

- E agora, onde vamos escondê-lo?

- No lago - retrucou a velha. - O lago é fundo.

- E se de repente boiar?

- Vamos amarrar-lhe uma pedra. Espere, eu...

Dolores correu para casa e começou a procurar um saco no qual iriam meter o morto. Todos os sacos tinham sido mandados com trigo para o moinho naquela manhã. A velha apanhou, então, uma fronha e uma corda.

- Não temos nenhum saco em casa - explicou. Tome, vá enchendo esta fronha de pedras e depois amarre-a nas algemas...

Zurita concordou com o plano de sua genitora e, erguendo o corpo, carregou-o até o lago no fundo do jardim.

- Não vá sujar-se de sangue! - cochichou-lhe Dolores, arrastando-se atrás do filho com a fronha e a corda nas mãos.

- Se me sujar, depois você me limpa - respondeu-lhe Pedro, colocando, contudo, o corpo nos ombros de forma a que o sangue escorresse para o chão.

Aproximando-se do lago, Zurita encheu rápido a fronha com pedras, amarrou-a bem nas algemas do rapaz e depois lançou o corpo às águas.

- Agora, preciso trocar de roupa. - Pedro fitou o céu. - Vai chover e a chuva lavará as manchas de sangue da terra.

- Mas no lago?... Será que a água não irá ficar rosada? - indagou Dolores, a bigoduda.

- Não. A água é corrente... Oh! maldição! grunhiu Zurita encaminhando-se de novo para casa e ameaçando com o punho uma das janelas.

- Aí está o que foi você arranjar com uma beleza dessas! - lamuriava a velha, acompanhando o filho.

O quarto de Carmencita ficava no andar superior. Naquela noite ela não havia ainda conseguido conciliar o sono mais cedo: estava muito abafado, os mosquitos a perturbavam. Dançavam-lhe pela mente tristes pensamentos.

Carmencita não podia esquecer Iquitiandro nem se conformar com sua morte. Não

amava o marido e achava a sogra simplesmente repugnante. E pensar que teria de viver em companhia daquela bigoduda o resto de sua existência!...

Repentinamente, pareceu-lhe ouvir a voz de Iquitiandro. Ele a chamava pelo próprio nome. Estranho ruído, vozes abafadas lhe chegavam do jardim. Presa de insônia, Carmencita resolveu sair de casa.

O sol ainda não surgira. O jardim estava envolto nas trevas da madrugada. Dissipavam-se as nuvens. O rocio matinal cintilava nas folhas das árvores e na grama. Trajando apenas leve quimono, descalça, Carmencita vagava pelo jardim. De repente, deteve-se e pôs-se a examinar a terra: em frente à sua janela havia manchas de sangue. Uma pá onde se viam o mesmo vestígios, estava jogada num canto.

Algo passara-se naquela noite, naquele lugar. De onde teriam vindo aquelas manchas sanguinolentas?

Carmencita acompanhou os vestígios, os quais a levaram até o lago.

"Será que lá estão ocultos os últimos indícios de algum crime?" - pensou a moça, que se pôs a examinar a superfície esverdeada da água.

Por entre esta, vislumbrou o rosto de Iquitiandro. Numa das têmporas, via-se-lhe um ferimento. O rosto espelhava sofrimento e ao mesmo tempo alegria.

Carmencita não podia despregar os olhos das faces do afogado. Estaria principian-do a enlouquecer?

Pretendeu fugir, mas não era capaz de mexer-se do lugar, nem tirar os olhos de Iquitiandro morto.

Entrementes, devagarinho Iquitiandro ia saindo da água, estendeu as mãos algemadas na direção de Carmencita e com fraco sorriso, dirigiu-se em sua direção:

- Carmencita! Minha querida! Finalmente, Carmencita eu...- mas não pôde concluir a frase. A moça erguera as mãos à cabeça gritando :

- Oh! maldito fantasma! Deixe-me, desapareça! Sei que você está morto. Por que me persegue?

- Não, Carmencita, não! Não estou morto - retrucou o fantasma apressadamente. - Eu não me afoguei. Perdoe-me jamais lhe ter explicado... Nem sei por que fiz isso." Não se vá, espere. Estou vivo. Toque-me. Veja...

Iquitiandro estendia-lhe as mãos algemadas e Carmencita continuava a fitá-lo...

- Não tenha receio, eu estou vivo... posso viver debaixo da água. Não sou igual aos outros homens... Apenas eu posso permanecer sob a água. Naquele dia em que me lancei ao mar não me afoguei. Lancei-me ao mar não para morrer, mas ao contrário, sentia dificuldade em respirar o ar terrestre...

Iquitiandro cambaleou, mas prosseguia em sua explicação sem nexos:

- Procurei-a, Carmencita por toda parte. A noite passada, seu marido agrediu-me quando me aproximava da janela do seu quarto, e depois lançou-me ao lago. Dentro da água pude recuperar os sentidos... Consegui desvencilhar-me de um saco de pedras, mas isto aqui não pude tirar...

Carmencita passou então a crer que tinha à sua frente um homem realmente vivo e não um fantasma.

- Mas por que você tem as mãos algemadas? - indagou a moça

- Depois lhe contarei tudo... Carmencita, vamos fugir agora mesmo. Em casa de meu pai a gente pode esconder-se, lá ninguém nos encontrará... Nós iremos viver unidos... Tome minhas mãos, Carmencita... Olsen disse-me que me chamam o "diabo-do-mar", mas eu sou um homem. Por que tem medo de mim, Carmencita?...

Iquitiandro saiu da água. Trazia todo o corpo coberto de lodo Exausto, sentou-se na grama.

Inclinando-se, Carmencita tomou-lhe as mãos.

- Pobre rapaz! - exclamou.
- Que agradável encontro! - foi o que, de súbito, lhes chegou aos ouvidos atônitos, num tom cheio de zombaria.

Ambos voltaram-se e deram com Zurita.

Como sucedera com a mulher, Pedro também não conseguira dormir naquela noite. Assim que ouviu o grito de Carmencita, levantou-se e pôs-se a escutar toda aquela conversa. Ao saber que tinha diante de si o "diabo-do-mar", a quem, sem resultado, caçava há tanto tempo, decidiu conduzi-lo incontinenti à escuna "Medusa". Sua alegria não tinha limites. Após refletir melhor, mudou de ideia

- Iquitiandro, você não pode mais levar Carmencita para a fortaleza de seu pai, simplesmente porque ela agora é minha mulher. Eu pessoalmente duvido muito que você consiga regressar à casa paterna. A polícia anda à sua procura.

- Não cometi nenhum crime! - exclamou Iquitiandro.

- Mas por que a polícia lhe presenteou com essas "pulseiras"? Se não tivesse cometido algum crime, teria agora as mãos livres. Meu dever é entregá-lo às autoridades.

- E você seria capaz de uma coisa dessas? - indagou Carmencita indignada, ao marido.

- É meu dever. Só me resta essa atitude - respondeu Zurita dando de ombros.

- Você não há de querer que meu filho deixe ir aos quatro ventos um condenado, não é? - perguntou Dolores, que surgira de repente, metendo-se na conversa. Ele diz que não tem culpa alguma! E invadir propriedades alheias à noite algemado; e meter-se a espionar pelas janelas, pretendendo seduzir mulheres casadas?

Carmencita aproximou-se do marido e, segurando-lhe a mão, disse-lhe com voz carinhosa.

- Deixa-o partir, suplico-lhe. Não tenho a mínima culpa perante você e sua honra de marido...

Temendo que o filho acabasse cedendo, Dolores agitou os braços e bradou:

- Pedro, meu filho, não lhe dê ouvidos!

- Não posso resistir ao pedido de minha mulher - replicou, em tom gentil, Zurita. - Acho que ela tem razão. Estou de acordo!

- Oh! meu Deus! Mal se casou e já está sob os pés da mulher - resmungou a velha.

- Espere, minha mãe. Vamos libertá-lo, dar-lhe-emos um terno novo e o lavaremos à escuna "Medusa". No Rio da Prata poderá saltar de bordo e tomar o rumo que lhe aprouver. - Depois, dirigindo-se a Iquitiandro, disse-lhe: - Vou libertá-lo, porém com uma condição - você terá de esquecer Carmencita para sempre! Você, minha mulher, irá comigo. Assim será melhor para todos, não acham?

- Você é muito melhor do que eu pensava - disse-lhe Carmencita com toda a sinceridade de seu coração.

Plenamente satisfeito, Zurita cofiou os bigodes e fez uma reverência à sua esposa

Conhecendo muito bem o próprio filho, a velha Dolores percebia que este estava tramando uma cilada. No entanto, a fim de não despertar suspeitas, continuou o jogo, retrucando, com fingido aborrecimento:

- Encantou-se por ela! Está cativo! Fique então debaixo de seus pés!

CAPÍTULO XXII

A TODO VAPOR

-**AMANHÃ** deverá chegar o Doutor Salvador. Um ataque de febre não o deixou sair da cama. E todavia, temos muito que conversar, Baltasar - dizia Cristóvão a seu mano. - Ouça-me, meu irmão. Ouça-me com toda atenção e não me interrompa, senão posso esquecer o que tenho a dizer-lhe.

Cristóvão permaneceu calado por alguns instantes e depois principiou:

- Creio que já fizemos muito em favor de Pedro Zurita, Afinal é um homem muito mais rico do que a gente, mas ainda deseja tornar-se mais rico, ultrapassar-se. E por isso sonha capturar o "diabo-do-mar"...

Baltasar fez um gesto de impaciência.

- Fique calado, meu mano, se não sou capaz de perder o fio dos meus pensamentos. Zurita pretende obrigar Iquitiandro a trabalhar para ele Mas você já pensou no que representa o "diabo-do-mar"? Iquitiandro é um tesouro. Uma fortuna incalculável. Esse garoto é capaz de recolher no fundo do mar as melhores pérolas, as melhores pérolas do mundo! E não só pérolas ele poderá trazer do fundo do mar. Há por lá uma infinidade de navios naufragados, carregados de riquezas. incalculáveis. Ele poderá trazê-las para nós. Estou dizendo, veja bem, para nós e não para o Zurita. Como sabe, meu irmão, Iquitiandro ama Carmencita, não é?

Baltasar estava pronto a retrucar, mas Cristóvão o impediu.

- Cale-se e ouça. Não posso falar quando me interrompem. Sim, é verdade, meu irmão, o nosso Iquitiandro adora Carmencita! Nada escapa a meus olhos. Quando descobri o fato, disse a mim mesmo: "ótimo, tomara que se enamore cada vez mais dessa menina. Será muito melhor marido e genro do que esse tal de Zurita." Depois descobri que Carmencita também ama Iquitiandro. Vigiei ambos, sem que percebessem. Portanto, não impeça que ambos se encontrem.

Baltasar suspirou, porém nada disse.

- E isso ainda não é tudo. Ouça mais isto. Quero lembrar-lhe algo que se passou há muitos anos. Eu acompanhava sua mulher, minha boa cunhada - lá se vão vinte anos! - quando ela regressava da casa dos pais. Recorda-se do dia em que ela foi ao enterro da velha mãe dela? No caminho, sua mulher morreu de parto. A criança, também morreu. Naquela época, para não magoá-lo ainda mais, não quis dizer-lhe tudo. Mas agora vou contar-lhe tudo, tudo. Sua mulher morreu no caminho, porém a criança estava viva, embora muito fraca. Tudo se passou numa aldeia indígena. Ali uma velha falou-me que por perto residia um grande médico, que fazia milagres, o verdadeiro Deus, Salvador dos homens...

Baltasar pôs-se muito atento.

- Foi essa velha que me aconselhou a que levasse o recém-nascido a esse médico, o tal Doutor Salvador, o único que talvez pudesse salvar a pobre criança. Seguindo o conselho, levei a criancinha até a casa desse médico. "Salve essa criança!" - supliquei-lhe. - O doutor apanhou o menino, meneou a cabeça e disse: "É uma tarefa difícilíssima". Mas carregou a criança. Esperei até o cair da noite. Aí então apareceu-me um negro, o qual me informou: "O menino morreu!" Então resolvi partir. Isso queria dizer que o próprio médico mandou o negro avisar-me da morte do menino - prosseguiu Cristóvão. - Essa criança recém-nascida trazia um sinalzinho. Lembro-me muito bem desse sinal. - Cristóvão calou-se uns instantes. Depois tornou a falar: - Há pouco tempo, alguém feriu Iquitandro. Ao fazer-lhe um curativo no pescoço, afastei um pouco aquelas escamas de metal que lhe cobrem o corpo e vi então um sinalzinho parecidíssimo com aquele de seu filho, meu caro. mano Baltasar.

Este fitou o irmão com olhos arregalados e perguntou-lhe, aflito:

- Você acha que Iquitandro, o "diabo-do-mar", é meu filho?

- Cale-se, meu irmão e escute com atenção. Sim, penso que ele é mesmo seu filho. Desconfio que o doutor não me disse a verdade. Seu filho, meu irmão, não morreu; mas Salvador conseguiu transformá-la no "diabo-da-mar."

- Oh! Não!... - deixou: escapar Baltasar. - Com que direito ele pôde fazer uma coisa assim? Vou matá-lo com minhas próprias mãos.

- Cale-se. Salvador é muito mais poderoso do que você. Além disso talvez eu esteja enganado. Passaram-se vinte anos! Qualquer outra pessoa poderia trazer um sinal no pescoço. Iquitandro tanto pode ser como não ser seu filho. Agora precisamos agir com muito cuidado. Você irá procurar o Doutor Salvador e dizer-lhe que Iquitandro é seu filho. Serei sua testemunha. Você exigirá a devolução do rapaz. Se ele negá-la, você o ameaçará com o tribunal, por ter ele deformado essa e outras crianças. Se não. conseguirmos provar que Iquitandro é seu filho, ele, de qualquer maneira poderá casar-se com Carmencita, pois, esta sim, é apenas sua filha adotiva.

Baltasar pulou da cadeira. Aflito, caminhava pela loja.

- Meu filho! Meu filho! Oh! que desgraça!

- Por que desgraça? - espantado, perguntou Cristóvão

- Eu não interrompia e o ouvia calado, mas agora ouça também você o que lhe vou dizer. Durante o. tempo em que você esteve doente, Carmencita casou-se com Pedro Zurita.

Aquela notícia deixou Cristóvão inteiramente desarvorado

- E Iquitandro, meu pobre filho... - Baltasar baixou a fronte - Iquitandro está nas mãos de Zurita!

- Não pode ser! - exclamou Cristóvão.

- Infelizmente é a pura verdade. Iquitandro encontra-se preso a bordo da "Medusa". Hoje, pela manhã, Pedro esteve aqui. Riu-se e zombou de nós, chegou mesmo a xingar a gente. Sustentou que o tínhamos enganado. Imagine, sozinho, sem nossa ajuda, conseguiu capturar Iquitandro. Agora não pretende pagar-nos coisa alguma. Contudo, nem penso em aceitar dinheiro dele Como alguém pode pretender vender o próprio filho?!

Baltasar estava desesperado. Com olhar reprovador, Cristóvão fitava o irmão. De agora em diante, seria preciso agir com energia. Não obstante, Baltasar no momento apenas servia mais para atrapalhar do que para colaborar. Intimamente, Cristóvão não acreditava lá muito na história que acabara de contar. Era certo que vira mesmo um sinal no pescoço do recém-nascido. Mas poderia esse pormenor servir como prova definitiva? Ao dar com idêntico sinal no pescoço de Iquitandro, Cristóvão desejou

aproveitar essa coincidência em benefício próprio. Como poderia supor tal reação da parte de seu mano Baltasar? Todavia, a notícia que lhe transmitira o irmão sobre o casamento de Carmencita, muito o assustou.

- O momento não é para lágrimas. É preciso agir. Salvador deverá chegar amanhã cedo. Seja homem, Baltasar. Espere-me ao amanhecer na baía. Precisamos salvar Iquitiandro. Mas, veja bem, não diga ao Doutor Salvador que você é o pai do menino. Para onde teria ido o Zurita?

- Não me disse. Suponho que rumou para o norte. Há muito pretendia ir até a costa do Panamá.

Cristóvão, balançou a cabeça.

- Não se esqueça: amanhã, ao amanhecer, você deve estar na praia. Sente-se lá e não saia, mesmo que tenha de esperar até à noite.

Cristóvão retirou-se apressado. A noite inteira tinha pensado no encontro que teria com Salvador, no dia seguinte. Como deveria justificar-se perante o médico?

Pela madrugada, chegou o Doutor Salvador. Com um semblante cheio de profundo desgosto e dedicação, após cumprimentar o patrão, disse Cristo:

- Aconteceu uma grande desgraça!... Cansei de prevenir Iquitiandro que não devia nadar pelo fundo dessa baía...

- Que aconteceu? - perguntou Salvador, impaciente.

- Capturaram Iquitiandro e o levaram para uma escuna... Eu...

Apertando com vigor o ombro de Cristóvão, Salvador fitou-lhe direta e atentamente os olhos. Aquilo apenas durou um instante, mas, sob tal olhar, o velho índio sentiu-se perturbado. O médico cerrou os cenhos, soltou o ombro de Cristo, murmurou algo de si para si, e em seguida, em voz alta, disse:

- Vai contar-me todos os pormenores mais tarde... Chamando um negro, disse-lhe o cientista algo num idioma que Cristóvão não compreendia, ao passo que, com voz autoritária, ordenava ao índio velho:

- Siga-me!

Sem ter ao menos mudado de roupa e repousado da viagem, Salvador deixou a casa e dirigiu-se ao jardim. Cristo mal podia acompanhá-lo. Quando se aproximaram do terceiro muro, dois negros uniram-se a eles

- Vigia Iquitiandro como um cão fiel - tentava explicar Cristo, quase sem fôlego, a correr atrás do patrão. - Não o largava sequer um minuto...

O médico, porém, não lhe prestava atenção. Já estava junto à piscina e batia os pés impaciente, enquanto a água escapava pelas válvulas abertas.

- Venham, sigam-me! - disse de novo ao descer a escada subterrânea. Cristo e dois negros acompanhavam Salvador na mais completa escuridão. O médico saltava de dois em dois degraus, pois conhecia muito bem aquele labirinto subterrâneo. Ao alcançar a última plataforma, não acendeu, como de outra feita, a luz. Apenas apalpou a parede, e abrindo em seguida uma porta numa parede do lado direito, continuou por outro corredor também escuro. Como ali não havia degraus, Salvador caminhava ainda mais rápido, sem acender qualquer luz.

"E se eu cair numa armadilha e me afogar?" - ia pensando pelo caminho o índio Cristóvão, procurando guardar distância do médico. Andaram um bom pedaço, finalmente Cristo notou que o corredor fazia abrupta descida. Pareceu-lhe ouvir mesmo o marulhar de água. Mas, de súbito, a corrida terminara. Avançando mais um pouco, Salvador acendeu uma lâmpada. Cristo viu que se encontrava numa enorme gruta submarina cujo teto era uma abóbada. Esta, pendendo, tornava-se mais baixa. Lá

para o fundo da gruta, Cristo viu um submarino que balançava docemente sobre a água. Todos embarcaram nele Salvador acendeu a luz. Um dos negros, fechou a escotilha superior, outro já se ocupava com o motor. Cristo sentiu que o submarino estremecia, mudou de direção lentamente, desceu, e muito devagar, pôs-se em movimento. Nem dois minutos haviam decorrido, e o submarino viera à tona. Salvador e o índio subiram à ponte. Cristóvão nunca fizera uma viagem submarina. Todavia, aquele barco, a deslizar suavemente pela superfície do mar, poderia embasbacar qualquer engenheiro naval. Era de construção muito especial e pelo que se via o motor possuía uma potência colossal. Mesmo sem correr na máxima velocidade, o barco submarino avançava como um pássaro.

- Para onde teriam rumado os captores de Iquitiandro?

- Ao longo da costa norte - explicou Cristo. Atrevo-me a propor-lhe que levemos conosco meu irmão. Eu o tinha avisado e agora ele me espera na praia.

- Pra quê?

- Iquitiandro foi raptado pelo Zurita pescador de pérolas.

- Como você sabe isso? - indagou o médico, desconfiado.

- Descrevi a meu irmão a escuna que levava Iquitiandro e o mano reconheceu que se tratava da "Medusa", de propriedade de Pedro Zurita. Provavelmente, Zurita capturou Iquitiandro para empregá-lo na pesca de pérolas. Meu irmão, Baltasar, conhece muitíssimo bem todos os pontos de pesca. Ele poderá ser-nos muito útil.

Salvador refletiu alguns instantes.

- Está bem! Levaremos seu irmão!

Baltasar esperava o irmão no ponto em que haviam combinado. O barco virou-se e tomou a direção da praia. Com olhar hostil, Baltasar fitava o médico que lhe roubara e deformara o filho. Entretanto, ao aproximar-se a nado do submarino, procurou sorrir afavelmente para o médico.

- Agora, a todo vapor! - ordenou Salvador.

Salvador permaneceu na ponte, de olhos fitos na superfície salgada.

CAPÍTULO XXIII

UM ESTRANHO PRISIONEIRO

CONFORME prometera, Zurita tirou as algemas dos pulsos e Iquitiandro, deu-lhe um terno novo e permitiu-lhe desenterrar os óculos e as luvas que havia ocultado na areia. Entretanto, assim que o rapaz subiu a bordo da "Medusa", executando ordem do capitão, os índios o agarraram e o meteram no porão. No Porto de Buenos Aires, Zurita fez breve parada, a fim de reabastecer-se de provisão. A vistou-se ligeiramente com Baltasar, a quem se gabou da captura do "diabo-do-mar", levantou ferros e dirigiu-se ao Porto do Rio de Janeiro. Pretendia contornar a costa oeste da América do Sul e principiar a pesca de pérolas no Mar das Caraíbas.

Carmencita fora alojada no beliche do capitão. O marido lhe assegurara ter libertado Iquitiandro na Baía do Prata. Todavia, a mentira fora descoberta em pouco tempo. À noite, Carmencita ouviu gritos e gemidos que vinham do porão e reconheceu incontinenti a voz de Iquitiandro. Naquele momento, Zurita encontrava-se no convés. Carmencita tentou abrir a porta. Esta, no entanto, tinha sido fechada a chave. A moça começou a martelá-la com os punhos - ninguém a atendeu.

Ao ouvir os gritos de Iquitiandro, Zurita soltou alguns palavrões e dirigiu-se ao porão, em companhia de um marujo índio. No porão reinava uma atmosfera terrivelmente abafada e escuridão de breu.

- Por que está gritando? - perguntou Zurita num tom grosseiro.

- Eu...eu...não posso mais respirar...estou-me sufocando aqui - informou Iquitiandro com voz fraca. - Não posso passar sem água. Neste calor medonho acabo morrendo. Deixe-me ir para o alto mar. Não aguentarei mais esta noite...

Zurita bateu a porta e retirou-se.

"E se ele realmente morre?"... - pôs-se a pensar Pedro com alguma preocupação; A morte do homem-anfíbio era tudo que ele menos podia desejar.

Ordenou então que os marinheiros colocassem um barril no porão, enchendo-o de água do mar.

- Aí tem você a sua banheira - disse Zurita a Iquitiandro. - Pode nadar nela! Amanhã, pela manhã deixarei você nadar um pouco pelo mar.

Imediatamente, Iquitiandro mergulhou no barril. Postados na porta, os índios contemplavam admirados o estranho banho. Não sabiam que o prisioneiro de Zurita era, na verdade, o "diabo-da-mar".

- Vão-se embora daqui! Sumam! - berrou-lhes Zurita.

No barril era impossível nadar, e mesmo permanecer em pé. Para mergulhar, Iquitiandro tinha de encolher-se todo. Nesse barril outrora guardava-se carne salgada. A

água adquiriu aquele odor e assim Iquitiandro pôde sentir-se um pouco melhor do que no abafado porão.

Nesse momento soprava no mar o vento sudeste, que empurrava a escuna para frente, rumo do norte.

Zurita ficou longo tempo na ponte a contemplar o oceano. Só pela madrugada desceu ao seu beliche. Contava encontrar a esposa dormindo. Todavia, Carmencita estava sentada num banco junto à mesinha estreita e apoiava a cabeça nos braços dobrados. Ao ver o marido, ergueu-se. A fraca luz da lamparina, Zurita pôde ver-lhe o rosto pálido e macerado.

- Por que mentiu para mim? - indagou com surda voz.

Sob o furioso olhar da mulher, Zurita não se sentia nada bem. Todavia, para disfarçar o embaraço, tomou um ar zombeteiro, cofiou os bigodes e respondeu-lhe em tom de pilhéria:

Iquitiandro preferiu permanecer na "Medusa", para poder ficar mais próximo de você.

- Você está mentindo! Sujeito repugnante, indigno! Odeio-o!

De repente Carmencita agarrou uma longa faca que pendia na parede e lançou-se sobre Zurita.

- Ora, veja só! - exclamou. Num átimo, agarrou a mão da mulher com tanta fôrça, que a faca lhe caiu da mão.

Com o pé, Zurita empurrou-a para fora do beliche, soltou a mão da esposa e disse-lhe:

- É melhor assim. Você está muito nervosa. Tome um copo d'água para se acalmar.

Em seguida, deixou o beliche, trancando a porta a chave e subiu ao convés. O horizonte já começava a clarear. Suaves nuvens iluminadas pelo sol ainda oculto, pareciam línguas de fogo. A brisa matinal, fresca e salgada, inflava as velas. Gaivotas sobrevoavam o mar, procurando pescar peixes que nadavam à superfície.

Assim que se levantou o sol, Zurita ainda estava rondando pelo convés, de braços cruzados nas costas.

"Não faz mal. Vou dar um jeito nisso tudo!" pensava ao recordar-se de Carmencita presa em sua cabina de capitão.

Dirigindo-se aos marujos, ordenou-lhes que ferrassem as velas. Ancorada, "Medusa" balançava-se molemente nas ondas.

- Tragam-me uma corrente e o homem que está no barril no porão.

O desejo de Zurita era mesmo experimentar o homem-anfíbio como pescador de pérolas. "E também refrescá-lo um pouco no mar" - pensou.

Escoltado por dois marinheiros índios, surgiu Iquitiandro. Tinha um ar cansado e abatido. O homem-anfíbio lançou um olhar à sua volta. Encontrava-se perto de um mastro. Poucos passos o separavam da amurada. De súbito, Iquitiandro adiantou-se, tomava a posição de quem fosse dar um salto, quando o pesado punho de Pedro Zurita caiu-lhe na cabeça. O homem-anfíbio derreou-se desmaiado.

- Nunca se deve ter tanta pressa assim! - exclamou Zurita.

Ouviu-se o arrastar de uma corrente trazida por um marujo. Numa das extremidades havia uma argola.

Zurita colocou-a no pescoço de Iquitiandro, estendido no convés, prendeu a corrente num instrumento de bordo e ordenou aos marinheiros:

- Joguem água na cabeça dele

Em poucos instantes Iquitiandro recuperou os sentidos e com espantado olhar fitou a corrente.

- Desse modo você não poderá fugir de mim - explicou-lhe Zurita. - Vou deixá-lo

descer ao fundo do mar. Você lá irá juntar conchas perolíferas para mim. Quanto mais pérolas trazer, mais tempo ficará na água. Se não trazer nada, voltarei a trancá-lo no porão, onde ficará no barril. Compreendeu? Então estamos entendidos?

Iqitiandro balançou a cabeça.

O pobre rapaz estava pronto a trazer para Zurita todos os tesouros do mundo, em troca de poder, o mais depressa possível, mergulhar nas ondas.

Com Iqitiandro preso à corrente, Zurita e os marujos aproximaram-se da amurada. O beliche em que se encontrava Carmencita estava do outro lado da escuna. Zurita não desejava que a mulher visse Iqitiandro preso numa corrente.

O homem-anfíbio pôde enfim descer às profundezas do mar. Oh! se fosse possível cortar aquela maldita corrente! Mas o ferro era muito duro. Iqitiandro teria de curvar-se diante de seu triste destino. Começou a colher as conchas perolíferas, pondo-as num saco que trazia à cintura. A argola metálica sufocava-o, dificultando-lhe a respiração. Mesmo assim Iqitiandro sentia-se quase feliz, após aqueles dias no porão abafado e depois no malcheiroso barril.

De bordo, os marinheiros estavam contemplando um quadro que lhes parecia incrível. Passavam-se minutos e minutos, todavia, o homem nem pensava em vir à tona. A princípio surgiram algumas bolhas, que, quase em seguida, desapareceram.

- Que um tubarão me engula inteirinho, se nos pulmões desse sujeito ainda existe a mínima quantidade de ar. Peio jeito, ele se sente como um peixe dentro da água! - exclamou cheio de admiração um velho pescador de pérolas, fitando as ondas. Através da água muito transparente, via-se nitidamente Iqitiandro, ajoelhado, juntando conchas no fundo.

- Não seria ele esse tão falado "diabo-do-mar"? perguntou num murmúrio um dos marujos.

- Seja ele quem for, o fato é que o capitão fez um ótimo negócio - disse o piloto da escuna. - Um pescador igual a esse vale por dez.

O sol indicava a aproximação do meio-dia quando Iqitiandro puxou a corrente, a pedir que o retirassem. O enorme saco estava repleto. Era preciso esvaziá-lo, para retornar à pesca das pérolas.

Com rapidez os marujos içaram o estranho pescador.

Todos estavam ansiosos por saber como tinha sido a colheita das pérolas.

Em geral, costuma-se deixar as conchas perolíferas durante alguns dias a apodrecer um pouco - torna-se mais fácil abri-las - naquele dia, porém, era excessiva a curiosidade de Zurita e dos marujos. Todos puseram-se a abrir as conchas.

Ao concluírem a tarefa, todos falavam a um só tempo. Reinava verdadeira agitação no convés. Teria tido Iqitiandro a sorte de localizar um bom lugar para a pesca de pérolas? De qualquer forma a colheita que fizera, havia superado a todas as expectativas. Entre as pérolas encontravam-se umas duas dúzias de peças pesadas, de forma impecável e dos mais suaves matizes. Essa primeira pesca já tinha trazido uma fortuna a Zurita. Bastaria uma só daquelas pérolas para com ela se poder comprar uma nova escuna. Zurita estava a caminho de obter fabulosa fortuna. Realizavam-se dessa maneira todos os seus mais ambiciosos sonhos.

Mas Zurita também não deixou de reparar a avidez com que os marujos fitavam aquelas pérolas e não gostou. Apressou-se em metê-las no seu chapéu de palha, acrescentando:

- Está na hora do almoço Iqitiandro, você é um ótimo pescador. Tenho um beliche desocupado, lá é mais arejado. Vou cedê-lo a você. Mandarei construir uma cisterna de uns cinco metros; talvez nem seja preciso, pois pretendo deixá-la mergulhar diariamente no mar. É claro, na corrente; mas que se há de fazer?! Se não for assim,

você é capaz de mergulhar junto dos caranguejos e pronto - adeus para sempre!

Iquitiandro não queria conversa com Pedro Zurita. Todavia, sendo prisioneiro desse homem bestial, seria conveniente, ao menos, pensar numa moradia decente.

- A cisterna seria preferível àquele barril fedorento - disse o rapaz. - Para que possa sentir-me em perfeitas condições, terá de mandar substituir a água todos os dias.

- Com que frequência? - indagou Zurita.

- De meia em meia hora - prosseguiu Iquitiandro. - O bom seria ter sempre água corrente.

- Você está ficando muito exigente. Bastou elogiá-lo e já me vem com suas exigências e denguiques...

- Não se trata disso - retrucou o moco, ofendido. - Eu preciso... compreenda, que acontecerá com um grande peixe colocado num balde? Acabará morrendo. O peixe respira o oxigênio contido na água e eu sou... um peixe grande - acrescentou num sorriso.

- Quanto a essa história de oxigênio, eu nada percebo; mas que peixe morre se não se mudar a água, isso eu sei. Talvez você tenha razão... Contudo, se eu empregar meus homens para mudar sua água seguidamente, a coisa me sairá caríssima; muito mais cara do que as pérolas que você me trouxe. Você quer arruinar-me!

Iquitiandro ignorava o preço das pérolas, como também não sabia quanto Zurita pagava a seus homens. E como acreditasse nas palavras do capitão, tentou explicar a situação, exclamando:

- Se não lhe convém ter-me aqui, deixe-me ir embora. - E ao dizê-la, lançou um olhar saudoso para o oceano.

- Você é muito esperto! - disse rindo Zurita.

- Pois sim. Vou trazer-lhe voluntariamente todas as pérolas que você deseja. Há muito, venho juntando um monte desta altura de pérolas - Iquitiandro mostrou os joelhos. - Todas iguaizinhas, grão a grão, lisinhas, cada qual do tamanho de um feijão... Ofereço-lhe tudo se me deixar partir.

Tal era o entusiasmo, que Pedro Zurita perdia até a respiração.

- Você está mentindo! - retrucou Pedro, procurando conservar um tom indiferente.

- Jamais menti em minha vida! - exclamou o homem-anfíbio, ofendido.

- E onde se encontra esse seu tesouro? - indagou Zurita sem cuidar de disfarçar sua ambição.

- No fundo de uma gruta submarina. Ninguém, a não ser Leading, sabe onde fica a mesma.

Leading? Quem é Leading?

- Meu delfim.

- Ah! bom! ("Positivamente, trata-se de um verdadeiro milagre - pensava Zurita. - Se é verdade, e devemos aceitar como certo que ele não esteja mentindo mesmo, então tudo ultrapassa todos os meus sonhos. Estarei rico, riquíssimo mesmo! Os Rothschilds e os Rockefellers comparados a mim não passam de uns pobres diabos. Acho que posso confiar no rapaz. E se eu deixá-lo partir sob palavra ?")

Entretanto, Zurita era um homem de negócios. Não tinha o hábito de confiar na palavra de honra de quem quer que fosse. Daí ter-se posto a imaginar sobre a melhor maneira de apoderar-se do tesouro do homem-anfíbio.

"Se Carmencita lhe pedir, por certo ele não lhe negará o monte de pérolas!"

- É possível que deixe mesmo você ir buscar-me essas pérolas - tornou Zurita. - Contudo, durante algum tempo você terá de permanecer aqui. Tenho minhas razões para agir dessa forma. Creio que você próprio não se lamentará por ter permanecido por aqui durante mais algum tempo. Por ora você é meu hóspede, embora involuntá-

rio Mas, por isso mesmo, desejo proporcionar-lhe uma agradável estada nesta escuna. Não lhe parece melhor que, em lugar de metê-la numa cisterna, eu mande colocar você numa jaula, a qual o protegerá dos tubarões, ficando dentro da água?

- Mas eu também preciso respirar o ar terrestre.

- Nesse caso levantaremos, de quando em vez, a jaula. Assim sairá mais barato. Em resumo tudo faremos para vê-lo plenamente satisfeito.

Encontrando-se na melhor disposição de espírito, Zurita a todos surpreendeu ao mandar servir-lhes um cálice de aguardente ao almoço

Nesse intervalo, Iquitiandro fora conduzido ao porão. A cisterna ainda não estava pronta. Emocionado e abrindo devagar a porta do beliche em que estava a mulher, Zurita ainda do umbral mostrou a Carmencita o chapéu repleto de pérolas.

- Eu não me esqueci jamais das promessas que lhe fiz - principiou sorridente. - Uma boa esposa sempre gosta de pérolas, gosta de presentes. Para obter muitas pérolas como estas é indispensável possuir um bom pescador. Aí está por que capturei Iquitiandro. Veja, são pérolas que ele recolheu apenas nesta manhã.

Carmencita lançou um rápido olhar para as pérolas. Com tremendo esforço pôde evitar uma exclamação de assombro. Zurita, que o havia notado, riu-se muito satisfeito.

- Você será a mulher mais rica da Argentina, ou talvez, quem sabe, de toda a América. Você terá tudo o que quiser. Vou construir um castelo que fará os próprios reis morrerem de inveja. Por ora, aceite a metade destas pérolas.

- Não! Não aceitarei nem uma só dessas pérolas que trazem a marca de um grande crime - replicou Carmencita com voz severa. - Deixe-me em paz, por favor.

Zurita ficou perturbado e aborrecido: não esperava tal reação.

- Apenas duas palavras. Talvez a senhora - para emprestar maior importância ao assunto, preferiu chamá-la de senhora - deseja que eu liberte Iquitiandro, não é?

Carmencita fitou-o cheia de suspeita, como que procurando adivinhar qual seria a nova cilada que tramava o marido.

- É só? - perguntou ela em tom glacial.

- O destino de Iquitiandro está agora em suas mãos. Basta que a senhora lhe peça que nos traga à "Medusa" as pérolas que possui escondidas numa gruta qualquer no fundo do mar, e eu o devolvarei à liberdade.

- Ouça bem o que lhe vou dizer. Não creio numa única palavra dita por você. Você receberia as pérolas e de novo prenderia Iquitiandro. O que lhe digo é tão certo como eu sou a esposa de um homem sem palavra e sem honra. Não se esqueça mais disso e não tente envolver-me em seus escusos e desonestos negócios. Repito: deixe-me em paz!

Nada mais havia a dizer e Zurita retirou-se. Ao entrar em seu beliche, colocou cuidadosamente as pérolas num saquitol, escondeu-o num caixote, fechou o beliche com chave e subiu ao convés. A discussão que tivera com a esposa o preocupava. Já se via, contudo, um homem rico, cercado de cortesãos e bajuladores de toda sorte.

Subindo à ponte de comando, acendeu um cigarro. Os pensamentos em torno da próxima riqueza o emocionavam agradavelmente Andava sempre atento. Todavia, desta vez, não reparara que a tripulação se agrupava e discutia em voz baixa algo misterioso.

CAPÍTULO XXIV

"MEDUSA" ABANDONADA

ZURITA tinha-se postado junto ao mastro principal. A um sinal do piloto, vários tripulantes atiraram-se sobre o capitão. Não traziam armas, mas eram muitos. Contudo não era assim fácil lutar contra Pedro Zurita. Dois marujos haviam-no agarrado pelas costas, entretanto, Zurita conseguiu desvencilhar-se do bando. Apoiando-se na amurada, deu uma violenta rabanada.

Os que o tinham agarrado, aos gemidos o largaram e caíram. Zurita, aos socos e pontapés defendia-se valentemente. Estava armado; porém, o ataque fora tão inesperado que nem teve tempo de tirar o revólver. Lentamente voltou para junto do mastro e pôs-se a subi-lo com a habilidade de um símio.

Um marinheiro o agarrou pela perna. Zurita, porém, com a outra deu-lhe um coice na cabeça e o fez com tamanha fôrça, que o homem despenhou-se sem sentidos. Nesse momento Zurita pôde alcançar o cesto de gávea, onde se sentou, lançando, incessantemente, os mais tremendos palavrões. Agora, sentia-se fora de perigo imediato. Empunhando então o revólver, bradou à tripulação amotinada:

- O primeiro que tentar subir, eu lhe abro o coco com uma bala!

Embaixo, os marujos confabulavam sobre o que deviam fazer com Zurita.

- No camarote do capitão existem muitas espingardas! - gritou o piloto, procurando abafar o vozerio. Arrebentem a porta!

Alguns amotinados dirigiram-se à escotilha.

"Estou perdido! - pensou Zurita. - Essas feras vão liquidar comigo."

Pedro fitava o mar, como se esperasse um auxílio. E, sem crer nos próprios olhos, vislumbrou um submarino que, com incrível velocidade, cortando as ondas, aproximava-se da escuna "Medusa."

"Tomara que esse submarino não mergulhe agora! - pedia em pensamento o capitão sitiado no cesto de gávea. Há gente na ponte. Será que irão passar sem me ver?"

- Socorro! Socorro! Depressa! - gritou Zurita a plenos pulmões.

A tripulação do submarino já o avistara e, sem diminuir a velocidade, dirigia-se diretamente sobre a escuna "Medusa."

Os tripulantes armados já haviam subido. Estavam prontos para atacar o capitão todos os amotinados que se encontravam no convés, quando viram também o submarino, que pensaram tratar-se de um navio da marinha. Não se podia matar Zurita na presença daquelas autoridades, que, tão inesperadamente, acabavam de apare-

cer.

Zurita acabara triunfando. Não obstante, sua vitória teve curta duração. Na ponte do submarino, Zurita acabou por reconhecer Baltasar e Cristóvão ao lado de um cavalheiro alto, nariz adunco e olhos de falcão, o qual lhe bradou:

- Pedro Zurita, você vai ter que nos devolver incontinenti Iquitiandro! Dou-lhe cinco minutos, caso contrário ponho a pique essa tralha!

"Traidores! - disse de si para consigo Zurita, ao ver, cheio de ódio, Baltasar e Cristóvão. - De qualquer forma é preferível perder Iquitiandro do que a cabeça!"

- Vou mandar trazê-lo num instante! - gritou Zurita, que vinha descendo do cesto de gávea.

Por sua vez, os tripulantes amotinados já haviam percebido que só lhes restava tentar salvar a própria pele. Rapidamente puseram-se a lançar nas ondas as baleeiras de salvamento, outros atiravam-se à água e procuravam nadar para a praia. Cada qual só pensava em si.

Correndo, Zurita desceu ao seu camarote. Abriu o caixote, retirou as pérolas, meteu o saquitol sob a camisa, agarrou um cinto e um lenço. Em seguida, abriu o camarote onde estava Carmencita, agarrou-a e a trouxe para o convés.

- Iquitiandro não está passando bem! Vocês o encontrarão no camarote - explicava Zurita, sem soltar o braço da mulher. Aproximando-se da amurada, meteu-a numa baleeira, lançou-a ao mar e depois pulou também para bordo dela.

Agora o submarino não poderia persegui-la, pois a água era muito rasa. Carmencita, porém, teve tempo de começar a prevenir Baltasar:

- Meu pai, salve Iquitiandro! Ele está... - não lhe foi possível concluir a frase, Zurita havia-lhe tapado a boca com um lenço, e tratava de amarrar-lhe as mãos com o cinto.

- Largue essa moça! - bradou-lhe Salvador, ao ver o tratamento que Zurita dispensava a Carmencita.

- Esta mulher é minha esposa e a ninguém assiste o direito de intrometer-se em nossa vida! - retrucou-lhe aos berros, Zurita.

- Mas a ninguém assiste o direito de tratar dessa forma uma senhora! - replicou irritado o médico. - Pare! Se não eu atiro!

Zurita, porém, continuava a remar.

Salvador disparou um tiro. A bala bateu na baleeira. Então, erguendo a própria esposa, Zurita passou a proteger-se com seu corpo, e berrou:

- Pode continuar!

Carmencita debatia-se desesperadamente nas mãos do marido.

- Ê mesmo um extraordinário patife! - exclamou o médico baixando o revólver.

Tentando alcançar a baleeira, Baltasar lançou-se ao mar. Zurita, porém, já se encontrava na praia. As ondas o tinham ajudado, lançando a baleeira na praia. Agarando Carmencita, Pedro desapareceu por trás de umas pedras.

Ao convencer-se de que não era possível capturar Zurita, Baltasar subiu a bordo da escuna, galgando a corrente da âncora. Desceu o portaló e começou a procurar Iquitiandro por todos os recantos. Vasculhou a escuna de ponta a ponta. Nada encontrou.

- Iquitiandro não está mais na escuna! - bradou Baltasar, dirigindo-se ao médico.

- Mas ele está vivo e há de encontrar-se por aí! Lembre-se de que Carmencita ainda pôde dizer-nos: "Iquitiandro está..." - Se aquele bandido não lhe tivesse tapado a boca, nós agora poderíamos saber onde encontrá-lo! - concluiu Cristóvão.

Ao examinar a superfície do mar, Cristóvão reparou nas pontas de alguns mastros, que emergiam. Sem dúvida ali devia ter naufragado recentemente algum navio.

Quem sabe até se Iquitandro não estaria lá no fundo.

- Talvez Zurita obrigou Iquitandro a descer ao fundo para procurar tesouros nesse navio naufragado, não lhes parece? - indagou o velho índio.

Naquele instante, Baltasar tinha apanhado a corrente com a argola numa das pontas, a qual tinha sido abandonada no convés da escuna.

- Provavelmente, Zurita fazia que Iquitandro descesse ao mar amarrado nesta argola e corrente, pois, sem isso, ele teria fugido. Não! Com certeza ele não há de estar mais lá embaixo vasculhando esse barco naufragado.

- É verdade - concordou Salvador, que não podia disfarçar sua preocupação. - Vencemos o bandido Zurita, mas não pudemos descobrir Iquitandro.

CAPÍTULO XXV

O NAVIO NAUFRAGADO

Os quase captores de Zurita ignoravam, como se vê, o que se passara naquela manhã a bordo da escuna "Medusa."

Durante a noite anterior, os tripulantes, após confabulações diversas, chegaram à decisão seguinte: na primeira oportunidade, deviam atacar Zurita, matá-lo, apoderar-se de Iquitiandro e da escuna.

Assim é que, naquela manhã, Pedro Zurita encontrava-se no passadiço. O vento havia cessado e o barco vogava lentamente, fazendo no máximo uns três nós por hora.

O capitão tinha os olhos pregados no mar. Através do binóculo acabara de localizar os mastros e antenas de rádio de um navio naufragado. A seguir viu, boiando, um cinto salva-vidas.

Ordenou que fossem de bote apanhar o cinto. Este trazia a inscrição: "MAFALDO."

"O "Mafaldo" naufragou?! - admirou-se Zurita. Conhecia perfeitamente esse grande navio misto. Um barco desses devia trazer grandes quantidades de coisas valiosas - Não seria mau se Iquitiandro fosse apanhar tudo o que está agora no fundo do mar! Mas a corrente seria suficientemente comprida? Creio que não... Deixá-lo ir sem a corrente, significa perdê-lo, pois não voltaria mais..."

Zurita quedou-se imerso em seus pensamentos. Avidez e receio de perder o homem-anfíbio lutavam em sua consciência.

Nesse meio tempo, a escuna "Medusa" ia-se aproximando lentamente da ponta dos mastros que surgiam à superfície do oceano.

Os tripulantes aglomeravam-se na amurada. O vento cessara completamente. "Medusa" parou.

- Durante algum tempo trabalhei no "Mafaldo" explicava um dos marujos. - Era um grande navio, muito bom. Uma verdadeira cidade! Os passageiros eram só gente rica da América.

"O "Mafaldo" havia naufragado sem ter tido tempo de irradiar SOS - meditava Zurita. - Ou talvez a própria estação de rádio não estivesse funcionando bem. Caso tivessem transmitido SOS, teriam vindo de todos os portos, a toda pressa, velozes lanchas e botes de salvamento, com repórteres, fotógrafos, cinegrafistas, escafandristas, etc."

Zurita viu que não podia perder mais tempo. Teria de arriscar-se, permitindo que Iquitiandro descesse ao mar sem a corrente. Nem havia outra solução. Mas, como obrigá-lo a regressar? E, já que era indispensável correr o risco, não seria preferível

mandá-lo buscar o tesouro de pérolas, que ele deixara numa gruta submarina? Todavia, qual seria o valor desse tesouro? E se Iquitiandro tivesse exagerado as coisas?

Naturalmente, Zurita teria de encontrar um jeito de apoderar-se não só das pérolas, mas do que havia ali afundado no navio "Mafaldo". O tesouro de pérolas estava seguro, pois ninguém jamais o acharia, sem o auxílio de Iquitiandro, Era, portanto, necessário tudo fazer para evitar a fuga de Iquitiandro. Ao passo que a fortuna do navio "Mafaldo" poder-se-ia perder em definitivo dentro de alguns dias ou mesmo horas.

"Está decidido, pois. Primeiro o "Mafaldo" pensava Zurita, a fazer seus cálculos.

Em seguida, mandou que se lançasse a âncora. Depois desceu ao seu camarote, onde fez um bilhete, levando-o, pessoalmente, ao porão em que estava preso o homem-anfíbio.

- Iquitiandro, você sabe ler? Carmencita manda-lhe este bilhete.

O rapaz apanhou apressado o papel e pôs-se a ler o que dizia:

"Iquitiandro! Peço-lhe que atenda este pedido. Bem próximo da "Medusa" encontra-se agora um grande navio naufragado. Por favor, desça ao fundo do mar e me traga tudo o que por lá puder encontrar de valor. Zurita permitirá que você desça sem a corrente, mas você precisa regressar. Faça isso por mim, Iquitiandro. E em breve você estará livre. Carmencita",

Como nunca tivesse recebido um bilhete de Carmencita, e desconhecesse sua caligrafia, apesar da alegria ao receber uma carta da moça, Iquitiandro tornou-se pensativo. "E se for outra armadilha de Zurita?"

- Por que Carmencita não veio fazer-me pessoalmente este pedido? - indagou o moço, indicando o bilhete.

- É que ela não está sentindo-se muito bem - retrucou Pedro. - Quando você voltar desse trabalho, poderá avistar-se com ela.

- E Carmencita precisa mesmo dessas coisas valiosas? Pra quê? - insistia ainda desconfiado Iquitiandro.

- Se você fosse um homem igual aos outros, não me faria uma pergunta dessas. Existirá no mundo uma única mulher que não goste de vestir-se bem, possuir joias? Para isso é preciso ter dinheiro. Há muito dinheiro nesse navio naufragado. Agora não pertence a ninguém, por isso você poderia muito bem ir buscar esses tesouros para Carmencita. Deve, principalmente, tratar de descobrir moedas de ouro. Nesse navio deve haver sacos de couro do correio. Além disso, joias de todo tipo devem ter trazido os passageiros...

- Você insinua-me talvez que vasculhe os corpos? exclamou indignado o jovem. - Sabe que mais: não acredito em você. Carmencita não seria capaz de me pedir uma coisa dessas, eu bem a conheço...

- Oh! que maldição! - deixou escapar Zurita. Via seu plano ir pelos ares, se não conseguisse convencer o "diabo-do-mar" imediatamente.

Recuperando seu autodomínio, Zurita riu-se e disse: - Vejo que não é fácil enganá-lo! Quero falar-lhe com toda a franqueza. Ouça-me. Não é Carmencita quem deseja o ouro do "Mafaldo", sou eu. Isso você não tem dúvida, não é?

Iquitiandro sorriu sem querer: - Perfeitamente!

- Ótimo! Você está começando a confiar em mim. É melhor assim, pois poderemos chegar a um acordo. Eu preciso desse ouro. E se a quantidade que você encontrar no "Mafaldo" corresponder em valor ao do tesouro que escondeu na gruta submarina, eu o deixarei imediatamente livre. É pena, no entanto, que não confiemos um no outro. Eu tenho medo de permitir que você desça sem a corrente, pois seria capaz de não voltar mais...

- Se eu lhe der minha palavra, eu a cumprirei.
- Eu ainda não tive oportunidade de convencer-me disso. Você não me tolera e não seria surpresa alguma se não voltasse mais. Todavia, sei que você ama Carmencita e por isso cumprirá um pedido que ela lhe fizer. Não é assim? Já conversei com ela. É claro que Carmencita deseja que lhe deixe ir-se embora. Foi por isso que lhe escreveu o bilhete. Confiou-me a tarefa de facilitar seu caminho para a liberdade. Espero que você tenha podido compreender tudo, não?

Tudo o que lhe afirmava Zurita, parecia a Iquitiandro muito plausível e convincente. Algo, porém, escapou a Iquitiandro: o fato de que Zurita só lhe prometia liberdade caso as riquezas do "Mafaldo" correspondessem ao valor das pérolas guardadas na gruta submarina...

"Para poder comparar o ouro do navio naufragado e o tesouro de Iquitiandro, este terá de trazê-lo a bordo da escuna "Medusa." Exigirei dele tal condição - assim raciocinava Zurita, enquanto ia procurando convencer o homem-anfíbio a aceitar sua proposta. - E então terei nas mãos o Ouro do "Mafaldo" e as pérolas da gruta submarina."

Iquitiandro não podia mesmo adivinhar tão torvos pensamentos do capitão. Aquela franqueza de Zurita convencia-o, por isso, após alguns instantes de reflexão, concordou.

Zurita suspirou aliviado.

"Ele não irá enganar-me" - concluiu intimamente, Pedro.

- Vamos depressa!

Iquitiandro subiu rapidamente ao convés e lançou-se ao mar.

Os marinheiros repararam que o homem-anfíbio não trazia mais a corrente. Imediatamente desconfiaram que o rapaz tinha sido mandado buscar coisas de valor no navio naufragado. Não podiam deixar que Pedro Zurita se apoderasse sozinho de tais riquezas. Não deviam mais perder tempo. E daí terem atacado o capitão.

Enquanto desenrolava-se a bordo da escuna a luta entre os tripulantes amotinados e seu capitão, Iquitiandro, no fundo do mar, punha-se a examinar o navio naufragado.

Através de enorme escotilha do convés superior, penetrou na parte inferior do portaló, o qual lembrava uma escada de grande mansão. Nadou então através de longo corredor. Estava escuro. Muito fraca claridade penetrava pelas portas escancaradas.

Passando por uma delas, viu-se Iquitiandro num enorme salão. Redondas e largas vigias iluminavam com luz fosca aquele aposento, onde poderiam caber centenas de pessoas. Segurando-se num grande lustre, Iquitiandro lançou uma vista em torno. Via um estranho quadro. Cadeiras e mesinhas boiavam na água. Num estrada, encontravam-se um piano de cauda com o tampo aberto. Macios tapetes ainda forravam o salão. A madeira de revestimento das paredes havia-se descolado em vários pontos. Junto das paredes viam-se palmeiras.

Nadando, Iquitiandro dirigiu-se às plantas. Contudo, deteve-se assombrado: vinha-lhe ao encontro alguém, que repetia seus próprios movimentos. "É um espelho" - concluiu o rapaz. Esse espelho ocupava toda a parede e assim refletia fracamente a imagem de todo o mobiliário daquele recinto.

Ali não valia a pena procurar tesouros. Iquitiandro tornou ao corredor, desceu mais um convés inferior e penetrou noutro recinto amplo e luxuoso. Provavelmente, o restaurante. Por toda parte viam-se garrafas, latas de conservas, caixas. Sob a pressão da água, muitas rolhas tinham-se afundado nos frascos, as latas estavam deformadas. Pelas mesas, guardanapos, facas, colheres e outros talheres de prata, porém, espalhados pelo chão.

Iqitiandro resolveu penetrar nos camarotes. Já estivera em alguns outros, muito bem mobilhados. Todavia, não encontrou nenhum corpo. Só num dos camarotes, no terceiro convés, viu um corpo inchado que boiava junto ao teto.

"Possivelmente muitos devem ter-se salvado" - pensou.

Mas, ao descer outro convés, mais embaixo, na terceira classe, viu um quadro que o deixou estarecido: os camarotes estavam entupidos de homens, mulheres e crianças. Havia cadáveres de brancos, chineses, negros e índios.

A tripulação do vapor, com certeza, procurara salvar em primeiro lugar os passageiros da primeira classe, deixando os demais para depois. Nalguns camarotes Iqitiandro nem pôde entrar: as portas estavam barradas pelos cadáveres dos afogados.

Alucinados pelo terror, os passageiros aglomeraram-se na porta, barrando a saída rumo à salvação. No longo corredor boiavam corpos intumescidos. A água, que penetrara pela escotilha, baloiçava de leve os cadáveres. Sentindo-se aterrorizado, Iqitiandro apressou-se a abandonar, o mais depressa que pôde, aquele estranho cemitério submarino.

"Será possível que Carmencita não imaginou para onde me enviava? - ia Iqitiandro meditando. - Como é possível que me tenha pedido que remexesse os bolsos destes afogados e abrisse suas valises? Não, ela não seria capaz de uma coisa dessas! Sem dúvida, caíra outra vez numa cilada de Zurita. Vou subir à tona - decidiu Iqitiandro. - E então exigirei que Carmencita venha ao convés e me confirme tudo pessoalmente."

Como um peixe, Iqitiandro ziguezagueava pelos corredores e conveses do navio naufragado, até atingir a superfície.

Com rapidez, aproximou-se da escuna "Medusa."

- Zurita! - bradou o rapaz. - Carmencita! Ninguém, entretanto, lhe deu resposta. Envolta em completo silêncio, "Medusa" baloiçava doce e ritmicamente nas ondas.

"Para onde foram todos? - inquireu-se espantado o homem-anfíbio. - Que mais estará tramando esse Zurita?" - Cheio de cuidado Iqitiandro subiu a bordo da escuna.

- Carmencita! - bradou de novo

- Estamos aqui! - ouviu Iqitiandro na voz de Zurita que lhe chegava da terra. Voltando-se, viu Zurita, que, furtivamente, espiava por trás dos arbustos da praia.

- Carmencita adoeceu! Venha cá! - berrava Pedro.

Carmencita doente! Em poucos instantes irá vê-la. Iqitiandro saltou, e a toda, pôs-se a nadar rumo à praia.

Já estava saindo da água, quando ouviu a voz abafada de Carmencita.:

- Pedro está mentindo! Salve-se Iqitiandro!

Rápido, Iqitiandro mergulhou e nadou sob as ondas. Quando se afastou bastante da terra, emergiu, e pôde ver algo branco que desaparecia entre os arbustos.

Talvez fosse Carmencita que lhe estava a acenar com um lenço, saudando sua libertação. Irá ver, algum dia, de novo Carmencita?...

A toda pressa, nadou Iqitiandro rumo ao alto mar. Bem longe se via um pequeno barco. Cercado de espumas, o barco rumava ao sul, cortando as águas azuis e brancas.

"É preciso estar o mais longe possível dessa gente!" - pensava Iqitiandro ao mergulhar nas profundezas do oceano.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO XXVI

O PAI REAPARECIDO

A pós a mal sucedida viagem no submarino, Baltasar encontrava-se no mais triste estado de ânimo. Iquitiandro não fôra encontrado. Por sua vez, Zurita havia desaparecido com Carmencita.

- Malditos sejam todos esses brancos! - resmungava o velho, sentado, sozinho, em sua loja. - Puseram a gente pra fora de nossa terra, escravizaram-nos. Agora deformam nossos filhos e raptam nossas filhas. Querem exterminar de uma vez com a gente, até o último índio.

- Bom dia, meu irmão! - ouviu Baltasar na voz de Cristóvão. - Tenho uma grande notícia! Uma novidade extraordinária! Iquitiandro foi encontrado!

- Que disse você?! - E de um salto, Baltasar estava em pé. - Conta logo tudo. Vamos!

- Vou contar-lhe tudinho Mas não me interrompa, senão perco o fio. Iquitiandro regressou. Eu tinha razão quando insistia em que o rapaz estava no fundo junto daquele navio "Mafaldo". Fomos embora e, pouco depois, nadando, ele voltou para casa.

- E agora, onde está? Na casa do Doutor Salvador?

- Sim. Lá mesmo.

- Pois então irei para lá e exigirei do médico que me devolva meu filho...

- Isso não fará o doutor! - replicou Cristóvão. O doutor proibiu que Iquitiandro saia a nadar pelo mar alto. Eu é que, de vez em quando, faço de conta que não estou vendo nada...

- Ah! ele vai devolver meu filho! Se não quiser, eu acabarei com a vida dele! Vamos, já, já, à sua casa!

Muito assustado, Cristóvão só fazia agitar os braços, suplicando:

- Espere! Espere pelo menos até amanhã. A muito custo foi que consegui que o doutor me deixasse sair para vir ver minha "neta". Agora ele anda muito desconfiado. Espeta cada olho na gente, que é como se nos enterrasse um punhal. Por favor, espere até amanhã.

- Está bom. Amanhã estarei na casa do doutor. Mas agora vou dar uma saída até a baía, quem sabe se não irei conseguir ver meu filho, mesmo de longe?

A noite toda, permaneceu Baltasar sentado no rochedo da praia da baía, de olhos postos no mar, que estava agitado. O frio vento do sul eriçava as crinas brancas das ondas, lançando-as contra as pedras. A ressaca estrondejava, revolvendo a areia. Surgindo entre as nuvens errantes pelo céu, o luar iluminava o mar, ou então desaparecia deixando tudo em plena escuridão. Por mais que se esforçasse, Baltasar

nada conseguia vislumbrar entre as ondas espumejantes. Estava amanhecendo. No entanto, permanecia Baltasar no seu posto de observação sobre o rochedo, de olhos pregados no oceano. De escuro, o mar transformou-se em cor de cinza. Contudo, nada se via em sua superfície.

De repente, Baltasar agitou-se. Seus atentos olhos vislumbravam algo escuro, que se baloiçava nas ondas. Um homem! Talvez um afogado! Mas não! Está deitado, tranquilo, tendo os braços sob a cabeça. Seria ele?!

O velho índio não se enganara. Era Iquitiandro.

O índio levantou-se e apertando o peito com as mãos, bradou:

- Iquitiandro! Meu filho! - Erguendo os braços, o velho lançou-se ao mar. Caindo do alto do rochedo, mergulhou profundamente. Quando emergiu, não divisou ninguém. Debatendo-se desesperadamente contra as ondas, Baltasar de novo mergulhou. Todavia, enorme onda ergueu-o, virou-o e lançou-o na areia, de onde, com surdo ruído, o arrastou até a praia, voltando ao mar.

Todo encharcado, o índio levantou-se, fitou o oceano e suspirou fundo:

- Seria apenas uma alucinação?!

Depois que o vento e o sol lhe secaram a roupa, dirigiu-se ao portão da fortaleza do médico e pôs-se a martelar com força.

- Quem é? - perguntou um negro, espiando pelo olho mágico.

- Preciso ver o doutor. É muito importante.

- O doutor não recebe ninguém - tornou o negro, que, a seguir, se afastou.

Baltasar continuava a bater, a gritar. Entretanto, ninguém lhe abriu o portão. Do interior, vinha apenas o constante latir de cães.

- Espere, maldito espanhol! - ameaçou o velho índio, que rumou diretamente para a cidade.

Próximo do Tribunal de Justiça ficava uma taberna: "Palmeira". Era um prédio antigo e baixo, cujas paredes, que tinham sido, caiadas, foram construídas com enormes pedras. Na frente, coberto por um toldo listrado, espalhavam-se mesinhas com plantas à volta. Ali a vida só principiava ao anoitecer. Durante o dia, os fregueses preferiam o interior, onde era mais fresco. A taberna, era como que parte integrante do próprio Tribunal. Por ocasião das audiências, os solicitadores, advogados, testemunhas, e réus ainda livres, por ali costumavam aparecer. A beber cerveja e aguardente, preferiam matar o tempo, cujas horas se arrastavam, enquanto esperavam sua vez. Um garoto endiabrado corria o tempo todo do Tribunal à Taberna "Palmeira", informando tudo o que se estava passando no próprio Tribunal. Era muito cômodo. Por ali também apareciam personagens de moral duvidosa, oferecendo seus préstimos e mesmo falsas testemunhas.

Por diversas vezes, Baltasar estivera naquela taberna, tratando de assuntos, de sua lojinha. Sabia que ali poderia encontrar a pessoa indicada para redigir uma petição. Foi por isso que havia procurado a taberna.

Com passos largos, entrou no recinto. Aspirou fundo o ar fresco, enxugou o suor da testa e perguntou ao garoto:

- O Larra está?

- Don Flores de Larra já chegou. Está no seu cantinho de sempre - informou o menino.

O cavalheiro, a quem chamavam de Don Flores de Larra fôra outrora insignificante servidor do Tribunal. Demitiram-no por crime de suborno. Agora possuía grande clientela: todos os interessados em casos escusos e complicados procuravam esse grande maquinador. Baltasar era também seu cliente.

Larra sentara-se junto à janela gótica de largo peitoril. Na mesa, à sua frente, ha-

via um copo de cerveja, ao lado uma pasta cheia de papéis. Sempre pronta a executar grandes trabalhos, a caneta estava presa ao bolso do paletó cáqui. Era gordo, calvo, faces róseas, nariz rubro, bem barbeado e muito cheio de empáfia. A soprar da janela, a brisa lhe agitava os parcos cabelos grisalhos que lhe restavam. Nem o próprio presidente do Tribunal de Justiça recebia as partes com tanta altivez como aquela que exibia Larra ao atender seus clientes.

Ao ver Baltasar, acenou com a cabeça, displicente, e, num gesto, indicou-lhe uma cadeira que tinha diante de si. Depois disse-lhe:

- Sente-se. Por favor! Traz algo para mim? Quer um copo de vinho?

Tinha o costume de encomendar bebida, deixando-a por conta do cliente. Baltasar parecia não ter ouvido nada.

- Tenho um grande negócio. Um negócio muito grande a tratar, Larra.

- Se me faz o favor: Don Flores de Larra! - corrigiu o ex-funcionário tomando um gole da cerveja.

Baltasar, porém, não ligou importância às palavras de Larra.

- De que se trata?

- Como você sabe, Larra...

- Don Flores de Larra...

- Ora, deixe isso para os novatos! - exclamou num tom severo, Baltasar. - Trata-se de assunto da maior importância.

- Fale, então, de uma vez, homem! - replicou Larra, mudando de atitude em relação ao índio que o procurava.

- Você conhece o "diabo-da-mar"?

- Não tive a honra de conhecê-lo pessoalmente. Ouvi, porém, muito a seu respeito - retrucou com ar cheio de empáfia o antigo funcionário.

- Pois então, fique sabendo que esse homem a quem chamam de "diabo-do-mar", é meu filho Iqitiandro.

- Não é possível! - exclamou Larra. - Você está bêbedo, Baltasar.

O índio deu um murro na mesa:

- Desde ontem que não tomo nada além de uns goles de água do mar.

- Neste caso, a situação é ainda muito pior...

- Você está pensando que eu enlouqueci? Não se preocupe com isso. Estou no meu mais perfeito juízo Ouça-me e não diga nada até eu acabar.

Em seguida, Baltasar contou toda a história a Larra, Este ouvia-o sem nada dizer. Os cenhos grisalhos, de vez em quando, erguiam-se. Finalmente o ex-servidor do Tribunal não resistiu mais. E, esquecendo toda sua empáfia olímpica, esmurrou também a mesa e largou um:

- Com mil diabos!

Nesse momento, aproximou-se o menino de avental branco e um sujo guardanapo na mão.

- O senhor chamou?

- Duas garrafas de vinho Sauterne com gelo - E dirigindo-se a Baltasar exclamou - Ótimo! Um negócio formidável! Será que você atinou sozinho com toda a importância do assunto? Devo dizer, porém, que o ponto mais débil em tudo o que me contou reside no fato de que você não pode provar a autenticidade do que alega, dizendo-se pai do rapaz.

- Você tem dúvidas quanto a isso? - indagou Baltasar, furioso.

- Calma! Calma! Não fique logo zangado, meu velho. Estou lhe falando como um jurista, do ponto de vista das provas evidentes e juridicamente válidas, as quais, manda a verdade que lhe diga, são bem fraquinhas! Mas isso também se pode corri-

gir, dar-se-á um jeito e ganharemos muito bom dinheiro.

- Eu só quero meu filho e não dinheiro! - replicou o índio.

- Todos precisamos de dinheiro, principalmente aqueles cujas famílias crescem como, por exemplo, a sua explicou Larra, semicerrando os olhos. Depois prosseguiu: - O principal e mais valioso em tudo isso, é, porém, a descoberta das atividades do tal Doutor Salvador, suas experiências e intervenções cirúrgicas. Esse negócio pode ser minado de tal modo que as pesetas desse médico irão cair direitinho de seu cofre, qual laranjas maduras das laranjeiras em dia de temporal.

Baltasar tomou um gole de vinho que lhe servia Larra, e disse:

- Eu só quero meu filho. E você vai escrever o requerimento para o Tribunal.

- Não! Não! De forma alguma! - exclamou Larra, quase assustado. - Se começar assim você estragará tudo. Esse caminho será o último.

- Que sugere então? - perguntou Baltasar.

- Em primeiro lugar: - e Larra dobrou um dedo - escreveremos uma carta a Salvador em linguagem refinada. Comunicar-lhe-emos que estamos a par de todas as suas experiências e intervenções cirúrgicas, que ele vem fazendo ilegalmente. Se ele desejar evitar qualquer divulgação a esse respeito, deverá pagar-nos uma boa quantia. Digamos, uns cem mil pesos Sim, cem mil, no mínimo. - Larra fitou Baltasar, interrogativamente,

De fisionomia fechada, o índio permanecia silencioso. - Em segundo lugar - prosseguia Larra - depois de termos recebido a quantia exigida (e vamos recebê-lo!), enviaremos ao Professor Salvador outra cartinha escrita em linguagem ainda mais refinada e sutil. Nessa carta lhe comunicaremos que foi encontrado o verdadeiro pai de Iquitiandro, bem como que em nossas mãos possuímos documentos confirmando a autenticidade desse parentesco. Diremos ao médico que o pai de Iquitiandro deseja a posse do filho e, se preciso for, não se deterá nem diante da necessidade de instaurar um processo criminal. Com ele levaremos ao conhecimento do povo que o referido cientista invalidou o filho do postulante. Caso o doutor deseje evitar quaisquer prejuízos morais que o ameçam, e ficar com a posse do rapaz, deverá entregar a Importância de um milhão de dólares a pessoas que lhe indicaremos, em hora e local previamente estabelecidos por nós.

Entretanto, Baltasar não estava prestando nenhuma atenção ao que lhe dizia Larra. De repente, agarrou numa garrafa e estava prestes a fender o crânio do rábula. Larra jamais vira Baltasar tão furibundo.

- Não se zangue! Eu estava apenas brincando. Largue essa garrafa! - exclamou Larra, ao mesmo tempo que protegia a calva com as mãos.

- Você... você... - berrava o índio enfurecido. - Você está-me sugerindo a venda de meu próprio filho, meu próprio filho! Você não tem coração! Ou não é um homem, mais sim um escorpião, uma tarântula, que desconhece por completo os sentimentos de um pai!

- Cinco! Cinco! Cinco! - bradou Larra irritado. - São cinco os meus sentimentos paternos! Tenho cinco filhos! Cinco demônios de várias idades! Cinco bocas a alimentar! Conheço e compreendo os sentimentos de um pai! E de sobra! Você não irá perder o seu. Tenha um pouco de paciência e ouça-me até o fim.

Baltasar, finalmente, acalmou-se. Pôs a garrafa na mesa, baixou a fronte e fitou Larra,

- Pode falar! - disse lacônico.

- Assim é melhor! Então, o médico nos pagará um milhão de dólares. Será o dote de seu Iquitiandro. Sem dúvida, hei de receber alguma coisa também. Pelo trabalho e pelos direitos autorais dessa ideia, digamos: algumas centenas de dólares. Vamo-

nos entender. Aposto a cabeça que Salvador pagará esse milhão! Mas quando nos pagaria...

- Recorreremos à Justiça.

- Tenha mais um pouco de paciência. Podemos ainda oferecer a editores dos maiores jornais uma completa reportagem desse crime. Pedir-lhes-emos uns vinte e cinco mil pesos para as despesas miúdas. E talvez, quem sabe? conseguiremos algo da própria polícia política. Pois seus agentes poderiam fazer esplêndida carreira se tivessem nas mãos um assunto tão fabuloso como esse. Após termos arrancado tudo quanto possível do médico Salvador e explorado ao máximo o caso, você, Baltasar, poderá então apelar para a Justiça, tendo em vista satisfazer seus sentimentos paternos. E tomara que a própria Têmis possa ajudá-lo a comprovar seus direitos paternos, para então receber de braços abertos seu querido filho.

Virando de um trago o copo de vinho, Larra depô-la na mesa, ao mesmo tempo que lançava para o índio um olhar vitorioso.

- Que me diz?

- Eu a passar dias sem comer e noites sem dormir, e me vem você sugerir um negócio complicado e interminável... - principiou Baltasar.

- Mas, em nome de quê? - indagou o rábula ardoroso, interrompendo o velho índio. - Em nome de quê? Em nome de alguns milhões! Milhões! Será que você perdeu a cabeça? Que importância tem isso, se você já viveu vinte anos sem nem cogitar da existência desse tal Iquitiandro?

- É certo... vivi. Mas agora... não quero mais saber de conversa. Você vai redigir o requerimento agora mesmo!

- Você, realmente, perdeu a razão! - exclamou Larra. - Acorde homem e desperte, tome juízo, Baltasar! Procure compreender: Milhões! Dinheiro sonante! Ouro! Você poderá comprar tudo o que quiser neste mundo! O melhor fumo, automóveis, vinte escunas, esta taberna...

- Vamos! Deixe de conversa fiada! Escreva a petição, se não vou procurar outro qualquer! - disse Baltasar em tom decidido.

Larra compreendeu que nada adiantava tentar convencer o velho. Meneou a cabeça, deixando escapar um suspiro. Retirou da pasta cor de ferrugem, papel timbrado, apanhou a caneta e pôs-se a escrever.

Em poucos minutos estava pronto o requerimento acusando o médico e cientista Salvador de realizar intervenções cirúrgicas ilícitas, de apropriação e deformação do filho do índio Baltasar.

- Pela última vez eu lhe digo: tome juízo, homem! - exclamou Larra.

- Me dê esse papel! - pediu Baltasar, estendendo a mão.

- Entregue-o ao promotor. Você o conhece? - pôs-se Larra a aconselhar o cliente. Depois não pôde deixar de resmungar de si para consigo: "Tomara que tropece e quebre uma perna!"

Ao deixar o gabinete do promotor, Baltasar encontrou-se com Zurita.

- Que está fazendo por aqui? - perguntou o antigo capitão, fitando desconfiado o índio. - Fez por acaso alguma queixa contra mim?

- Devíamos queixar-nos de todos vocês - respondeu Baltasar, que se referia a todos os espanhóis. - Mas ninguém nunca fez isso, nem há homens capazes de tal coisa. Onde você escondeu minha filha?

- Com que direito você me trata dessa forma? tornou furioso, Zurita. - Se você não fosse o pai de minha mulher, agora lhe daria umas boas pancadas.

Empurrando violentamente Baltasar, Zurita galgou a escada e desapareceu atrás da pesada porta de carvalho.

CAPÍTULO XXVII

UM "CASUS" JURIDICO

O procurador geral de Buenos Aires foi honrado com a visita de eminente personalidade - o Arcebispo Juan de Garcilasso.

Baixote, gordo, ágil, olhos pequenos, cabelos cortados rente e bigodes pintados, o procurador ergueu-se da poltrona, a fim de cumprimentar a importante figura que o visitava. Com grave cuidado e distinção, ajudou aquela alta personalidade a acomodar-se numa poltrona junto de sua mesa.

Ambos formavam um perfeito contraste. O rosto do procurador era carnudo e vermelho, os lábios grossos e o nariz largo e adunco. Os dedos, curtos e redondos. Os botões pareciam desprender-se a cada instante, tamanho o esforço que faziam para conter a gordura do ventre.

Ao passo que as faces do prelado impressionavam pela magreza e palidez. Tinha nariz afilado e longo, queixo pontiagudo e os lábios finos, delgados, e quase azulados, o que emprestava ao arcebispo a aparência de um jesuíta. Embora jamais encaixasse o interlocutor, seus olhos sabiam, disfarçadamente, vasculhar o íntimo daquele com quem falava. Sua influência era enorme. Após os cumprimentos da praxe, o arcebispo passou incontinenti ao assunto de sua visita:

- Eu gostaria de saber em que ponto se encontra o processo do Professor Salvador - murmurou o prelado.

- Oh! também Vossa Eminência Reverendíssima se interessa pelo caso desse médico! - exclamou em tom afável o procurador. - É realmente um processo extraordinário! - Tomando os autos de sobre a mesa e folheando-os, o jurista prosseguiu: - Atendendo a uma denúncia de Pedro Zurita, mandamos dar uma busca na residência desse médico. A denúncia de Zurita sobre as incríveis intervenções cirúrgicas desse médico eram verdadeiras. Nos jardins dessa fortaleza, que era sua residência, foi encontrada uma completa fábrica de monstros. Algo impressionante! Salvador, por exemplo...

- A respeito dos resultados dessa busca tenho as informações dadas pela imprensa - interrompeu o arcebispo, com voz suave. - Mas, quais as medidas legais tomadas no que diz respeito ao próprio cientista? Está preso, por acaso?

- Sim. Ele encontra-se detido. Além disso, trouxemos à cidade, na qualidade de prova evidente e importante testemunha, um jovem chamado Iquitiandro, que é o mesmo "diabo-do-mar". Quem iria supor que o célebre "diabo-do-mar", que tanto trabalho nos deu, fosse apenas mais um dos monstros do jardim zoológico do Doutor Salvador?! Neste momento, peritos, médicos e legistas, professores catedráticos,

ocupam-se dos estudos a respeito desses monstros. É claro que não nos seria possível transferir para cá todos os habitantes do tal jardim zoológico. Contudo, Iquitandro foi transportado e metido no porão do edifício deste Tribunal. Só que nos dá muito trabalho. Imagine, Vossa Eminência, fomos obrigados a mandar construir uma cisterna especial, pois o rapaz não pode viver fora da água. Devo informar-lhe que realmente o homem-anfíbio estava passando muito mal. Provavelmente, o cientista terá realizado incríveis transformação no organismo do jovem Iquitandro, dele fazendo um homem-anfíbio. Nossos sábios estão estudando esse caso.

- O que mais me interessa é o destino do próprio Salvador - balbuciou o arcebispo.
- De acordo com o código penal, que tipo de punição o aguarda? E qual é sua opinião? Esse médico será punido?

- O caso desse médico é, como se diz em linguagem jurídica, um raríssimo "casus" de justiça, - retrucou o procurador-geral. Sinceramente, não lhe sei dizer ainda em que artigo de nosso código penal está ele incurso. Trata-se de um crime inteiramente fora do comum. Mais simples seria acusá-lo de vivisseção no caso da mutilação que fez no jovem Iquitandro...

O prelado fechou o semblante.

- Acha o senhor que todas essas ações do Doutor Salvador não representam nem contêm dados bastantes para que ele possa ser julgado como um criminoso?

- Há e haverá, mas como denominar os crimes que teria cometido? - prosseguiu o procurador-geral. - Recebi ainda uma outra denúncia, esta de um índio, chamado Baltasar, que afirma ser o pai de Iquitandro. As provas que apresenta são muito vagas. No entanto, poderemos aproveitá-lo como testemunha, caso os peritos venham a confirmar que Iquitandro é realmente seu filho.

- Quer dizer que, na melhor das hipóteses, Salvador somente será acusado de ter atentado contra as leis éticas da medicina e será julgado unicamente por ter efetuado uma intervenção numa criança sem obter o indispensável consentimento paterno?

- E, naturalmente, pelo prejuízo que causou à saúde desse pobre rapaz. E isto é muito sério. Há em tudo isso um detalhe, porém, que nos trará muitas complicações. Os peritos - claro que sua opinião não é a derradeira - acham que a um homem normal jamais teria podido ocorrer a ideia de deformar assim os animais e fazer tão monstruosa intervenção cirúrgica. Segundo a opinião desses peritos, Salvador poderia ser declarado um enfermo, ou, mais precisamente, um alienado.

O arcebispo permanecia em silêncio, lábios apertados e olhos fitos num ponto distante. Só depois de alguns instantes, falou então:

- Não esperava semelhante procedimento de sua parte, senhor procurador-geral.

- Que pretende Vossa Eminência dizer com isso? - indagou aflito o procurador.

- Até o senhor, um defensor da sociedade, parece querer encontrar uma justificção para as ações do Doutor Salvador, considerando as suas intervenções não desprovidas, completamente, de bom-senso.

- Mas, que há de mal nisso?

- E o senhor próprio tem dificuldade em definir o tipo de crime que foi cometido por esse cientista. Mas nós, servos de Deus, encaramos as ações e atos do Doutor Salvador de modo muito diverso. Permita, pois, que nós venhamos em sua ajuda, dando-lhe alguns conselhos.

- Tenha a bondade! - exclamou, confuso, o procurador-geral.

- Não considera o senhor que o procedimento de Salvador é inteiramente descabido? Parece-lhe mesmo que os animais e até o homem lograram mesmo obter algumas vantagens das intervenções a que foram submetidos. Que vem a significar isso afinal de contas? Será que o senhor acha que o Criador de todas as coisas teria

construído o homem como um ser imperfeito? Seria portanto indispensável a intervenção desse professor para aperfeiçoar o ser humano?

O procurador-geral permanecia imóvel, de olhos baixos. Perante a Igreja ele sentia-se como se fôra um réu. De modo algum poderia supor que o caso do Professor Salvador tivesse tal importância.

- Será que já se esqueceu do que está escrito na Bíblia, Gênesis, capítulo primeiro, versículo vinte e seis: "E Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança..." E já no versículo vinte e sete: "E criou Deus o homem à sua imagem..." Contudo, esse Salvador tem a ousadia de pretender deturpar essa imagem e semelhança. E o senhor, até o senhor! tem coragem de procurar uma justificativa para tal ousadia!

- Perdoe-me. - foi tudo o que pôde articular o procurador-geral.

- Será que Deus, Nosso Senhor, não considerou Sua criação maravilhosa e perfeita? - prosseguia o arcebispo. - Guardou bem, o senhor, na memória as leis humanas, mas esqueceu-se das leis divinas. Recordar-se do versículo trinta e um do mesmo capítulo, do Livro Gênesis: "E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que tudo era muito bom". E no entanto, um Salvador qualquer, um simples médico, achou que seria preciso corrigir algo, mudar, transformar, deformar; imaginou que os homens devem ser criaturas terrestre-aquáticas. Ao senhor também lhe pareceu que isso teria algum sentido e utilidade. Que afronta maior poderia ter sido feita a Deus, Nosso Pai! Ou as leis civis não podem punir os crimes contra a religião? Que acontecerá se outros lhe seguirem o exemplo? Se outros repetirem: "Sim, o homem não é uma criatura perfeita, criada por Deus. Precisamos levar os homens a Salvador, para que ele os aperfeiçoe." Não seria um crime monstruoso à face do Criador de todas as coisas?... Deus, Nosso Pai, achou que tudo que fôra criado por Ele era bom e que todas as criações eram perfeitas. Mas surge um Salvador que ousa transplantar cabeça de animais, mudar-lhes a pele, criar seres repugnantes, como se quisesse zombar do próprio Deus, Nosso Senhor. E o senhor ainda encontra dificuldade para descobrir nos atos de Salvador toda a essência de um crime abominável!

O arcebispo, afinal, calou-se. Ficara satisfeito com o impacto de seu sermão no espírito do pobre procurador-geral. Em seguida, começou de novo em tom baixo, que se ia elevando no correr da conversa:

- Eu disse-lhe que me interessava mais pelo próprio destino de Salvador. Mas como poderia permanecer indiferente à sorte de Iquitiandro? Pois esse ser humano não possui sequer um nome cristão, uma vez que a palavra Iquitiandro não significa em grego outra coisa senão "homem-anfíbio" ou melhor talvez, "homem-peixe". Mesmo que não tenha culpa, pois é na verdade vítima, aos olhos de Deus, não deixa de ser uma criatura repulsiva. Com o simples fato de existir já é ele capaz de levar a confusão aos espíritos cristãos, despertar-lhes para certas meditações pecaminosas e até influir danosamente nos fiéis vacilantes. Iquitiandro terá que deixar de existir! Seria bom que Nosso Senhor o tivesse chamado para Si. Se esse pobre moço viesse a morrer em consequência da sua natureza mutilada e da sua imperfeição, deveríamos agradecer a Deus! De qualquer maneira, ele deve ser acusado e privado da liberdade. Isso porque cometeu mesmo alguns crimes: roubava peixe aos pescadores, rompia-lhes as redes e os assustava de tal modo que, como há de se recordar, os coitados eram forçados a abandonar o trabalho, deixando a população inteira sem pescado. O ateu Salvador e o repugnante produto de suas mãos representam, portanto, sério perigo para o povo, e são um desafio à face de Deus! Precisamos tudo fazer para combatê-los,

O arcebispo prosseguia em seu sermão de acusação. Enquanto isso, o procurador-

geral permanecia sentado, cabisbaixo, sem coragem de interromper aquela torrente de erudição sagrada que se derramava sobre ele Quando o prelado concluiu seu sermão, o jurista ergueu-se e aproximando-se dele disse-lhe:

- Como bom católico, irei confessar meu pecado. Como cidadão, agradeço a Vossa Eminência a ajuda que acaba de me proporcionar. Só agora posso compreender toda a gravidade do crime cometido pelo Doutor Salvador. Mas ele será punido. E Iquitandro também não escapará à justiça.

CAPÍTULO XXVIII

O LOUCO GENIAL

O processo criminal não conseguiu abater o ânimo do Doutor Salvador. Permanecia tranquilo na prisão. Conversava com as autoridades e os peritos em tom condescendente, como o adulto em relação às crianças.

Todavia, não podia ficar sem ter algo a realizar. Durante sua estada na cadeia, escrevia muito e até no hospital da detenção teve oportunidade de fazer várias e brilhantes intervenções cirúrgicas. Entre seus pacientes, encontrava-se a esposa do diretor do estabelecimento penal. Um tumor maligno ameaçava-lhe a vida. Mesmo após diversos médicos terem-se negado a operá-la, dando o caso como perdido, Salvador fez-lhe a intervenção, salvando-a da morte certa.

Finalmente, chegou o dia do julgamento.

O imenso salão do Tribunal era demasiado pequeno para conter todos os que desejavam assistir àquele extraordinário acontecimento. A multidão amontoava-se nos corredores, na praça fronteira ao edifício, e espiava pelas janelas. Havia curiosos montados até nas árvores que cercavam o Tribunal.

Tranquilo e senhor de si, Doutor Salvador tomou lugar no banco dos réus. Tanta era a dignidade de seu porte, que mais parecia Ser magistrado do que acusado. Negou-se a contratar advogado.

Centenas e centenas de olhos o fitavam. Poucos, no entanto, eram os que podiam enfrentar o penetrante olhar daquele médico.

A presença de Iquitiandro também era objeto de interesse. Todavia, o homem-anfíbio não foi trazido à sala de julgamento. Nos últimos dias, o rapaz não vinha sentindo-se muito bem e passava, quase que todo o tempo, mergulhado na cisterna, a fim de esconder-se de centenas de olhares curiosos. No processo contra o Doutor Salvador, Iquitiandro figurava como testemunha, ou melhor, segundo palavras do procurador-geral, como um elemento de prova.

O processo a que seria submetido, como acusado por crimes comuns, seria instaurado, após o do médico.

O caso do cientista exigia urgência, ao passo que o de Iquitiandro demandaria tempo para a colheita de provas. A polícia desdobrava-se, porém, com grande sigilo, em coligar material contra o jovem, na taberna "Palmeira". Por seu turno, o arcebispo desejava que o pobre rapaz fosse, o mais depressa possível, chamado por Nosso Senhor. A morte do homem-anfíbio tornar-se-ia afinal a melhor prova de que a mão humana só está em condições de destruir a criação divina.

Três sábios, todos catedráticos da Universidade, funcionando como peritos, apre-

sentaram suas conclusões. O público na sala de julgamento ouvia-os com a máxima atenção, procurando decifrar cada palavra.

O Professor Gutiérrez, catedrático de medicina legal, assim se expressou, ao ler o relatório da comissão encarregada de examinar, do ponto de vista médico-legal, as provas coligidas contra Salvador:

- Incumbidos por este Tribunal, tivemos oportunidade de examinar o jovem Iquitiandro, bem como todos os animais que foram submetidos a intervenções cirúrgicas pelo Professor Salvador em seu laboratório particular. Também examinamos esses laboratórios e salas de operações, os quais, embora de pequenas proporções, eram muito bem instalados. Além das mais recentes descobertas no que tange ao instrumental e aparelhagem cirúrgica, como bisturis elétricos, assepsia através de raios ultravioleta e outros, o Professor Salvador empregava também instrumentos que ainda permanecem inteiramente desconhecidos para os cirurgiões. Provavelmente teriam sido fabricados por encomenda direta do Professor Salvador. Não nos deteremos sobre as experiências a que o réu submeteu diversos animais. Tais experiências não passavam de intervenções que, se bem que audaciosas ao extremo, sempre foram coroadas de perfeito êxito. O Doutor Salvador fazia transplantações e enxertos de tecidos e mesmo de órgãos completos, suturações entre dois animais, com a transformação de "unirrespiradores" em "duorrespiradores", quando não, ao contrário, realizava a transformação de machos em fêmeas e mesmo estudava novos métodos de rejuvenescimento. Nos jardins de sua residência, encontramos crianças e adolescentes, desde a idade de meses até quatorze anos, que são oriundas de diversas tribos indígenas andinas,

- Em que estado foram encontradas essas crianças? - interrompeu o procurador-geral.

- Todas elas estavam no mais perfeito estado de saúde e de espírito. Brincavam e divertiam-se nos jardins da casa do réu. Muitas foram por ele salvas da morte. Os índios confiavam no professor e traziam-lhe crianças dos mais distantes lugares; desde o Alasca até a Terra do Fogo: esquimós, jaganos, apaches, taulipangues, sanapanos, botocudos, panos e araucanos.

Ouve-se então, um suspiro que alguém deixara escapar no Tribunal.

- Gente de todas as tribos costumava levar seus, filhos ao réu.

O procurador-geral começava a sentir-se inquieto. Após aquela entrevista com o arcebispo, seus pensamentos passaram a orientar-se por outro rumo, e assim não lhe era possível ouvir, tranquilamente, todos aqueles elogios feitos ao Professor Salvador. Por isso, interrompendo o perito informante, indagou:

- Segundo sua opinião, as operações feitas pelo réu apresentam alguma utilidade para a ciência e trazem assim vantagens ao gênero humano?

Entretanto, antes que o perito respondesse, o presidente do Tribunal, velho e grisalho, rosto severo, que receava pudesse a resposta desencadear intermináveis discussões, apressou-se em intrometer-se:

- Este Tribunal não tem interesse em conhecer os pontos de vista do perito em questões puramente científicas. Peço-lhe que prossiga seu relatório sobre os resultados dos exames a que se submeteu o jovem Iquitiandro, da tribo araucana,

- Perfeitamente. Verificamos que o corpo desse rapaz está coberto de escamas artificiais - continuou o professor de medicina legal - constituídas por um material que desconhecemos. Trata-se, contudo, de algo muito elástico e ao mesmo tempo dotado de extraordinária resistência. No entanto, a análise do referido material ainda não foi concluída. Sob a água, Iquitiandro usava, com frequência, óculos feitos com vidro especial, constituído de cristal com base de chumbo, cujo índice de refração é igual a

2, o que lhe possibilitava enxergar perfeitamente no interior da água. Ao retirarmos o revestimento de escamas do corpo do rapaz, localizamos, sob ambas as omoplatas, dois orifícios de uns dez centímetros de diâmetro, ambos cobertos por cinco arcos, que se assemelham às guelras de um tubarão.

Ecoaram no salão do Tribunal murmúrios abafados de espanto.

- Realmente, esse fato parece incrível - retornou o perito. - Mas Iqitiandro possui também pulmões humanos, ao lado das guelras de tubarão. Consequentemente, tem capacidade para viver tanto em terra como no fundo da água.

- É, portanto, um homem-anfíbio? - ouviu-se a voz cheia de ironia do procurador-geral.

- Sim. Até certo ponto, poder-se-ia denominá-lo de homem-anfíbio. Trata-se, pois, de um ser terrestre-aquático, que possui duplo aparelho respiratório,

- Poderia explicar a este Tribunal como Iqitiandro adquiriu essas guelras a que se refere o senhor perito? Indagou o Presidente.

- Infelizmente não. Este é um problema que somente o Professor Salvador poderia esclarecer-nos. Nossa opinião a esse respeito pode resumir-se no seguinte: segundo uma lei biológica formulada por Hegel, durante sua fase de desenvolvimento, cada ser vivo passa por todas as formas pelas quais atravessou, durante toda sua existência sobre a terra, a espécie determinada de que se originou. É possível afirmar-se que o homem tenha sua origem em antepassados, cuja respiração outrora se processava por meio de guelras.

O procurador-geral fez um gesto para erguer-se, mas foi detido pelo presidente do Tribunal.

- No vigésimo dia de seu desenvolvimento, o embrião humano apresenta quatro arcos de guelras, um sobre o outro. Mais tarde, o aparelho respiratório do embrião humano transforma-se: o primeiro arco da referida guelra transmuda-se no aparelho auditivo - nos ossos e na trompa de Eustáquio; a parte inferior desse arco da guelra muda-se em mandíbula; o segundo arco - no corpo do osso sublingual; o terceiro - nas cartilagens da garganta. Não acreditamos que o Professor Salvador tenha conseguido interromper o desenvolvimento normal de Iqitiandro durante a fase embrionária. É certo, porém, que a ciência conhece casos em que permaneceu aberto o orifício da guelra, que, no homem adulto se situa na região do pescoço, debaixo da mandíbula. Com tais restos de guelras, é claro, não é possível viver-se sob a água. No caso de tratar-se de um desenvolvimento normal, pela lógica da biologia, uma destas alternativas deveria ter acontecido: as guelras teriam prosseguido em seu desenvolvimento, mas à custa do aperfeiçoamento do aparelho auditivo, além de outras anomalias anatômicas. Neste caso, porém, Iqitiandro ter-se-ia transformado num monstro, cuja cabeça teria um aspecto meio humano e meio de peixe. A segunda alternativa seria a do desenvolvimento normal do gênero humano, com a transformação e por conseguinte o desaparecimento total das mencionadas guelras. Entretanto, como se sabe, Iqitiandro é um jovem absolutamente normal, que possui aparelho auditivo perfeito, mandíbula normal, pulmões íntegros, mas tem, ao mesmo tempo, as tais guelras normalmente desenvolvidas. Como se processa o funcionamento dessas guelras e também o dos pulmões, em que relação exata se encontram ambos esses aparelhos respiratórios entre si, se a água passa através da boca e pulmões para as guelras, ou penetra até as guelras pelos orifícios que localizamos no corpo do rapaz, um pouco acima daquele orifício que se encontra num embrião, do gênero humano, este é um ponto em que nossa ignorância é total. Só poderíamos responder a estas perguntas após a necrópsia. Repetimos, para nós esse fenômeno permanece inteiramente desconhecido. Somente o Professor Salvador poder-nos-ia explicar. O

professor deveria assim contar-nos como foram criados aqueles cachorros que se pareciam com jaguar, animais estranhos não existentes na natureza, macacos aquáticos, os quais, como o jovem Iquitiandro, possuem dois aparelhos respiratórios.

- Mas qual é sua opinião em geral? - indagou o presidente ao perito e cientista que estava sendo ouvido no Tribunal.

O Professor Gutiérrez, célebre cirurgião e acatado cientista, respondeu com toda a sinceridade:

- Devo confessar perante este Tribunal que, nesse setor, não me sinto habilitado a formular qualquer juízo, além dos que venho expendendo até aqui no relatório apresentado pela comissão de peritos e que tenho a honra de presidir. Posso, no entanto, aduzir apenas que os trabalhos executados pelo Professor Salvador merecem o qualificativo de geniais, pois são dignos de um gênio. Provavelmente, o Professor Salvador terá chegado à conclusão de que em sua arte de cirurgião alcançou tal perfeição que é capaz de, num organismo humano ou animal fazer o que lhe aprouver: abri-lo, dissecá-lo, uni-lo e adaptá-lo, segundo seu alvitre. Contudo, embora tenha realizado com o maior êxito e brilhantismo todos esses extraordinários trabalhos, concretizando, com perfeição, todos os seus propósitos científicos, sua ousadia, audácia e descomedimento de ideias chegam mesmo a tocar às raías do desequilíbrio mental.

O professor e réu, Doutor Salvador, sorriu com desdém.

Ignorava, porém, o propósito de seus colegas, os quais pretendiam aliviar-lhe a pena, por isso que lançavam mão do recurso de considerá-lo um doente mental, a fim de que, em lugar de uma prisão, fosse o médico transferido para uma casa de saúde.

- Não é minha intenção afirmar que o Doutor Salvador seja um louco - apressou-se em aduzir o Professor Gutiérrez, ao observar o sorriso do colega. - Entretanto, de qualquer forma, parece-nos que nosso colega deveria internar-se num sanatório de doenças mentais, a fim de ser submetido a exames e observações de psiquiatras.

- Por ora, o problema da sanidade mental do réu não interessa este Tribunal - disse o presidente. - Este Tribunal irá examinar esse aspecto noutra ocasião. O réu presente - disse o juiz, dirigindo-se a Salvador - tenha a bondade de responder às perguntas dos peritos e às do procurador, caso lhe convier.

- Sim - replicou Salvador. - Terei muito prazer em dar a este Tribunal todas as explicações que me forem pedidas. Desejo, porém, que minha intervenção seja a última a ser feita e ouvida.

CAPÍTULO XXIX

A PALAVRA DO RÉU

LEVANTANDO-SE do banco dos réus, cheio de calma e dignidade, Salvador percorreu com os olhos toda a assistência, como à procura de alguém. Viu Baltasar, Cristóvão e Zurita. Numa cadeira, na primeira fila, estava o arcebispo. O réu fitou-o por alguns momentos. Em seu rosto estampou-se mal perceptível sorriso. Em seguida, de novo percorreu com o olhar a assistência, como se buscasse descobrir alguém.

- Não consigo descobrir, entre esta numerosa assistência, a pessoa que foi vítima de todos os danos pelos quais estou sentado neste banco - falou o réu com suavidade.

- Sou eu! - bradou de súbito Baltasar erguendo-se. Cristóvão puxou o irmão pelo braço, forçando-o a sentar-se.

- A quem se refere o réu? - indagou o presidente do Tribunal. - Se deseja mencionar os animais que deformou, devo dizer-lhe que o Tribunal não considerou conveniente trazê-los à vista do público. Quanto a Iquitiandro, o homem-anfíbio, este, de fato, encontra-se neste recinto, porém noutro local, mais apropriado.

Num tom sereno e muito sério, Salvador explicou com simplicidade:

- Senhor Presidente, eu me refiro a Deus, Nosso Senhor.

Escandalizando-se ao ouvir essas palavras, o presidente do Tribunal apoiou-se no espaldar de sua poltrona:

"Será possível que esse homem tenha mesmo perdido o juízo inteiramente? Ou está fazendo-se de louco para fugir à punição?!"

- Que pretende dizer o réu com isso? - perguntou o juiz.

- Creio que este Tribunal compreendeu perfeitamente minhas palavras - retrucou o réu, com a mesma tranquilidade anterior. - Quem é na verdade o único e real prejudicado em tudo o que se debate neste Tribunal? Parece-me que há de ser o Nosso Criador. Segundo a opinião deste Tribunal, com minhas experiências atentei contra a autoridade divina. Nosso Senhor estava satisfeito com sua criação, mas de repente surge um doutor qualquer e assevera: "Sua criação não é perfeita, precisa ser aperfeiçoada!" E começa a modificar a criação divina a seu bel-prazer..

- Isso é um sacrilégio! Exijo que estas palavras sejam registradas nos autos - bradou o procurador num tom de alguém cujos profundos sentimentos acabassem de ser violados.

O réu limitou-se a dar de ombros, prosseguindo:

- Nada mais fiz senão traduzir as palavras do libelo de acusação. Não é este o sentido desse processo? Li os autos. De início acusam-me apenas do crime de realizar

vivisseções e mesmo de invalidar um ser humano. Agora, contudo, estão a querer acusar-me de sacrilégio! Por quê? Quem me está atirando essa acusação?

O Professor Salvador, lançou um olhar para o arcebispo.

- Segundo as respeitáveis autoridades, o processo se encontra no seguinte plano: de um lado, como principal prejudicado, figura o próprio Deus, Nosso Senhor; de outro, no banco dos réus, junto de mim, ao meu lado mesmo, tenho a honra de saber que se encontra Charles Darwin. Possivelmente, com minhas palavras, irei ferir os sentimentos de muitos dos presentes, mas devo repetir que o organismo humano e até o organismo dos animais, não são perfeitos, e exigem que nos esforcemos por aperfeiçoá-los. Espero que o próprio representante do clero católico, o ilustre Arcebispo, Don Juan de Garcilasso, há de concordar comigo.

As últimas palavras do cientista encheram de espanto a assistência.

- Em 1915, pouco antes de minha partida para a guerra - prosseguiu Salvador - tive a honra de fazer uma pequena correção no organismo do nosso mui respeitado arcebispo: retirei-lhe o apêndice, esse inútil complemento do cólon-ceco. Ao que me recordo, estirado na mesa de operação, meu devoto paciente não fez nenhum protesto contra a deformação da imagem e semelhança divina. Ao contrário, permitiu que, com um bisturi, eu lhe extraísse parte de seu corpo. Não é verdade? - perguntou o réu fitando o arcebispo.

O prelado Don Juan de Garcilasso, todavia, permaneceu imóvel. Apenas suas pálidas faces de leve enrubesceram e os finos dedos estremeceram um pouco.

- Lembro-me também de outro caso que, noutro tempo, tratei em minha clínica particular, quando me ocupava do problema do rejuvenescimento. Nessa época, não me teria procurado o prezado procurador-geral Doutor Augusto de...

Ao ouvir seu nome, o procurador-geral pretendeu protestar, mas suas palavras foram abafadas pelas gargalhadas do público.

- Peço-lhe que não se afaste do assunto - disse o juiz-presidente num tom severo.

- Semelhante pedido cabia a mim formular a este augusto Tribunal - retrucou Salvador. - O problema não foi dessa forma exposto por mim, mas pelo próprio Tribunal. É possível que muitos dos presentes tenham ficado meio assustados com a hipótese de terem sua origem a partir de macacos, ou até mesmo de peixes, cujos arcos de guelras transformam-se nos aparelhos auditivos e vocais! A ideia de possuir semelhantes ascendentes - disse Salvador, dirigindo-se ao procurador-geral, que manifestava sinais de impaciência - não deve causar preocupação a ninguém! Não se agastem! Não pretendo transformar este julgamento numa discussão nem dar-lhes aulas sobre a teoria da evolução. - Após breve pausa, o médico-réu prosseguiu: - O mal consiste no fato de o homem não ter deixado de ser animal... brutal, grosseiro e ignorante. Meu ilustre colega, o conhecido sábio Professor Gutiérrez, assustou-os a todos sem necessidade. Não era preciso tratar da evolução do embrião. Eu não iria recorrer a intervenções em embriões, nem tampouco ao cruzamento de animais. Sou um cirurgião. Meu único instrumento é o bisturi. E como cirurgião, tive de socorrer os homens, tratá-los, prestar-lhes assistência. Ao operar enfermos, tinha de fazer, frequentemente, transplantações de tecidos, órgãos e glândulas. Para aperfeiçoamento do método de transplantações e enxertos, eu efetuava intervenções-experimentais nos animais. Durante muito tempo, observava os operados em meus laboratórios, com o objetivo de estudar as reações que se processavam nos órgãos transplantados para novos pontos e mesmo a organismos de outras famílias zoológicas. Ao concluir minhas observações e estudos, transferia os animais aos jardins de minha residência. Desse modo, foi-se formando o meu jardim-museu. O que mais me interessava era o problema da transplantação de tecidos entre animais pertencentes a famílias dife-

rentes, tais como, por exemplo, entre peixes e mamíferos e vice-versa, Também nesse setor obtive resultados que foram considerados impossíveis pelos mais destacados cientistas contemporâneos. Mas que há de inusitado nisso? O que me foi dado obter até hoje, amanhã poderá ser feito por qualquer cirurgião. O Professor Gutiérrez há de conhecer as últimas intervenções que vêm sendo realizadas pelo famoso cirurgião germânico Sauerbruch, o qual conseguiu substituir uma costela pelo fêmur.

- Mas, e o caso de Iquitiandro? - exclamou um dos médicos peritos.

- Iquitiandro é a única coisa de que, de fato, tenho grande orgulho! - deixara escapar o réu. - Ao operá-la, vi-me diante de uma série de dificuldades, as quais não eram apenas de ordem técnica. Era indispensável modificar a função de quase todo o organismo. Seis macacos pereceram nas experiências preliminares, antes que pudesse obter os resultados satisfatórios indispensáveis para que pudesse operar a criança, sem pôr-lhe a vida em risco.

- Em que consistia afinal essa operação? - perguntou o juiz-presidente.

- Implantei nessa criança guelras de um tubarão jovem. Por esta razão é que o menino pode viver, tanto na terra como sob a água.

Exclamações de admiração eclodiram entre os espectadores daquele julgamento "sui-generis". Os repórteres lançaram-se aos telefones para divulgarem a extraordinária notícia aos seus jornais.

- Mais tarde, consegui ainda um êxito ainda maior. Minha última conquista científica é um macaco terrestre-aquático, o qual talvez os peritos devem ter visto. Esse símio tem capacidade de viver um tempo indeterminado tanto na terra como sob a água, sem qualquer prejuízo para a sua saúde. Ao passo que Iquitiandro só pode permanecer fora d'água apenas três ou quatro dias. Maior permanência em terra ser-lhe-à prejudicial: os pulmões cansam-se demasiadamente e as guelras tornam-se ressequidas, em consequência do que Iquitiandro passa a sentir violentas dores. Infelizmente, durante minha ausência Iquitiandro não manteve o regime que lhe fôra recomendado. Permanecia fora da água períodos por demais prolongados, o que forçou as funções de seus pulmões e deu início a um processo patológico bastante sério. O equilíbrio das funções de todo o seu organismo foi afetado, por isso agora ele é forçado a permanecer o maior tempo na água. De homem-anfíbio, ele está se transformando em homem-peixe...

- Permita-me fazer uma pergunta ao réu! - pediu o procurador. - Como lhe surgiu, doutor, a ideia de transformar uma criança em homem-anfíbio e qual o objetivo que visava ao fazer tal experiência?

- A mesma ideia já aqui expendida no começo destas minhas considerações - a de que o homem não é um ser perfeito. Ao adquirir, durante sua evolução, muitas vantagens em comparação com os animais, o homem foi perdendo, no correr do tempo, muitas coisas das que possuía em suas fases inferiores de evolução. Por exemplo: a capacidade de viver no interior da água daria ao homem enorme vantagem. Então, por que não lhe desenvolver esta capacidade? Segundo a história da evolução das espécies, sabemos que os animais terrestres e os pássaros se originaram dos animais aquáticos - saíram do oceano pré-histórico. Sabemos também que alguns animais terrestres voltaram à água. O delfim era um peixe, saiu para a terra, transformou-se num mamífero. Mais tarde, porém, tornou à água, embora permanecesse um cetáceo, um mamífero. Tanto a baleia como o delfim respiram pelos pulmões. Iquitiandro sempre me pedia que operasse um delfim, seu amigo, chamado Leading, para que ambos pudessem juntos permanecer imersos na água por mais tempo. Cheguei mesmo a pretender operar esse delfim. Primeiro peixe entre os homens e primeiro homem entre os peixes, era lógico que Iquitiandro se sentisse sempre muito só. Entre-

tanto, se outros homens também pudessem ter penetrado na água, a vida havia de ser muito diferente! Lá os homens poderiam facilmente conquistar a poderosa força da natureza que é a água. Imaginaram porventura toda a potência dessa força? Sabem todos que a superfície dos mares é de trezentos e sessenta e um milhões e cinquenta mil quilômetros quadrados. O que representa mais de sete décimos da superfície terrestre. Um imenso deserto aquático! Pois esse deserto poderia abrigar, graças às suas riquezas, milhões e milhões de homens. E saber-se que esses trezentos e sessenta e um milhões e cinquenta mil quilômetros quadrados são apenas a superfície dos mares, a área que vemos! Entretanto, os homens poderiam abrigar-se também em diversas camadas das profundezas oceânicas. Imaginem, milhões de pessoas, sem congestionamentos e perfeitamente à vontade, povoando os oceanos!

E a potência hidráulica! Sabem que a água dos mares consome uma energia solar igual à força de 79 milhões de cavalos? Se não houvesse a irradiação desse calor para a atmosfera e além de outras perdas, os oceanos teriam fervido há muito tempo. Os oceanos são, por isso mesmo, uma fonte, praticamente ilimitada, de energia. Mas qual tem sido o uso dado pelo homem a semelhante potencial energético? Quase nenhum. E o potencial das correntes marítimas? Só o "Gulf-stream", e a corrente da Flórida, movimentam noventa e um bilhões de toneladas de água por hora; isto representa umas três mil vezes mais água do que a que traz um grande rio. Que uso tem sido feito desse poder pelo homem? Quase nenhum.

Agora vejamos a potência das ondas e ressacas! Sabem que a potência das quedas das ondas é, às vezes, igual a trinta e oito mil quilos, trinta e oito toneladas por metro quadrado de terra?! A altura das ondas alcança, por vezes, quarenta e três metros e a potência de cada onda deste tipo daria para erguer cerca de um milhão de quilos, por exemplo, os destroços de rochedos. E as ressacas que atingem até dezesseis metros de altura, igual à de um prédio de quatro andares. De que forma está a humanidade aproveitando essas forças? Praticamente, de modo algum.

Na terra os seres vivos só começam a penetrar os espaços cósmicos. Ao passo que nos mares a vida encontra-se em toda parte - do equador aos polos, da superfície até os abismos de quase dez quilômetros.

Mas como estamos aproveitando essas infindáveis riquezas dos mares? Pescamos, eu diria, tiramos peixe da mais superficial camada da água, deixando, porém, inteiramente inexploradas as grandes profundidades. Apanhamos esponjas, coral, pérolas, algumas algas e nada mais.

Sob a água conseguimos realizar alguns trabalhos: colocamos suportes para pontes, retiramos navios afundados. Mas é só. Contudo, também esses trabalhos os executamos com grandes dificuldades, riscos e não raro perdas de vidas humanas. Infeliz do homem da superfície da terra, o qual, já no fim do segundo minuto de permanência sob a água sucumbe! Que importantes obras poderíamos realizar nessas profundidades! Seria bem diferente, se um homem sem escafandro, aparelhos de oxigênio, pudesse trabalhar e viver sob a água...

Quantos tesouros iria encontrar por lá! Iquitiandro disse-me... Mas, por que mexer com o demônio da avidez humana? Iquitiandro trazia-me do fundo do mar amostras de metais preciosos e raríssimas rochas. Oh!, não se aflijam, trazia-me apenas amostras, em mínimas quantidades, contudo, nos mares, essas mesmas podem tornar-se colossais.

E os tesouros afundados com os barcos?

Recordam-se, por exemplo, do naufrágio do transatlântico "Lusitânia"? Na primavera de 1916, foi afundado pelos alemães, próximo à costa da Irlanda. Além da riqueza constituída pelo próprio barco e de mil e quinhentos passageiros que perece-

ram, levava o "Lusitânia" cento e cinquenta milhões de dólares em moedas de ouro e cinquenta milhões em barras do mesmo metal. (Ouviram-se no salão do Tribunal exclamações de espanto). Além disso, o "Lusitânia" conduzia dois cofres repletos de brilhantes, destinados a Amsterdã. Entre eles encontrava-se um dos maiores e melhores do mundo - o "Calif" - cujo valor era de vários milhões de dólares. Sem dúvida, nem um homem como Iquitiandro poderia alcançar tamanhas profundidades; para tanto, seria indispensável criar-se um organismo apropriado. (Novas exclamações de indignação foram ouvidas na sala), o qual deveria ser capaz de suportar as altíssimas pressões, um ser humano semelhante aos peixes das águas profundas. Aliás, não considero absolutamente impossível a criação de semelhante organismo. Todavia, não se poderia obter tudo de uma só vez.

- Parece-me que o réu se atribui a capacidade de uma divindade todo-poderosa, não? - interrompeu, irônico, o procurador-geral.

Sem lhe prestar atenção, o médico prosseguiu:

- Se o homem fosse capaz de viver dentro da água, o conhecimento dos mares, das profundidades, teria progredido extraordinariamente. O oceano deixaria de ser uma poderosa força da natureza, de que temos medo e faz vítimas. Não precisaríamos mais chorar nossos parentes tragados pela tremenda força do mar.

Parecia a todos naquela sala, que já estavam presenciando a conquista do mundo submarino. Quantas vantagens teria a humanidade se pudesse ter conquistado o mar! Nem a próprio juiz-presidente soube conter-se e daí sua pergunta:

- Neste caso, por que o senhor nunca publicou os resultados que obtinha com suas experiências?

- Não desejava apressar-me e ver-me num banco de réu - redarguiu Salvador sorrindo. - Além disso, receava que minhas conquistas no setor da ciência, pudessem, nas atuais circunstâncias, transformar-se em maiores prejuízos do que vantagens para a humanidade. Em torno de Iquitiandro já se trava, neste mesmo instante, uma tremenda luta. Quem foi meu denunciante, que o fez movido apenas pela vingança? Aquele que lá se vê, um senhor chamado Pedro Zurita, que havia raptado Iquitiandro. Possivelmente, depois raptariam Iquitiandro de Zurita. E seriam então generais e almirantes, que o empregariam a afundar navios de guerra do inimigo. Não, meus senhores, eu não poderia dar publicidade à existência de Iquitiandro e seus semelhantes; seria fazê-los propriedade de uma sociedade que está dominada pela luta e a cobiça. Seria transformar os êxitos da ciência num tremendo mal, que só iria aumentar os sofrimentos humanos. Eu pensei em...

Salvador calou-se por alguns instantes. Depois em tom lacônico, prosseguiu:

- É melhor eu não tocar nisso. Se não serei considerado louco. - E com leve sorriso, Salvador fitou seu colega médico-legista. - Não, nego-me a aceitar a honra de ser considerado louco, embora um louco genial. Não sou insano mental, nem maníaco. Realizei o que desejava, pois todos viram com seus próprios olhos, meus trabalhos. Se consideram minha atividade como criminosa, peço que me julguem com toda a severidade, de conformidade com as leis do país. Não imploro condescendência.

CAPÍTULO XXX

NA PRISÃO

Os peritos designados para examinar Iquitiandro deviam prestar atenção, não apenas ao seu estado físico, como também ao mental.

- Em que ano estamos? Que mês? Que dia? Que dia da semana? - perguntavam os médicos.

A todas essas perguntas, Iquitiandro só tinha uma resposta:

- Não sei.

Sentia dificuldade em responder às mais elementares perguntas. Contudo, não se podia considerá-lo um jovem anormal. Ignorava várias coisas em consequência do modo peculiar e as condições de sua existência e educação. Parecia uma criança grande. Os peritos chegaram à seguinte conclusão: "Iquitiandro é incapaz para os atos da vida civil." Tal veredito eximia-o de responsabilidade jurídica. Encerrando o processo ao qual respondia, resolveu-se designar-lhe um tutor. Dois homens manifestaram esse desejo: Zurita e Baltasar,

Salvador tivera razão ao afirmar que fôra Zurita quem o denunciara, movido pelo desejo de vingança. Não obstante, além de procurar vingar-se de Salvador, que lhe arrebatara, indiretamente, Iquitiandro, Zurita alimentava outro objetivo secreto: sonhava apoderar-se de novo do homem-anfíbio, tornando-se seu tutor. Abrira mão das mais valiosas pérolas e subornou generosamente aqueles de quem dependia o futuro de Iquitiandro. Agora achava-se muito próximo de seu objetivo.

Reclamando seus direitos de pai, Baltasar exigia que o nomeassem tutor de Iquitiandro. Não teve sorte, porém. Apesar de todos os esforços de Larra, os peritos declararam que não podiam provar que Iquitiandro tivesse a mesma identidade do filho de Baltasar, que nascera há vinte anos passados, se tivessem para isso de apenas basear-se em um único testemunho: Cristóvão, ou Cristo, que, além do mais, era irmão de Baltasar.

Larra ignorava que o procurador-geral e o arcebispo estavam muito interessados no caso. Como prejudicado, Baltasar, cujo filho fôra roubado, inutilizado, fôra útil ao Tribunal apenas durante a fase processual. Todavia, em reconhecê-lo como pai e confiar-lhe Iquitiandro, os juízes não tinham nenhum interesse. Era até preferível livrar-se definitivamente da sociedade da presença de Iquitiandro.

Cristóvão, agora residia com o irmão e preocupava-se com o estado de Baltasar. Durante horas e horas, este permanecia sentado, imerso em seus pensamentos, esquecido da hora de deitar-se, de comer, de beber. Ou, de súbito, entrava num estado de furiosa agitação, debatia-se estirado num banco, a gritar: "Meu filho! Meu filho!"

Durante tais crises, xingava a todos os espanhóis, mimoseando-os com palavrões do mais baixo calão e em todas as línguas que conhecia.

Certa feita, após uma crise assim, Baltasar encheu Cristo de espanto, ao dizer-lhe:

- Ouça, meu mano: agora vou à prisão. Levarei as melhores pérolas que possuo e as entregarei aos carcereiros para que me deixem ver Iquitiandro. Vou falar com meu filho. Ele há de reconhecer-me como seu pai. Um filho não pode renegar seu próprio pai. O sangue nele há de gritar.

Em vão, Cristo tentou dissuadir o irmão. Todavia, Baltasar mostrou-se irredutível em seu propósito de dirigir-se à prisão. Após implorar, rogar, ajoelhar-se, chorar e cobrir o caminho de pérolas, conseguiu afinal penetrar na cela onde estava Iquitiandro.

O interior desse minúsculo compartimento, mal iluminado por uma janela estreita e provida de grades, era abafado e malcheiroso. Os carcereiros mudavam raramente a água e nem sequer retiravam o peixe apodrecido com que alimentavam tão singular prisioneiro.

A cisterna fôra posta em frente à janela gradeada.

Acercando-se da mesma, Baltasar fitou a superfície escura da água que cobria Iquitiandro.

- Iquitiandro ! - chamou em voz baixa, Baltasar. Iquitiandro... - insistiu ele

A superfície da água chegou a estremecer, mas o rapaz não surgiu à tona.

Após ter esperado um pouco, Baltasar mergulhou a mão trêmula, afundando-a naquela água. E acabou tocando num ombro.

De súbito surgiu a cabeça molhada do rapaz. Ergueu-se até a cintura e perguntou abruptamente:

- Quem é o senhor? Que deseja de mim?

Ajoelhando-se, Baltasar estendeu os braços e disse:

- Iquitiandro! Sou seu pai e venho visitá-lo. Seu verdadeiro pai. Doutor Salvador não é seu pai. Salvador é um homem mau. Ele o aleijou. Iquitiandro, Iquitiandro, olhe para mim. Será que você não está reconhecendo em mim o seu verdadeiro pai?

A água escorria lenta pelos espessos cabelos do jovem, descia-lhe pelas pálidas faces, até pingar-lhe pelo queixo. Com triste e um tanto espantado olhar, fitava Baltasar.

- Eu não o conheço! - exclamou afinal Iquitiandro,

- Iquitiandro! - gritou o velho índio. - Olhe bem para mim! - De repente, abraçando a cabeça do rapaz, estreito-lo contra o peito e a chorar, pôs-se a beijá-lo,

O homem-anfíbio procurava livrar-se daquelas carícias inesperadas, transbordando a água pelo piso da prisão.

Braços poderosos de alguém, agarraram Baltasar pelos ombros e o arrastaram, lançando-o no canto oposto. Ao cair, Baltasar bateu com a cabeça na parede de pedra da prisão.

Ao abrir os olhos, vislumbrou Zurita. Apertando a mão direita como se fôra um punho, agitava na esquerda, com ar vitorioso, um papel:

- Você está vendo isto aqui? É minha nomeação como tutor de Iquitiandro. Você vai ter que procurar um filhinho rico noutro lugar. Quanto a esse moço, amanhã virá comigo. Compreendeu?

Deitado no chão, Baltasar soltou um grunhido.

Um segundo depois, Baltasar já estava em pé e com selvagem grito lançou-se sobre Zurita, atirando-o ao chão.

O índio conseguiu arrancar-lhe o documento da mão e meteu-o na boca, enquanto martelava com ambos os punhos o rosto do capitão da escuna "Medusa", o espanhol Pedra Zurita. A luta foi tremenda.

Postado junto à porta, o carcereiro achou melhor não se meter. Tinha recebido de ambos bons cobres, por isso não desejava atrapalhar a nenhum dos dois. Apenas quando viu que Zurita estava esganando o velho índio, o carcereiro ficou muito preocupado:

- Não vá estrangulá-la!

Enfurecido, Zurita, todavia, não lhe dava ouvidos e Baltasar teria passado por maus bocados não fosse a súbita chegada de novo personagem:

- Magnífico! O senhor está treinando para exercer o cargo de tutor! - ouviu-se na voz de Salvador. - Que está fazendo aí? Não conhece suas obrigações de carcereiro? - perguntou Salvador dirigindo-se ao funcionário da prisão, num tom de voz que parecia a do próprio diretor.

O grito de Salvador surtiu seu efeito. O carcereiro lançou-se a separar os brigões.

Ao ouvirem o barulho, surgiram outros carcereiros, e então puderam ser separados em definitivo os inimigos.

Zurita poderia considerar-se vencedor. Todavia, o vencido Salvador permanecia mais forte entre os dois rivais. Mesmo ali numa cela, nas condições de um prisioneiro, Salvador continuava a manejar os homens e a própria situação.

- Levem daqui esses valentões! - ordenou aos carcereiros. - Preciso ficar sozinho com Iquitiandro.

Apesar dos protestos de Zurita, os carcereiros obedeceram. Os inimigos foram conduzidos para o exterior e a porta fechou-se.

Quando desapareceram do corredor todas aquelas vozes, Salvador acercou-se da cisterna e disse ao rapaz:

- Levante-se, Iquitiandro. Venha para o meio da cela, preciso examiná-lo.

O homem-anfíbio obedeceu.

- Assim! - exclamava Salvador. - Venha para mais próximo da luz. Respire. Mais fundo. Mais um pouco. Prenda a respiração. Assim...

O médico estava auscultando Iquitiandro.

- Está sentindo falta de ar?

- Estou sim, meu pai! - respondeu Iquitiandro.

- O culpado é você próprio. Não devia ter ficado tanto tempo ao ar livre.

Iquitiandro baixou a cabeça e ficou-se pensativo. De súbito ergueu a fronte e, fitando diretamente os olhos de seu pai, disse:

- Por que não, meu pai? Por que todos podem ficar, mas eu não?

Resistir a esse olhar, repleto de censuras mudas, era muito mais penoso para o médico Salvador do que responder a processo. Entretanto, o sábio pôde suportá-lo com firmeza.

- Porque você possui uma capacidade que nenhum homem até agora possuía: a de poder viver imerso na água... Iquitiandro, se tivesse de escolher: ser igual aos demais homens e poder viver na terra, ou só viver dentro da água, qual seria a sua resposta?

- Não sei... - retrucou o jovem, após meditar um instante.

Eram-lhe igualmente caros, tanto o mundo submarino, como o mundo terrestre, onde vivia Carmencita. Entretanto, Carmencita estava perdida para sempre...

- Agora eu teria preferido viver no mar - explicou o rapaz.

- Iquitiandro, de há muito que você fez essa escolha, mas não quis me obedecer, com isso afetou o equilíbrio de seu organismo. E de agora em diante, você só poderá viver dentro da água.

- Mas não dentro desta água horrenda e fétida! Meu pai, aqui eu acabo morrendo. Quero voltar ao oceano!

Salvador mal pôde conter um suspiro.

- Tudo farei para libertá-lo o mais depressa possível desta prisão. Tenha coragem, Iquitiandro! - e batendo no ombro do moço, como se quisesse transmitir-lhe coragem e novas forças, Salvador despediu-se do homem-anfíbio, retirando-se para sua cela.

Sentando-se num banco diante de sua estreita cama, Salvador ficou-se pensativo.

Como qualquer outro cirurgião, ele também conhecia o sabor amargo dos fracassos. Várias eram as vidas humanas que se perderam em consequência de erros devidos ao seu bisturi, antes de ele ter podido atingir a perfeição profissional. Não obstante, nunca pensara outrora naquelas vítimas. Pereceram dezenas, mas centenas tinham sido salvas. Antigamente esta simples operação aritmética o satisfazia.

No entanto, sentia-se responsável pelo destino de Iquitiandro. O rapaz convertera-se no único motivo de orgulho para ele. Amava o rapaz como sua melhor obra. E além disso, afeiçoara-se a Iquitiandro e o amava como a um filho. E agora, aquela doença de Iquitiandro e seu futuro preocupavam e inquietavam Salvador.

Alguém bateu à porta.

- Entre! - exclamou o médico.

- Não vou importuná-lo, senhor professor? - perguntou em voz baixa o diretor da prisão.

- Absolutamente! - disse Salvador erguendo-se. Como estão passando sua esposa e a criança?

- Muito bem, obrigado. Mande todos para longe daqui, em casa de minha sogra, nos Andes...

- O clima andino fará bem a ambas - disse Salvador.

O diretor não fazia menção de retirar-se. De olhos postos na porta, aproximou-se do médico e lhe disse num murmúrio:

- Professor, devo-lhe minha vida pelo que o senhor fez por minha mulher. O senhor salvou o ser que me é mais querido...

- Não me agradeça, cumpri apenas meu dever.

- Mas não posso permanecer em dívida para com o senhor - insistiu o diretor. - E não é só isso. Não sou culto nem muito instruído. Leio, porém, os jornais e sei quem é o Professor Salvador. Não se pode admitir que um homem como o senhor fique preso na companhia de ladrões e vadios.

- Os meus sábios amigos, ao que tudo indica, parece que conseguiram minha transferência para uma casa de saúde, destinada a alienados - explicou Salvador a sorrir.

- Um hospital é a mesma coisa que uma prisão retrucou o diretor da penitenciária. - E é ainda pior: em lugar de ladrões, o senhor vê à sua volta, loucos. Imagine só, o Professor Salvador em meio de loucos! Não! Não, não é possível uma coisa dessas!

Baixando ainda mais o tom de voz, balbuciou o diretor:

- Já ponderei tudo. Não foi à-toa que mandei minha família para as montanhas. Vou preparar-lhe a fuga e eu próprio desaparecerei daqui. Foi por necessidade que vim trabalhar neste lugar, mas detesto este emprego. A mim ninguém mais há de encontrar; quanto ao senhor... o senhor sairá deste país, onde reina tanta injustiça. Quero dizer-lhe uma coisa ainda - prosseguiu o diretor, após curta hesitação. - Estou traindo um segredo; um segredo de Estado...

- Não precisa fazer uma coisa dessas! - interrompeu-o Salvador.

- Mas acontece que não posso, não posso cumprir a ordem recebida ... uma ordem tremenda. Minha consciência não me deixaria viver tranquilamente. Traindo tal segredo-

do, sinto que minha consciência tornará à sua tranquilidade e paz de sempre. O senhor fez tanto por mim, ao passo que eles..Não tenho nenhuma obrigação para com tais autoridades, tantos mais... se me forçam a cometer um crime...

- Não me diga? - espantou-se Salvador.

- Sim. Eu acabo de saber que Iquitiandro não será entregue nem ao Baltasar nem ao seu tutor Zurita, apesar de esse ter nomeação legal. Zurita não receberá Iquitiandro mesmo com o dinheiro que possui, simplesmente porque... Pretendem liquidar Iquitiandro.

Salvador empalideceu. -

É assim? Continue!

- Sim, eles desejam liquidar o homem-anfíbio, embora nunca tivessem proferido a palavra "matar". Acabo de receber o veneno, que devo despejar esta noite na água da cisterna. O médico da penitenciária está a par de tudo, depois dará atestado, afirmando que Iquitiandro morreu em consequência da operação realizada pelo senhor, quando o transformou em anfíbio. Se eu me recusar a cumprir essa ordem serei punido severamente. E no entanto, tenho família... Eles serão capazes de matar-me a mim próprio e assim nada transpirará. Estou nas mãos deles Tenho no meu passado um crime... pequeno, quase accidental... Mas tudo isso não é o que importa neste momento. Resolvi fugir e preparei tudo para isso. Não quero, porém, ver Iquitiandro morto. Salvar ambos, o senhor e Iquitiandro, num espaço de tempo tão pequeno, é muito difícil, se não impossível. Contudo, salvar apenas o senhor, isso é fácil. Está tudo pronto. Tenho muita pena de Iquitiandro, mas a vida do senhor, doutor Salvador, é muito mais preciosa. Mais tarde, o senhor poderá criar outro Iquitiandro, ao passo, que outro Doutor Salvador ninguém no mundo poderá fazer.

Salvador aproximou-se mais do diretor e apertou-lhe a mão dizendo:

- Agradeço muitíssimo. Mas não posso aceitar seu sacrifício em meu único benefício. O senhor poderá ser preso e punido.

- Não se trata de nenhum sacrifício! Ponderei tudo!

- Um momentinho. Deixe-me dizer e repetir que para mim não posso aceitar esse sacrifício... Mas se puder salvar Iquitiandro fará por mim muito mais do que se me pusesse em liberdade. Tenho saúde, sinto-me forte e em todos os lugares terei amigos para ajudarem-me a obter minha libertação. Ao passo que Iquitiandro precisa sair imediatamente daqui, se não...

- Recebo isso como se fosse uma ordem, senhor respondeu o diretor.

Quando este saiu, Salvador sorriu e disse de si para consigo:

- Assim é melhor .. Pois o pomo da discórdia não cairá nas mãos de ninguém.

Deu alguns passos pela cela, e murmurou: "Pobre rapaz!" Em seguida, aproximou-se da mesa, escreveu um bilhete e bateu na porta.

- Chame o diretor, por favor!

Quando este chegou, Salvador lhe disse:

- Tenho um outro pedido a fazer-lhe. Talvez o senhor possa arranjar-me mais uma outra entrevista com Iquitiandro. Será a derradeira!

- Não há nada mais fácil. Não temos no momento nenhuma das autoridades superiores por aqui, tudo está à sua disposição.

- Ótimo! Uma coisa mais.

- As suas ordens!

- Libertando Iquitiandro o senhor fará tudo por mim.

- Mas o professor negar-me-á tão grande mercê de...

- Admitamos que agora estamos quites - interrompeu Salvador. - Eu posso e quero ajudar sua família. Aqui tem este bilhete. Contém apenas o endereço e uma única le-

tra "S" - Salvador. Dirija-se a esse endereço Trata-se de um homem de toda confiança. Se precisar esconder-se por algum tempo, se precisar de dinheiro...

- Mas...

- Nada de "mas". Leve-me o mais rápido à cela de Iquitiandro,

O jovem admirou-se ao ver de novo Salvador em sua cela. Jamais vira seu pai mais triste nem tão carinhoso como naquele momento.

- Iquitiandro, meu filho - começou o médico vamo-nos separar, muito antes do que eu pensara e talvez por muito tempo. Seu destino muito me preocupava. Você vive cercado por inúmeros perigos... Caso permaneça aqui, não sairá vivo; morrerá ou, na melhor das hipóteses, tornar-se-à um prisioneiro de Zurita ou outro qualquer bandido.

- E você, meu pai?

- Naturalmente, o Tribunal irá condenar-me a uns dois anos ou talvez um pouco mais. Durante minha permanência na prisão, você deverá ficar livre de qualquer perigo num lugar distante daqui. Há um ótimo refúgio para você. Entretanto, é muito longe daqui, do outro lado da América do Sul, para o oeste do Oceano Pacífico, numa das Ilhas Taumotau ou melhor nas Ilhas Baixas. Chegar até lá não lhe será fácil, contudo, os perigos do caminho não são nada se comparados aos que, o aguardam aqui, nesta Baía do Prata. Ser-lhe-à muito mais fácil descobrir essas ilhas e atingi-las, do que escapar aos perigos, às redes e armadilhas dos inimigos, nesta baía.

Que caminho ser-lhe-á conveniente tomar? Poderá seguir contornando a América do Sul pelo norte e pelo sul. Ambos os caminhos apresentam suas vantagens e desvantagens. O caminho pelo norte é um pouco mais longo. Além disso, escolhendo-o, você deverá passar pelo Canal do Panamá, o que é perigoso: você poderá ser preso, especialmente nas comportas, ou, ao menor descuido, esmagado por um grande navio. O canal é estreito e pouco raso: sua largura máxima é de 91 metros e a profundidade de 12,5 metros. Os navios modernos quase tocam o fundo do canal.

Em compensação iria nadar muito mais tempo em água tépida. Além disso, três grandes caminhos oceânicos têm sua partida no Canal do Panamá: dois levam à Nova Zelândia e o terceiro à Ilha Fidji e outras. Se você pudesse nadar pelo centro do canal, agarrando-se ao fundo dos navios chegaria mais depressa, quase no lugar certo. Pois os caminhos para a Nova Zelândia abrangem a zona do Arquipélago Taumotau. Você teria apenas de subir um pouco na direção norte.

O caminho pelo sul é mais curto, mas você terá de nadar em águas frias, fronteiriças aos icebergues especialmente se contornar o Cabo Horn, próximo à Terra do Fogo - o ponto mais longínquo da América do Sul. O Golfo de Magalhães é muito agitado. Para você é muito menos perigoso do que para os navios, mas ainda assim bastante séria a travessia desse golfo Para o leste é ele mais largo, no oeste mais estreito e cheio de pedras, rochedos a ilhas. Os fortes ventos do oeste impulsionam a água para o leste, em direção contrária à que irá tomar. Em tais redemoinhos você poderia despedaçar-se.

Por esta razão eu aconselho-o a tomar o caminho mais longo, contornando o Cabo Horn e não o Golfo de Magalhães. A água vai esfriando-se gradualmente, e espero que você vá se acostumando com a temperatura cada vez mais baixa, sem que sua saúde venha a sofrer danos. Quanto à alimentação, não há nenhum problema. Você terá sempre à mão o que comer. Desde criança você se habituou a tomar água do mar, e peixes você terá à vontade.

Localizar o caminho que leva às Ilhas Taumotau a partir do Cabo Horn é que será mais difícil do que saindo do Canal do Panamá. Do Cabo Horn não partem grandes correntes submarinas pelas quais possam trafegar navios. Eu vou dar-lhe a largura e

o comprimento exatos: você os irá medir com o auxílio de instrumentos especiais que foram fabricados para seu uso pessoal, a meu pedido e sob minha orientação. Apenas tais aparelhos representarão um fardo para você e limitarão sua capacidade de movimentos...

- Levarei Leading comigo. Ele carregará esses instrumentos. Como irei ter a coragem de me separar do meu amigo? Com certeza ele há de estar morrendo de saudades.

- Não se pode mesmo dizer qual de vocês terá maior saudade - disse, com um sorriso, Salvador. - Está bem, leve Leading com você. Chegando às Ilhas Taumotau, você procurará uma ilha solitária de corais. Reconhecê-la-á por um mastro que se eleva muito alto, e em cuja ponta está preso um grande peixe. Isso será fácil observar. Provavelmente perderá dois ou três dias nessa busca, mas, não tem importância, lá a água é tépida e existem muitas ostras.

Iqitiandro estava habituado a ouvir Salvador, sem interrompê-la, mas naquele momento, não pôde conter-se e perguntou-lhe:

- Mas, que vou eu encontrar nessa ilha com um cata-vento em forma de peixe?

- Amigos. Amigos de verdade. O carinho e a acolhida desses amigos - respondeu Salvador. - Lá reside meu velho amigo, o sábio Armando Villebois, célebre oceanógrafo francês. Eu o conheci quando estive na Europa há muitos anos. Armando Villebois é homem muito interessante e meu grande amigo. Agora, porém, não posso contar-lhe muitas coisas sobre ele. Não temos muito tempo. Espero que você próprio possa conhecê-lo, bem assim como a história que o levou a essa ilha isolada no Oceano Pacífico. Ele não vive lá sozinho. Moram com ele a esposa, um filho e uma filha, que já nasceram na ilha. Agora devem ter, o filho 25 e a moça uns 17 anos.

Todos o conhecem através de minhas cartas e tenho certeza de que irão acolhê-lo como a um próprio filho... - Salvador calou-se por um instante. - Naturalmente que, de agora em diante, você terá de passar a maior parte do tempo dentro da água. Contudo, para encontros e contatos amistosos, você poderá sair da água por algumas horas. No caso de que sua saúde venha a melhorar, como espero e é possível, você poderá de novo permanecer ao ar terrestre tanto tempo quanto debaixo da água.

Na pessoa de Armando Villebois você encontrará um outro pai. Por sua vez, será para ele um excepcional auxiliar em seus trabalhos científicos no campo da oceanografia. Seus conhecimentos, Iqitiandro, sobre o mar e seus habitantes, são muito maiores do que os de dezenas de professores - Salvador sorriu. - Engraçado aqueles peritos a perguntarem coisas tão banais para você, como que dia era, que mês, que ano - tudo isso você ignorava porque não tinha nenhum interesse em saber. Se lhe fizessem perguntas sobre as correntes marinhas e submarinas, temperatura da água, porcentagem de sal nas águas da Baía do Prata e suas adjacências, poderiam escrever volumes inteiros de dados científicos. Agora imagine você quanto irá saber guiado por um cientista experiente e brilhante como Armando Villebois! Quantas informações poderá você prestar à humanidade a respeito de suas excursões submarinas! Estou convencido de que vocês dois poderão fazer tal trabalho no setor da oceanografia, que constituirá uma nova era no progresso dessa ciência e será conhecido em todo o mundo. Seu nome surgirá ao lado do de Armando Villebois. Eu bem conheço o meu amigo, ele próprio insistirá em que seu nome, meu filho, figure ao lado do dele e seja conhecido em toda parte. Você irá servir à ciência e portanto a toda a humanidade.

Aqui permanecendo, você seria obrigado a servir a interesses infames, de pessoas indignas, ignorantes e cobiçosas. Estou certo de que você encontrará nas águas

transparentes do atol, bem como na família de Armando Villebois, um lugar tranquilo, onde será muito feliz.

Um conselho mais: assim que se encontrar de novo no mar, o que poderá acontecer ainda esta noite, vá nadando diretamente para casa através do túnel submarino. (Em casa não há mais ninguém além de Jim, que nos é fiel). Tome então os instrumentos de navegação submarina, a faca e outras coisas, procure imediatamente Leading e antes do sol se levantar vá-se embora.

Após outra interrupção, Salvador concluiu:

- Adeus Iquitiandro! Não, até a vista!

Então, pela primeira vez em sua vida, Salvador estreitou Iquitiandro com força contra o peito e beijou-o. Em seguida, sorriu, deu umas palmadinhas nas costas do homem-anfíbio e disse:

- Um rapaz como você será bem recebido em qualquer parte! - e com passos rápidos, Salvador retirou-se da cela.



CAPÍTULO XXXI

A FUGA

MAL Olsen acabou de chegar em casa, após o trabalho na fábrica de botões, alguém bateu-lhe à porta.

- Quem é? - indagou o rapaz em tom aborrecido.

A porta abriu-se e entrou uma jovem.

- Carmencita! É você? De onde vem? - exclamou Olsen, entre espantado e feliz, erguendo-se de um salto, da cadeira.

- Boa tarde, Olsen! - disse a moça, - Pode continuar seu jantar. - Após apoiar-se na porta, Carmencita prosseguiu:

- Eu não posso mais viver com meu marido e minha sogra. Pedro... me espancou. E eu resolvi abandoná-lo, Parti para sempre, Olsen.

Tal notícia obrigava o rapaz a interromper o jantar.

- Mas isso não pode ser! Será mesmo possível? exclamou, por fim, Olsen. - Sente-se. Você mal se aguenta em pé. Como foi isso? Você se lembra quando me dizia: "O que Deus uniu, o homem não pode separar"... E agora? Foi melhor assim. Estou satisfeito. Você voltou para a casa de seu pai?

- Meu pai não sabe de coisa alguma. Depois, Zurita iria lá e me levaria de volta. Estou em casa de uma amiga.

- E agora? Que pretende fazer?

- Vou trabalhar na fábrica. Por isso é que venho pedir-lhe que me ajude a arranjar um emprego por lá... Qualquer um me serve.

Olsen meneou a cabeça, preocupado.

- Não será fácil, mas vou tentar. - Após meditar um momento, prosseguiu: - Não se esqueça de que você se encontra na Argentina. Zurita vai descobri-la e depois... Você própria já sabe que ele não a deixará em paz. Mesmo porque, a lei e a opinião pública estão do lado dele

Carmencita ficou-se pensativa por algum tempo, depois replicou num tom decisivo:

- Está bem! Nesse caso, eu vou-me embora daqui. Irei para o Canadá ou o Alasca...

- Para a Groenlândia ou o Pólo Norte! - gracejou o rapaz. Depois, com ar sério, disse, Olsen: - Vamos pensar nisso. Aqui você corre perigo. Eu também pretendo sair deste país. Por que vim para cá, na América do Sul? Aqui tudo é tão conservador... tão... Pena que não tivéssemos conseguido fugir naquela vez... Zurita apressou-se em raptá-la, enquanto que nossas passagens e o dinheiro ficaram perdidos. Agora, com certeza, você não há de ter dinheiro, tal como eu. Poderíamos ir para a Europa,

embora não seja necessário partir para tão longe por enquanto. Bastaria que alcançássemos o Paraguai - falo nós pois não vou deixá-la aqui. É muito perigoso você permanecer nesta cidade. Seria ainda melhor se conseguíssemos chegar até o Brasil. Lá Zurita teria grandes dificuldades em localizá-la, ao passo que ganharíamos tempo para depois seguir para a América do Norte ou Europa... Você sabe que o Doutor Salvador está preso junto com Iquitiandro?

- O Iquitiandro? Então ele foi descoberto? Por que está preso? Poderia vê-lo? - dizia, numa cascata de indagações, a moça

- Iquitiandro está na cadeia e corre perigo de ir de novo para as mãos de Zurita. Um processo absurdo, com base nas mais espantosas acusações, instaurado contra o doutor e Iquitiandro.

- Que horror! E não há meio de salvá-lo?

- Tentei fazê-lo, tudo em vão. Entretanto, para grande surpresa, o próprio diretor da prisão mostrou-se nosso amigo. Hoje à noite vamos libertar Iquitiandro. Acabo de receber dois bilhetes: um do Doutor Salvador, e outro do diretor.

- Eu gostaria de ver Iquitiandro! - exclamou Carmencita. - Posso ir com você?

Olsen pôs-se a meditar, depois replicou:

Acho que não. É melhor que você não o veja.

- Mas... por quê?

- Iquitiandro está doente. Está doente na sua condição humana, pois na de peixe encontra-se em perfeito estado de saúde.

- Compreendo.

- Iquitiandro não pode mais respirar o ar livre da terra. Que irá acontecer se ele vê-la de novo? Acho que seria muito penoso para ambos. Iquitiandro há de querer encontrar-se com você mais tarde. Todavia, a vida ao ar livre poderá levá-la à morte.

Carmencita baixou a cabeça.

- Sim... É isso mesmo... Você tem toda razão!

- Entre Iquitiandro e o resto do mundo existe agora uma barreira, que é o mar. Iquitiandro está condenado: de agora em diante, a água será seu único ambiente de vida.

- Mas como poderá ele viver no oceano? Sozinho no oceano? Um único ser humano entre peixes e outros habitantes do mar? ..

- Mas ele é até muito feliz no seu mundo submarino...

Carmencita sentiu-se enrubescer,

- Agora... naturalmente, ele não há de sentir-se tão feliz como outrora...

- Basta! - exclamou a moça, cheia de tristeza.

- Mas o tempo se incumbirá de curar tudo. Quem sabe, talvez ele venha a recuperar a tranquilidade perdida. E vai viver entre peixes e outros viventes do mar. Se um tubarão não o devorar, há de viver até ter os cabelos brancos... Quanto à morte? Não está ela em toda parte?...

Adensava-se o crepúsculo. O quarto tornava-se escuro .

- Agora preciso partir - disse Olsen. - Está na hora.

Ambos se levantaram.

- Posso vê-la, ao menos de longe? - pediu a moça

- Está bem, desde que ele não a veja.

- Prometo que isso não há de acontecer.

Reinava completa escuridão, quando, disfarçado de aguadeiro, Olsen penetrou no pátio da prisão, pelo lado da Rua Coronel Diaz.

A sentinela bradou:

- Aonde vai?

- Estou trazendo água do mar para o "diabo" - explicou Olsen, segundo lhe recomendara o diretor.

Todos sabiam na prisão que lá se encontrava um estranho prisioneiro - o "diabo-do-mar", mantido numa cisterna cheia de água salgada, pois o homem-anfíbio não suportava a água doce. De tempos em tempos, a água era mudada, traziam-na em enorme barril numa carroça.

Olsen aproximou-se do edifício da cadeia e deteve-se junto à porta destinada aos funcionários. O diretor preparara tudo. As sentinelas e carcereiros, que comumente estavam pela entrada e corredores, haviam sido enviados, com diversos motivos, em missões fora dos respectivos postos. Acompanhado pelo próprio diretor, Iquitiandro abandonou a prisão.

- Pule depressa para dentro do barril! - balbuciou o diretor.

O homem-anfíbio obedeceu.

- Pode ir!

Olsen fustigou os cavalos, saiu do pátio e, calmamente, tomou a Avenida Alvear, passando pela Estação do Retiro.

Por trás da carroça, rápido, perpassou um vulto de mulher.

Era noite completa, quando Olsen saiu da cidade. A estrada passava pela praia. Soprava um vento marinho. As ondas batiam na areia.

Olsen lançou um olhar em volta. Não se via viva alma. Se bem que, ao longe, brilhassem luzes de automóveis que passavam. "Vou deixar que passem todos."

Quase cegando com seus faróis, passou ruidoso pela carroça um automóvel.

- Agora! - bradou Olsen, que, voltando-se, fez um sinal a Carmencita, que se escondesse por trás das pedras. Em seguida bateu no barril e gritou:

- Chegamos! Pode sair!

Surgiu uma cabeça de dentro do barril.

Iquitiandro olhou em torno de si, ergueu-se rápido, saltou para a terra. - Obrigado, muito obrigado, Olsen! - exclamou agradecido o jovem, ao mesmo tempo que apertava com vigor a mão enorme de seu amigo.

Iquitiandro respirava com dificuldade, como se estivesse com uma crise de asma.

- Não há de quê! Adeus! Tome cuidado. Afaste-se da praia. Evite os pescadores para não cair outra vez prisioneiro.

Nem Olsen sabia quais as instruções que Iquitiandro havia recebido do Doutor Salvador.

- Está bem, está bem! - exclamou Iquitiandro perdendo o fôlego. - Eu vou nadar para muito longe, junto de ilhas de coral, onde não chega nenhum navio. Obrigado, Olsen! - O homem-anfíbio correu em direção do mar.

- Ao penetrar na água, voltou-se de repente e gritou:

- Olsen, Olsen! Se você se encontrar com Carmencita, diga-lhe que lhe mandei um abraço e que jamais hei de me esquecer dela!

E ao lançar-se ao mar, ainda disse Iquitiandro:

- Adeus, Carmencita!

- Adeus, Iquitiandro! - murmurou muito suavemente Carmencita, escondendo-se atrás das pedras.

O vento já soprava com mais força. Agitava-se o mar. Rangia a areia. Ruidosas, atiravam-se as ondas contra os rochedos.

A moça sentiu em sua mão um leve aperto

- Vamos, Carmencita! - disse-lhe, em voz carinhosa, Olsen.

Ambos saíram pela estrada.

Carmencita voltou-se ainda uma vez e fitou o mar. Depois, apoiando-se no braço

de Olsen, voltou para a cidade.

* * *

Cumprida sua pena, Doutor Salvador retornou à sua residência e aos seus estudos. Preparava-se para uma longa viagem.

Cristóvão continuou a trabalhar com o médico na fortaleza.

Tendo adquirido nova escuna, Zurita está pescando pérolas no Golfo da Califórnia. Embora não seja o homem mais rico da América, Pedro não pode queixar-se da sorte. As pontas dos bastos bigodes, quais ponteiros de um barômetro, indicam pressão alta.

Carmencita, após divorciar-se do marido, casou-se com Olsen. Residem em Nova Iorque e trabalham numa fábrica de conservas. No litoral do golfo do Rio da Prata, ninguém mais se lembra do "diabo-do-mar".

Apenas, em noites abafadas, ao ouvirem no silêncio do mar um som estranho, explicavam os velhos pescadores aos mais jovens:

- Era assim que soprava o "diabo-do-mar"! - E põem-se a narrar as lendas a respeito do homem-anfíbio.

Há, porém, em Buenos Aires, uma única pessoa que jamais se esqueceu de Iquitiandro

A garotada toda do bairro conhece aquele velho índio araucano, meio maluco e meio mendigo.

- Aquele ali é o pai do "diabo-do-mar"!

O velho, contudo, não liga a mínima importância aos gritos da criança.

Sempre que topa com um espanhol, o ancião esgarra e murmura uma maldição.

A polícia, entretanto, não molesta o velho Baltasar. Sua loucura é mansa e ele não prejudica a ninguém.

Só quando desaba qualquer temporal sobre o oceano, o pobre índio, fica agitado.

Corre a toda pressa até a praia e, arriscando-se a ser tragado pelas ondas, sobe a uma daquelas pedras, põe-se a gritar dia e noite, até que a tempestade tenha passado:

- Iquitiandro! Iquitiandro, meu filho!

O mar, no entanto, sabe guardar profundamente o seu segredo

Este livro foi composto e impresso na

GRÁFICA URUPÊS S. A.

Rua Pires do Rio, 338 São Paulo

1 9 6 2

*